



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Artes Aplicadas

Classe de conjunto de guitarras: Dinâmicas musicais, sociais e culturais

Igor Duarte Mestre Guerra

Orientador:

Professor Doutor José Carlos David Nunes Godinho

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música - Instrumento e Música de Conjunto, realizado sob orientação científica do Professor Doutor José Carlos David Nunes Godinho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Novembro de 2016

Dedicatória

À minha esposa, Vera Sigre Leirós.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível com o apoio e colaboração de várias pessoas, que de certa forma contribuíram para que o mesmo fosse possível, a que eu gostaria de agradecer:

Ao Professor Doutor José Carlos Godinho, como meu orientador, pela forma com que me apoiou, ajudou e pela amabilidade e disponibilidade que sempre me recebeu;

Ao Professor Doutor Miguel Carvalhinho, como meu supervisor, pelo apoio e ajuda, que através das opiniões, sugestões e críticas contribuiu para o enriquecimento deste trabalho;

Ao Professor Hélder Almeida, como meu amigo, pela amizade, colaboração, entreaajuda e amabilidade que sempre teve para comigo;

Ao Diretor Pedagógico do Conservatório Regional de Música de Vila Real, Professor Nuno Paula Santos, como colega e amigo, pela amizade, companheirismo e disponibilidade tornou possível este projeto;

Aos meus amigos, Luís Estudante, Luís Malha Valente, Luís Silva e Rafael Umbelino pela amizade e entreaajuda que sempre tiveram para comigo;

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo;

Aos meus alunos e encarregados de educação um obrigado pela colaboração;

Ao meu pai, mãe, irmão, cunhado, e sogros por todo o apoio prestado;

À minha esposa pelo amor, carinho, compreensão, pela ajuda e orientação indispensável nesta fase da minha vida;

De forma geral, a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A música assume uma importância singular nas nossas vidas, influenciando a nossa visão e o modo como nos relacionamos com o mundo, bem como a nossa identidade.

(Hargreaves, Miell, & MacDonald, 2003)

Resumo

Este relatório incide sobre o estágio pedagógico desenvolvido no Conservatório Regional de Música de Vila Real, no âmbito do mestrado em ensino de música da Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco e, em particular, num projeto de investigação que pretendeu analisar as dinâmicas musicais, sociais e culturais potenciadas pela classe de conjunto de guitarras, em formato de *ensemble*, recentemente criada pelo investigador como complemento às aulas individuais de guitarra e que integrou sete alunos de guitarra do 1.º ao 5.º grau.

Este estudo enquadrou-se teoricamente em conceitos fundamentais do ensino da música, relacionados com os contextos de aprendizagem musical e sobre os processos de desenvolvimento musical e instrumental, mas também em conceitos de aprendizagem e interação social e de construção de identidades musicais, que podem ser potenciadas pela participação no *ensemble* de guitarras.

Este projeto de investigação-ação contemplou uma intervenção entre novembro de 2015 e junho de 2016, que incluiu aulas semanais de 90 min e seis concertos realizados em diferentes locais e contextos da cidade.

Foram realizadas entrevistas a alunos, encarregados de educação e ao diretor pedagógico do conservatório, as quais foram analisadas e interpretadas em articulação com as notas recolhidas através da observação sistemática de todo o processo. Os resultados apontam para o reconhecimento pelos inquiridos do potencial formativo das dinâmicas musicais, sociais e culturais desencadeadas pelo *ensemble* de guitarras, em conjugação com as aprendizagens desenvolvidas nas aulas individuais de guitarra. Em particular, apontam para importantes aprendizagens realizadas entre pares e para a valorização da música como processo de partilha cultural e de construção de identidade musical.

Palavras-chave

Classe de conjunto de guitarras; dinâmicas musicais; dinâmicas sociais; dinâmicas culturais.

Abstract

The present report focuses on the school practice developed at Conservatório Regional de Música de Vila Real, which is part of the Mestrado em Ensino de Música of Escola Superior de Artes Aplicadas of Castelo Branco. Particularly, it describes a research project that aimed to analyse the musical, social, and cultural dynamics enhanced by an ensemble of guitars, recently created by the researcher as a complement to the individual guitar classes. The project included seven guitar students from the 1st to the 5th conservatory degree.

Theoretically, this study discusses crucial concepts of musical teaching, related to musical learning contexts and the processes of musical and instrumental development. Likewise, the study relates to social interaction and learning concepts as well as the construction of musical identities, which can be enhanced by the participation in the guitar ensemble.

This project of action-research included an intervention between November 2015 and June 2016 of 90 minutes classes on a weekly basis and six concerts in different locations and contexts of the city.

The students, their parents and the school director were interviewed. The interviews were analysed and interpreted in articulation with the notes retrieved by the systematic observation of the whole process. Results indicate that participants recognize the educational potential of musical, social and cultural dynamics developed within the guitar ensemble, as a complement to the individual guitar classes. Particularly, results show the importance of learning with peers as well as the recognition of music as a process of cultural sharing and musical identity development.

Keywords:

Guitars school ensemble; musical learning; social interaction; cultural sharing.

Índice geral

Dedicatória	III
Agradecimentos.....	V
Resumo	IX
Abstract.....	XI
Índice de imagens	XVII
Índice de tabelas.....	XVII
Anexos.....	XVII
Introdução Geral	1
Parte A - Prática de Ensino Supervisionada.....	3
Introdução	5
1. Contextualização Escolar	6
1.1. Caracterização geográfica e histórica do Conservatório Regional de Música de Vila Real.....	6
1.2. Condições físicas.....	7
1.3. População escolar	7
1.4. Corpo docente.....	7
1.5. Organização e gestão pedagógica	7
2. Caracterização dos alunos	8
2.1. Caracterização da aluna de instrumento	8
2.2. Caracterização da classe de conjunto de guitarras	8
3. Desenvolvimento da Prática Supervisionada.....	9
3.1. Planificação.....	9
3.2. Aulas individuais / Conjunto	9
3.2.1. Planificações de aulas selecionadas	9

3.3. Planificações e reflexões das aulas individuais de Guitarra.....	10
3.4. Planificações e reflexões das aulas de classe de conjunto de Guitarra	17
4. Relatório das atividades.....	23
5 – Reflexão final sobre a Prática de Ensino Supervisionada.....	28
Parte B - Projeto de Ensino Artístico	29
1. Tema e problemática do estudo.....	31
1.1. Objetivos da intervenção	32
1.2. Objetivos da investigação	32
1.3. Estrutura do projeto	33
2. Enquadramento teórico	34
2.1. Dinâmicas musicais.....	34
2.1.1. Espiral de desenvolvimento musical.....	34
2.2. Dinâmicas sociais.....	37
2.2.1. Professor na motivação	38
2.3. Dinâmicas culturais.....	38
2.3.1. Relação com o professor/músico.....	39
2.3.2. Relação com as instituições e comunidade	39
3. Metodologia: Intervenção.....	41
3.1. Caracterização da metodologia Investigação-Ação	41
3.2. Objetivos da intervenção	42
3.3. Descrição da intervenção.....	43
4. Metodologia: Investigação	45
4.1. Objetivos da investigação	45
4.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	45
4.2.1. Observação direta com registo de notas de campo	45
4.2.2. Gravação de vídeo	46
5. Entrevistas.....	46

5.1. Guião de Entrevistas	47
5.2. Técnica de análise e tratamento de dados (análise de conteúdo das notas de campo e vídeos das entrevistas).....	49
5.2.1. Criação de categorias e subcategorias.....	49
5.2.2. Identificação	49
5.2.3. Análise das entrevistas	50
6. Apresentação e discussão dos resultados	54
6.1. Perceções gerais	54
6.2. Dinâmicas musicais	57
6.3. Dinâmicas Sociais	58
6.4. Dinâmicas Culturais.....	62
7. Conclusões	65
7.1. Considerações finais.....	65
Bibliografia	68
Anexos	71

Índice de imagens

Figura 1 - Conservatório Regional de Música de Vila Real	6
Figura 2 - Espiral de desenvolvimento musical (Swanwick e Tillman).....	35

Índice de tabelas

Tabela 1 - Planificação - Aula individual de guitarra	10
Tabela 2 - Planificação - Aula individual de guitarra	12
Tabela 3 - Planificação - Aula individual de guitarra	14
Tabela 4 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras	17
Tabela 5 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras	19
Tabela 6 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras	21
Tabela 7 - Guião de entrevista aos alunos.....	47
Tabela 8 - Guião de entrevista aos Pais e Diretor Pedagógico	48
Tabela 9 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria perceções gerais)	50
Tabela 10 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas musicais)	51
Tabela 11 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas sociais)	51
Tabela 12 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas culturais)	53

Anexos

Anexo 1- Autorização escrita aos encarregados de educação.....	73
Anexo 2 - Transcrição das entrevistas aos alunos	74
Anexo 3 - Transcrição das entrevistas aos pais	96
Anexo 4 - Resposta do diretor pedagógico (via email)	111
Anexo 5 - Tabela de tratamento de dados (perceções gerais)	112

Anexo 6 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas musicais)	124
Anexo 7 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas sociais)	129
Anexo 8 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas culturais)	146
Anexo 9 - Cartaz do 11 ^o aniversário do CRMVR (audição da aluna de guitarra)	161
Anexo 10 - Artigo e cartaz do concerto do ensemble de guitarras na comemoração da Confraria dos vinhos do Douro	162
Anexo 11 - Cartaz do concerto de Natal pelo ensemble de guitarras na UTAD	163
Anexo 12 - Programa do festival de Ano Novo, FAN, com a participação do ensemble de guitarras.....	164
Anexo 13 - Programa da audição V Mostra Musical do Eixo Atlântico (participação da aluna de guitarra).....	165
Anexo 14 - Programa da masterclass do Professor Miguel Carvalhinho	166
Anexo 15 - Cartaz do aniversário da Caixa Geral de Depósitos (concerto do ensemble de guitarras)	167
Anexo 16 - Cartaz do concerto solidário no Festival MusicAlvão (concerto do ensemble de guitarras com a orquestra de flautas).....	168
Anexo 17 - Cartaz do Festival MusicAlvão	169

Introdução Geral

Este relatório está organizado em duas grandes partes. A **parte A** diz respeito à Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida no Conservatório Regional de Música de Vila Real, no âmbito do Mestrado em Ensino de Música da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. O estágio decorreu entre Setembro de 2015 e Junho de 2016 e foi realizado nas disciplinas de instrumento (guitarra) e classe de conjunto de guitarras.

A classe de conjunto de guitarras constituiu-se também como objeto de uma investigação-ação que é descrita na **parte B** do presente relatório. Este estudo pretendeu analisar o potencial formativo das dinâmicas musicais, sociais e culturais desencadeadas no contexto deste *ensemble* de guitarras, através de uma recolha sistemática de dados junto aos estudantes, encarregados de educação e diretor pedagógico do conservatório.

Os resultados apontam para o reconhecimento por todos do complemento formativo que a classe de conjunto oferece às aulas individuais de guitarra.

Parte A - Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de *Prática de Ensino Supervisionada*, que se insere no Mestrado em Ensino de Música da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

O estágio foi realizado no Conservatório Regional de Música de Vila Real. Com este relatório, pretende-se mostrar o trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano letivo 2015/2016, que teve como objetivo global proporcionar aos alunos o desenvolvimento das suas capacidades enquanto jovens músicos, não só a nível individual, mas também em grupo.

A parte A do presente relatório encontra-se dividida em cinco partes principais:

- A primeira parte envolve a contextualização geográfica e histórica do Conservatório Regional de Música de Vila Real.

- Na segunda parte é feita uma caracterização dos alunos envolvidos no presente projeto, com base em características sociodemográficas e graus respetivos.

- A terceira parte engloba o desenvolvimento da Prática Supervisionada, planificações/reflexões quer a nível individual, quer a nível coletivo desenvolvidas ao longo do ano.

- A quarta parte consiste na apresentação dos relatórios das atividades desenvolvidas.

- Na quinta parte é elaborada uma reflexão final sobre a Prática de Ensino Supervisionada.

1. Contextualização Escolar

1.1. Caracterização geográfica e histórica do Conservatório Regional de Música de Vila Real¹

O Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR) é um estabelecimento de ensino vocacional da música, onde são administrados cursos de Formação Musical, Canto e em diversas variantes de Instrumento: Clarinete, Contrabaixo, Fagote, Flauta transversal, Gaita-de-foles, Guitarra Clássica, Oboé, Órgão, Percussão, Piano, Saxofone, Tuba,



Figura 1 - Conservatório Regional de Música de Vila Real

Trompa, Trombone, Trompete, Viola d'arco, Violino e Violoncelo. O seu horário de funcionamento é de segunda à sexta-feira, das 9h00 às 21h00 e ao sábado, das 9h00 às 13h00.

O Conservatório Regional de Música de Vila Real está situado no centro histórico da cidade, mais concretamente na Avenida Carvalho Araújo, nº 71, junto à Sé de Vila Real. Esta Instituição está localizada no coração da cidade Vilarealense, próximo da Câmara Municipal. Foi inaugurada a 22 de Outubro de 2004 pela Secretária de Estado das Artes e dos Espetáculos, Dr.^a Teresa Caeiro e pelo Presidente da Câmara de Vila Real, Dr. Manuel Martins. Desde então, contribui para um desenvolvimento cultural musical da região transmontana e alto-duriense. O Conservatório Regional de Música de Vila Real tem vindo a comprovar o sucesso quer através do número de alunos, que atualmente ronda os 400, quer pelas iniciativas levadas a cabo pela Direção Executiva e Direção Pedagógica.

¹ Fonte: Silva, B. (2015). *A implementação e evolução do regime articulado no meio sócio-educativo da cidade de Vila Real: A perspectiva de pais e professores*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Portugal.

1.2. Condições físicas

O edifício é constituído por quatro andares, apresenta uma arquitetura moderna e de grandes dimensões. O Conservatório reúne um conjunto de condições favoráveis ao ensino/aprendizagem da música. O edifício possui:

- Grande auditório, com capacidade para 170 pessoas, régie e 2 camarins;
- 1 Auditório para pequenas audições;
- Átrio/palco exterior para concertos ao ar livre;
- Grande jardim para convívios ao ar livre;
- 11 Salas isoladas acusticamente;
- 4 Salas de Formação Musical e História da Música;
- Sala de percussão;
- Sala de Administração;
- Sala de Direção Pedagógica;
- Sala de professores;
- Sala de convívio;
- Sala de Recursos;
- Mediateca;
- Secretaria;
- Hall de entrada/receção;
- Elevador
- Bar

1.3. População escolar

O conservatório CRMVR atualmente conta com aproximadamente 400 alunos. Através das atividades e divulgações que vão sendo feitas por parte do conservatório, tem vindo a contribuir para um aumento dos candidatos. Outro facto, passa pelo variado leque de instrumento disponíveis na instituição permitindo ir ao encontro dos gostos de cada um e potenciar a música na região.

1.4. Corpo docente

O corpo docente do conservatório é constituído por 41 professores qualificados.

1.5. Organização e gestão pedagógica

O Conservatório está organizado da seguinte forma:

- Direção Administrativa;
- Direção Pedagógica;
- Pedagógico, sendo constituído pelo Diretor Pedagógico e coordenadores de departamento (Canto, Cordas, Formação Musical, Percussão, Sopros e Teclas);

- Corpo Docente;
- Associação de Pais e Encarregados de Educação;
- Serviços Administrativos/Direção Executiva.
- Funcionários.

2. Caracterização dos alunos

A Prática de Ensino Supervisionada envolveu o acompanhamento individual de uma aluna em específico e, paralelamente, um trabalho em contexto de grupo. Neste relatório, vai ser especificado o trabalho individual da aluna, bem como as atividades realizadas em grupo.

2.1. Caracterização da aluna de instrumento

A aluna na qual incidiu a Prática de Ensino Supervisionada é uma adolescente de 14 anos que frequentava o 5º grau do ensino articulado e o 9º ano de escolaridade.

A aluna, desde que iniciou o ciclo de estudos de guitarra, foi desenvolvendo o gosto pelo instrumento, mostrando interesse, responsabilidade e dedicação pelo instrumento.

A aluna é referenciada pela participação ativa nas atividades desenvolvidas dentro e fora do Conservatório.

A aluna foi desde sempre acompanhada pelos pais que sempre procuraram inteirar-se das aprendizagens adquiridas.

2.2. Caracterização da classe de conjunto de guitarras

O objetivo do ensino supervisionado envolveu a criação e orientação de uma classe de conjunto de Guitarras que contou com a participação de sete alunos (quatro raparigas e três rapazes), com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos de idade, que frequentavam entre o 5º e 9º ano de escolaridade do ensino regular.

No que diz respeito ao grau em que os alunos se inserem, dois frequentam o 1º grau, quatro frequentam o 3º grau e um frequenta o 5º grau.

Os alunos envolvidos no *Ensemble* apresentaram desde início interesse em participar no projeto, despertando interesse e dedicação pela disciplina ao longo do ano.

Devido ao intervalo de idades e diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, o estágio tornou-se um desafio ainda maior, sobretudo no que diz respeito ao trabalho realizado em grupo.

3. Desenvolvimento da Prática Supervisionada

3.1. Planificação

A planificação está sempre presente no âmbito da educação, sendo um processo fundamental e importante para o professor. Esta prática, permite a reflexão e a organização do professor para uma melhor gestão do tempo e da aprendizagem.

Segundo Zabalza (1992, p.48), a planificação envolve “uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”.

Podemos considerar que a planificação assume um papel fundamental para o desempenho da prática pedagógica.

3.2. Aulas individuais / Conjunto

3.2.1. Planificações de aulas selecionadas

As planificações serão apresentadas em formato de tabela, com base numa seleção, visto que se tornaria muito extenso colocar todas as planificações referentes ao ano letivo. Neste sentido, procedeu-se a uma seleção de três tabelas de aulas supervisionadas referente aos três períodos letivos.

3.3. Planificações e reflexões das aulas individuais de Guitarra

Tabela 1 - Planificação - Aula individual de guitarra

Professor: Igor Guerra			Disciplina: Guitarra		Planificação n.º 10
Turma/Aluno: Alexandra (nome fictício)			Data: 26/11/2015	Duração: 45 minutos	
Graus: 5º grau			Anos: 14 anos	Nº: 001	O docente
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Afinação e a realização de exercícios de aquecimento; ▪ Leitura da peça “Un dia de Noviembre” de Leo Brouwer; ▪ Conteúdos a estudar durante a semana. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noção do modo de funcionamento da aula e o trabalho que terá de realizar ao longo do ano letivo ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vozes a destacar. ▪ Noção da melodia principal e o seu 	<ul style="list-style-type: none"> - Tocar em conjunto com a aluna, desenvolvendo o sentido rítmico e estético da obra. - Exercícios de preparação antes de cada peça. - Leitura entoada da melodia das peças. - Contagem das pulsações. - Leituras à primeira vista. - Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. - Audição de gravações 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “Escalas Fa# menor# “1º e 2º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée” “Un dia de Noviembre” de Leo Brouwer. 	45 min.	<p>Iniciou-se a aula com a escala de Fa# menor (3 oitavas) de forma lenta, trabalhando a postura da mão esquerda e como aquecimento. Foi feita uma revisão e relabrar o 1º e 2º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée.</p> <p>Foi abordada a técnica e realização de harmónicos apenas com o dedo indicador e anelar em simultâneo.</p> <p>Foi discutido a obra Un dia de Noviembre de Leo Brouwer como peça a executar na audição.</p> <p>A aluna, para além de motivada, realça o fator de participar nas aulas de classe de conjunto de guitarras, mostrando o seu entusiasmo e satisfação.</p>

	acompanhamento; <ul style="list-style-type: none">▪ Noções de dinâmicas, contrastes tímbricos e diferentes articulações.	das obras a estudar.			
--	---	----------------------	--	--	--

Tabela 2 - Planificação - Aula individual de guitarra

Professor: Igor Guerra			Disciplina: Guitarra		Planificação nº 24
Turma/Aluno: Alexandra (nome fictício)			Data: 17/03/2016	Duração: 45 minutos	
Graus: 5º grau			Anos: 14 anos	Nº: 001	O docente
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Afinação e a realização de exercícios de aquecimento; ▪ Execução do “1º, 2º, 3º e 4º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée” ▪ Conteúdos a estudar durante a semana. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noção do modo de funcionamento da aula e o trabalho que terá de realizar ao longo do ano letivo ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vozes a destacar. ▪ Noção da melodia principal e o seu acompanhamento; 	<ul style="list-style-type: none"> - Tocar em conjunto com a aluna, desenvolvendo o sentido rítmico e estético da obra. - Exercícios de preparação antes de cada peça. - Leitura entoada da melodia das peças. - Contagem das pulsações e subdivisões - Leituras à primeira vista. - Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. - Audição de gravações das obras a estudar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “1º, 2º, 3º e 4º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée”; 	45 min.	<p>Aula de preparação para a audição final de período a realizar no presente dia.</p> <p>Execução dos quatro andamentos da “Suite em Ré menor de Robert Visée”, realçar alguns aspetos importantes como por exemplo, destacar a melodia principal em relação aos baixos.</p> <p>A aluna conseguiu um desempenho bastante positivo relativamente à aula anterior, a aluna está preparada e motivada para obter um bom desempenho na audição de Páscoa.</p> <p>.</p>

	<ul style="list-style-type: none">▪ Noções de dinâmicas, contrastes tímbricos e diferentes articulações.				
--	--	--	--	--	--

Tabela 3 - Planificação - Aula individual de guitarra

Professor: Igor Guerra		Disciplina: Guitarra			Planificação nº 31
Turma/Aluno: Alexandra (nome fictício)		Data: 19/05/2016	Duração: 45 minutos		
Graus: 5º grau		Anos: 14 anos	Nº: 001	O docente	
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Afinação e a realização de exercícios de aquecimento; ▪ Execução da peça “Un dia de Noviembre” de Leo Brouwer; “Preludio em Ré menor de Bach BWV 999”; “1º, 2º, 3º e 4º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée”; “Estudo nº 1 de Villa Lobos”; ▪ Conteúdos a estudar durante a semana. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noção do modo de funcionamento da aula e o trabalho que terá de realizar ao longo do ano letivo ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vozes a destacar. ▪ Noção da melodia principal e o seu acompanhamento; ▪ Noções de dinâmicas, 	<ul style="list-style-type: none"> - Tocar em conjunto com a aluna, desenvolvendo o sentido rítmico e estético da obra. - Exercícios de preparação antes de cada peça. - Leitura entoada da melodia das peças. - Contagem das pulsações e das subdivisões - Leituras à primeira vista. - Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. - Audição de gravações 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “Un dia de Noviembre” de Leo Brouwer”; “Preludio em Ré menor de Bach BWV 999”; “1º, 2º, 3º e 4º andamento da Suite em Ré menor de Robert Visée” “Estudo nº 1 de Villa Lobos”; 	45 min.	<p>Aula de preparação para o recital final do 5º grau.</p> <p>Para esta aula de preparação, foi importante transmitir confiança à aluna e mantê-la motivada com o reflexo do trabalho e dedicação desenvolvido ao longo do ano letivo.</p> <p>Foi proporcionada uma aula em contexto de recital, como forma de preparação.</p> <p>A aluna compreendeu de forma correta os conteúdos abordados nas aulas, demonstrando bastante concentração e empenho.</p>

	contrastes tímbricos e diferentes articulações.	das obras a estudar.			
--	---	----------------------	--	--	--

3.4. Planificações e reflexões das aulas de classe de conjunto de Guitarra

Tabela 4 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras

Professor: Igor Guerra		Disciplina: Classe de Conjunto			Planificação nº 8
Turma/Aluno: <i>Ensemble</i> de Guitarras do CrMVR		Data: 04/12/2015	Duração: 90 minutos		
Graus: 1º ao 5º grau		Anos: 10 aos 14 anos	Sala: 15	O docente	
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha e audição de repertório a desenvolver; ▪ Realização da afinação das guitarras e alguns exercícios de aquecimento; ▪ Diferenciar intensidades entre os diferentes planos da melodia e o acompanhamento; ▪ Leitura da Peça “El Ball”; “L’hereu Riera”; “The first Noel” – Arr. Andrew Forrest; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vezes a destacar. ▪ Noção da melodia principal, acompanhamento e melodias interiores; ▪ Capacidade de realização de ritmos diferentes com naipes a tocar 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tocar em conjunto com os alunos, desenvolvendo o sentido rítmico e estético. 2. Exercícios de preparação antes de cada peça. 3. Leitura entoada das melodias das peças. 4. Leituras à primeira vista. 5. Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. 6. Audição de gravações das obras a estudar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “El Ball” – Arr. Eythor Thorlaksson; “L’hereu Riera” – Arr. Eythor Thorlaksson; “The first Noel” – Arr. Andrew Forrest; “Jingle Bells” – Arr. Jan-Olof Eriksson. 	90 min.	<p>Última aula do 1º período e preparação para o concerto de Natal na Aula Magna da Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro. Para além do <i>ensemble</i> de guitarras, este concerto contará com orquestras de flautas, clarinetes, coros, entre outros.</p> <p>Os alunos mostraram-se empenhados no ensaio geral para o concerto.</p> <p>As indicações dadas pelo professor já são mais fáceis de serem compreendidas. Os alunos começam a entender as expressões de dinâmica em grupo.</p>

<p>“Jingle Bells” – Arr. Jan-Olof Eriksson.</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Conteúdos a estudar durante a semana.	<p>em simultâneo</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Noções de dinâmicas, contrastes tímbricos e diferentes articulações.				
---	---	--	--	--	--

Tabela 5 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras

Professor: Igor Guerra			Disciplina: Classe de Conjunto		Planificação nº 18
Turma/Aluno: <i>Ensemble</i> de Guitarras do CrMVR			Data: 04/03/2016	Duração: 90 minutos	
Graus: 1º ao 5º grau			Anos: 10 aos 14 anos	Sala: 15	O docente
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha e audição de repertório a desenvolver; ▪ Realização da afinação das guitarras e alguns exercícios de aquecimento; ▪ Diferenciar intensidades entre os diferentes planos da melodia e o acompanhamento; ▪ Leitura da Peça “El Ball”; “L’hereu Riera”; “Canon” de Pachelbell – Arr. R. K. Webb; “Keppel’s Delight” – Arr. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vozes a destacar. ▪ Noção da melodia principal, acompanhamento e melodias interiores; ▪ Capacidade de realização de ritmos diferentes com naipes a tocar em simultâneo 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tocar em conjunto com os alunos, desenvolvendo o sentido rítmico e estético. 2. Exercícios de preparação antes de cada peça. 3. Leitura entoada das melodias das peças. 4. Leituras à primeira vista. 5. Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. 6. Audição de gravações das obras a estudar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “El Ball” – Arr. Eythor Thorlaksson; “L’hereu Riera” – Arr. Eythor Thorlaksson; “Canon” de Pachelbell – Arr. R. K. Webb; “Keppel’s Delight” – Arr. Andrew Forrest. 	90 min.	<p>Iniciou-se a afinação de todas as guitarras do <i>ensemble</i> em simultâneo.</p> <p>Leitura da obra “Keppel’s Delight” e atribuição das vozes aos diferentes naipes.</p> <p>Foi salientada a importância de uma boa articulação entre os naipes para uma melhor definição sonora do grupo.</p> <p>Apesar de haver alguns naipes com mais dificuldades, os alunos mais avançados respeitam e ajudam-os a ultrapassar as suas dificuldades, contribuindo para um bom funcionamento do grupo.</p> <p>Os alunos demonstram, desde o início de cada aula, entusiasmo pela disciplina e vontade de estar entre o grupo.</p>

<p>Andrew Forrest</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Conteúdos a estudar durante a semana.	<ul style="list-style-type: none">▪ Noções de dinâmicas, contrastes tímbricos e diferentes articulações.				
---	--	--	--	--	--

Tabela 6 - Planificação - Aula de classe de conjunto de guitarras

Professor: Igor Guerra			Disciplina: Classe de Conjunto		Planificação n.º 27
Turma/Aluno: <i>Ensemble</i> de Guitarras do CrMVR			Data: 27/05/2016	Duração: 90 minutos	
Graus: 1º ao 5º grau			Anos: 10 aos 14 anos	Sala: 15	O docente
Objetivos	Conteúdos / Competências a adquirir	Metodologia	Recursos / Materiais / Bibliografia	Tempo	Avaliação/Observações
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha e audição de repertório a desenvolver; ▪ Realização da afinação das guitarras e alguns exercícios de aquecimento; ▪ Diferenciar intensidades entre os diferentes planos da melodia e o acompanhamento; ▪ Leitura da Peça “El Ball”; “L’hereu Riera”; “Canon” de Pachelbell – Arr. R. K. Webb; “Keppel’s Delight” – Arr. Andrew Forrest. ▪ Conteúdos a 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Colocação correta de ambas as mãos, ter a capacidade de pisar as cordas o mais próximo do traste possível. ▪ Análise e consciência do compasso a trabalhar, vozes a destacar. ▪ Noção da melodia principal, acompanhamento e melodias interiores; ▪ Capacidade de realização de ritmos diferentes com naipes a tocar em simultâneo ▪ Noções de 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tocar em conjunto com os alunos, desenvolvendo o sentido rítmico e estético. 2. Exercícios de preparação antes de cada peça. 3. Leitura entoada das melodias das peças. 4. Leituras à primeira vista. 5. Gravação áudio e vídeo para fins pedagógicos. 6. Audição de gravações das obras a estudar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra, apoio de pé, partituras, lápis, borracha. - Cadeiras e estantes. - Bibliografia Musical: “El Ball” – Arr. Eythor Thorlaksson; “L’hereu Riera” – Arr. Eythor Thorlaksson; “Canon de Pachelbell” – Arr. R. K. Webb; “Keppel’s Delight” – Arr. Andrew Forrest. 	90 min.	<p>Ensaio geral do <i>ensemble</i> de guitarras para a audição final de ano letivo.</p> <p>Foi necessário criar um ambiente de concentração entre os naipes, de forma a obter um maior desempenho do grupo.</p> <p>Foi importante realçar algumas vozes para o destaque da melodia principal.</p> <p>Os alunos mostram um entusiasmo acrescido para mais um concerto e pela partilha do seu trabalho.</p>

estudar durante a semana.	dinâmicas, contrastes tímbricos e diferentes articulações.				
---------------------------	--	--	--	--	--

4. Relatório das atividades

Designação da Atividade: 11º Aniversário do Conservatório Regional de Música de Vila Real

Local: Auditório do Conservatório Regional de Música de Vila Real

Dia da Atividade: 22 de Outubro de 2015

Hora: 19h00

O Conservatório Regional de Música de Vila Real realizou um concerto comemorativo do seu 11º aniversário.

Para assinalar a data, a Direção Pedagógica procurou desenvolver um concerto interdisciplinar, solicitando a colaboração dos professores no sentido de indicarem alguns alunos disponíveis para participar no concerto.

Visto tratar-se de uma das atividades mais importantes do conservatório, achei importante a classe de guitarra estar envolvida e registar este momento. Desta forma, solicitei a participação da aluna Alexandra (nome fictício) do 5º grau, que apresentou o 1º e 2º andamento da “Suite em ré menor de Robert Visée”.

Designação da Atividade: 25º Aniversário da Confraria dos Vinhos do Douro

Local: Câmara Municipal de Vila Real

Dia da Atividade: 14 de Novembro de 2015

Hora: 12h00

O Conservatório Regional de Música de Vila Real foi solicitado por parte da Câmara Municipal de Vila Real para apresentação de um momento musical no aniversário da Confraria dos vinhos do Douro.

O *Ensemble* de Guitarras do Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR), um grupo ainda muito recente, foi sugerido pela Direção Pedagógica para este desafio. Desta forma, foi importante a nossa participação neste evento, tendo um sabor especial, visto que foi o primeiro concerto do *Ensemble*. Esta participação foi um desafio e ao mesmo tempo uma rampa de lançamento para muitos concertos que viriam.

Este concerto teve lugar no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Real e contou com a participação do presidente da câmara, vereadores e confrades.

Neste primeiro concerto, os alunos mostraram-se muito motivados e tiveram um desempenho bastante positivo. Até ao momento, o grupo nunca se tinha apresentado em público, ainda que ao longo das aulas fossem transmitindo vontade de apresentar o trabalho desenvolvido. O sucesso desta atividade refletiu-se na satisfação dos alunos e no seu empenho crescente nas aulas seguintes.

Em suma, foi possível mostrar a dinâmica e o potencial da classe e o CRMVR passou a contar com mais um *Ensemble* para a realização de concertos inseridos nas mais diversas iniciativas culturais da nossa região.

Designação da Atividade: Concerto de Natal

Local: Aula Magna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Dia da Atividade: 18 Dezembro de 2015

Hora: 21h00

O concerto de Natal realizado pelo Conservatório Regional de Música de Vila Real teve uma dinâmica diferente do habitual. A parceria realizada com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro possibilitou fazer chegar a cultura musical a outros contextos, fora dos locais habituais.

Este evento contou com a participação de todos os alunos do conservatório. Desta forma, os momentos musicais apresentados foram variados. Para além da presença do *ensemble* de guitarras, este momento contou com coros, orquestras de flautas, clarinetes, cordas, entre outros.

O *ensemble* assumiu neste dia o seu segundo concerto e teve um bom feedback por parte do público, principalmente dos familiares dos alunos integrados na classe. Este concerto e esta reação do público foi um reforço bastante positivo para a autoestima dos alunos.

Designação da Atividade: FAN – Festival de Ano Novo – 2016

Local: Café Concerto – Teatro de Vila Real

Dia da Atividade: 23 de Janeiro de 2016

Hora: 18h30

O festival de Ano Novo (FAN) é desenvolvido todos os anos por iniciativa do Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR).

O *Ensemble* de Guitarras do CRMVR, embora ainda muito recente, foi convidado para integrar este festival juntamente com a Orquestra de Flautas. Tratou-se de uma iniciativa inovadora, que resultou na parceria e promoção conjunta das duas orquestras. Para além disso, foram também apresentadas peças a solo por ambas as classes.

“Canon” de Johann Pachelbel, foi a obra trabalhada pelas duas orquestras, escrita para flautas e guitarra.

Num dos momentos do concerto, uma aluna do 5º grau de guitarra, integrada no *Ensemble*, tocou também a solo, interpretando a peça “Un dia de Noviembre” de Leo Brouwer.

O resultado deste primeiro concerto em parceria foi muito positivo, refletido num equilíbrio de dinâmicas bastante agradáveis. A reação do público foi também bastante positiva e os pais dos alunos transmitiram muita satisfação pela iniciativa, mostrando interesse em assistir a mais concertos como este.

O *Ensemble* conta participar ativamente em mais concertos durante o ano.

Designação da Atividade: Mostra musical do Eixo Atlântico

Local: Auditório do Conservatório Regional de Música de Vila Real

Dia da Atividade: 11 de Fevereiro de 2016

Hora: 19h30

Foi realizada no presente ano a 5ª edição da “Mostra Musical do Eixo Atlântico”, a fim de promover um Mostra Musical para jovens intérpretes de música clássica e jazz. Tratou-se de uma atividade dirigida a estudantes pertencentes aos municípios que cruzam o eixo atlântico.

Este festival contou com três categorias (solistas, agrupamentos de câmara e orquestras). Uma vez que cada conservatório só poderia levar alunos para duas categorias, foi necessário o Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR) realizar uma audição com a presença de um Júri para poder selecionar os melhores alunos dos vários departamentos.

A classe de guitarra foi representada pela aluna Ana Fontinha do 5º grau, que foi sugerida pelo Professor Igor Guerra, uma vez que tem vindo a demonstrar uma boa evolução ao longo do ano letivo. Apesar da sua boa prestação, não ficou selecionada para a sua categoria (categoria B), dos 14 aos 18 anos. Independentemente disso, foi uma participação bastante positiva para a aluna e para o Conservatório, tendo sido evidente a excelente qualidade e o elevado nível dos alunos do CRMVR.

Designação da Atividade: Masterclass de Guitarra

Local: Auditório do Conservatório Regional de Música de Vila Real

Dia da Atividade: 2 e 3 de Abril de 2016

Hora: 9h30

Atividade desenvolvida pelos professores da classe de guitarra do Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR), que se realizou a seguir às férias da Páscoa, nos dias 2 e 3 de Abril.

Esta atividade contou com a presença do professor Miguel Carvalhinho, professor da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Esta atividade teve como objetivo, desenvolver as capacidades técnicas dos alunos do CRMVR, sob a orientação de um professor externo ao conservatório, e desta forma, os alunos tiveram a oportunidade de adquirir novos conceitos acerca do instrumento.

A Masterclass contou com grande parte dos alunos do conservatório, desta forma, a grande adesão refletiu-se ao longo do fim-de-semana. Os alunos mostraram uma grande motivação e empenho em desenvolver as suas capacidades, dividindo-se pelas diversas salas do conservatório, para assim, assimilarem e estudarem todos os conceitos transmitidos pelo professor. A Masterclass teve um resultado bastante positivo no que respeita às competências adquiridas pelos alunos da classe.

O fim deste evento contou com um concerto de encerramento, onde todos os alunos participaram. Este concerto contou com peças a solo, duetos, e também, com a participação do *Ensemble* de Guitarras do CRMVR para terminar a Materclass.

O balanço desta iniciativa foi bastante positivo, tendo impacto não só para os alunos, mas também para os pais e o restante público, que mostrou muita satisfação pelo trabalho desenvolvido durante os dois dias.

Designação da Atividade: 140º Aniversário da Caixa Geral de Depósitos

Local: Agência Caixa Geral de Depósitos (Avenida Carvalho Araújo – Vila Real)

Dia da Atividade: 10 de Abril de 2016

Hora: 15h00

A Caixa Geral de Depósitos comemora este ano 140 anos de existência. Neste sentido, contactou o Conservatório Regional de Música de Vila Real para um momento diferente do habitual. Esta comemoração contou com diferentes momentos musicais, que decorreram ao longo da tarde, proporcionando momentos agradáveis a todos os presentes, nomeadamente, o presidente da CGD, o presidente da Câmara, vereadores, clientes da CGD e elementos da Direção Pedagógica do CRMVR.

A atividade iniciou com o *Ensemble* de Guitarras do CRMVR, de seguida proporcionaram-se outros momentos com Piano, Violoncelo e Clarinete.

Esta atividade teve uma boa adesão por parte do público, que mostrou satisfação pela dinâmica apresentada. O *Ensemble* de Guitarras finalizou o evento com mais um tema.

Relativamente aos alunos, mostraram-se muito entusiasmados pelo concerto, dedicaram-se intensamente para que o grupo apresentasse um repertório interessante de forma a cativar o público.

Este concerto contou com a assistência dos pais e familiares dos alunos, que desta forma, passaram um dia diferente, deixando-se envolver com a música.

Designação da Atividade: Festival MusicAlvão

Local: Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro

Dia da Atividade: 1 de Maio de 2016

Hora: 19h30

A presente atividade consistiu num concerto do *Ensemble* de Guitarras do Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR) inserido no “MusicAlvão”. Este festival é desenvolvido todos os anos pelo CRMVR, durante todo o mês de Maio.

Este ano, o festival realizou-se com uma dinâmica diferente do habitual, tendo iniciado com um concerto solidário no Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O *Ensemble* de Guitarras do CRMVR, juntamente com a Orquestra de Flautas do CRMVR foram convidados para, em parceria, darem início ao festival.

Depois de transmitir aos alunos a informação do concerto, a reação foi de satisfação geral e todos mostraram interesse em participar. Este tipo de iniciativas, em vários contextos, desta vez num Hospital, agradou não só aos alunos, mas também, aos pais. Trata-se de um conceito inovador e importante para dinamizar a música na nossa região.

Este concerto foi alternado entre o *Ensemble* de Guitarras do CRMVR e a Orquestra de Flautas, e por fim terminaram as duas classes em conjunto com a peça “Canon” de Johann Pachelbel.

Esta iniciativa teve um bom feedback por parte do público, principalmente por parte dos utentes internados que se puderam deslocar ao átrio do Hospital para assistir ao concerto. Apesar de ser um local bastante movimentado, conseguimos captar a atenção do público, do início ao fim. Depois de terminarmos, foi-nos pedido mais um tema para encerrar o concerto de solidariedade, o que reforçou o agrado do público.

Esta experiência foi importante e positiva para o *Ensemble*, refletindo dinâmica e equilíbrio entre os dois grupos.

Em suma, este evento mostrou que a música pode estar inserida em vários locais e contextos.

5 - Reflexão final sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Através da Prática de Ensino Supervisionada foi possível vivenciar uma experiência muito significativa para mim enquanto professor. Desta forma, as aprendizagens adquiridas foram fundamentais e permitiram ampliar e enriquecer os meus conhecimentos.

No decorrer deste trabalho, foi sendo possível refletir sobre um leque variado de conceitos e ao mesmo tempo retirar conclusões úteis que não só contribuíram para uma melhor prática pedagógica, mas também me fez crescer como pessoa.

Com base neste trabalho, é de destacar o papel fundamental quer do professor supervisor, quer do cooperante, que participaram ativamente neste projeto, pelo interesse, dedicação que sempre prestaram e contribuíram para o sucesso deste trabalho. É de salientar todos os alunos envolvidos na Prática Supervisionada, que desde início se sentiram motivados para a realização deste projeto. Foi sem dúvida gratificante todo este trabalho.

Parte B - Projeto de Ensino Artístico

Introdução

A música desempenha um papel fundamental nas nossas vidas, influenciando a nossa visão e o modo como nos relacionamos com o mundo, bem como a nossa identidade (Hargreaves, Miell, & MacDonald, 2003). Torna-se, portanto, fundamental compreender de que forma é que o desenvolvimento social e cultural pode ser influenciado pela música, bem como o modo como estas três dimensões se interligam e complementam.

1. Tema e problemática do estudo

No Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR), até ao ano letivo de 2014/2015, a oferta formativa dos alunos de guitarra limitava-se a aulas individuais do instrumento e a classes de conjunto de coro. De alguma forma, esta situação não favorecia a partilha de experiências entre guitarristas nem as aprendizagens coletivas que são socialmente estabelecidas. Por outro lado, as aulas individuais de guitarra incluem, inevitavelmente, um trabalho técnico exigente e um repertório condicionado ao programa da disciplina que nem sempre é motivador para os alunos. Tornou-se, portanto, necessário criar complementos de interação entre guitarristas e de expansão de experiências musicais mais significativas para estes jovens.

Com efeito, a escolha do tema do presente projeto teve como motivação principal o potencial educativo que os ensembles musicais podem ter ao nível das dinâmicas musicais, sociais e culturais. As aulas de conjunto complementam as aulas individuais, favorecendo as aprendizagens na relação com os outros. Ao mesmo tempo, ao partilhar a música com a comunidade, promovem-se dinâmicas culturais. Neste sentido, o presente projeto apresenta potencialidades e implicações práticas ao nível das três dimensões – musicais, sociais e culturais.

1.1. Objetivos da intervenção

No sentido de dar resposta à problemática em estudo, foi necessário criar uma classe de conjunto para os alunos de guitarra do 1.º ao 5.º grau do CRMVR, que favorecesse a partilha de conhecimentos. Desta forma, pretendeu-se o estabelecimento de dinâmicas de interajuda entre os elementos da classe, bem como a criação de estratégias para o desenvolvimento de espírito de grupo e identidade musical. Houve ainda a preocupação de recorrer a um repertório variado que fosse ao encontro do gosto musical dos alunos. Desta forma, seria possível favorecer a motivação e entrega individual e de grupo.

Foi assim desenhado um projeto de investigação-ação com os seguintes objetivos de intervenção e de investigação

Objetivos de intervenção

- Criar uma classe de conjunto para todos os alunos de guitarra do 1.º ao 5.º grau do CRMVR, que favoreça a partilha de conhecimentos.
- Estabelecer dinâmicas de interajuda entre os elementos da classe.
- Criar estratégias para o desenvolvimento de espírito de grupo e identidade musical.
- Utilizar repertório variado que vá ao encontro do gosto musical dos alunos.

Objetivos de investigação

- Analisar as aprendizagens musicais/instrumentais desenvolvidas pelos alunos nos contextos de classe individual e de conjunto.
- Analisar as aprendizagens estabelecidas a nível da interação social.
- Analisar os efeitos que a classe de conjunto poderá exercer na criação de espírito de grupo e identidade musical.

1.2. Objetivos da investigação

Paralelamente, foi desenvolvido um trabalho de investigação que teve como principal objetivo a análise das aprendizagens musicais/instrumentais desenvolvidas pelos alunos nos contextos de classe individual e de conjunto. Pretendeu-se, ainda, analisar as aprendizagens estabelecidas a nível da interação social, bem como os efeitos que a classe de conjunto poderá exercer na criação de espírito de grupo e identidade musical. Com efeito, o presente projeto teve como grande questão de partida perceber *de que forma é que a classe de conjunto de guitarras pode favorecer as aprendizagens e dinâmicas musicais, sociais e culturais.*

Com vista a verifica a eficácia da intervenção, foram estabelecidos os seguintes objetivos de investigação:

- Analisar as aprendizagens musicais/instrumentais desenvolvidas pelos alunos nos contextos de classe individual e de conjunto;
- Analisar as aprendizagens estabelecidas a nível da interação social;
- Analisar os efeitos que a classe de conjunto poderá exercer na criação de espírito de grupo e identidade musical.

Constituiu-se assim como grande questão de investigação a seguinte: Qual o potencial educativo das dinâmicas musicais, sociais e culturais que são desenvolvidas no contexto da classe de conjunto de guitarras.

1.3. Estrutura do projeto

O presente trabalho está subdividido por capítulos temáticos. Após uma breve introdução (**primeiro capítulo**), no **segundo capítulo** será feito um enquadramento teórico pormenorizado, onde se explica com base numa revisão da literatura os conceitos mais relevantes que sustentam e complementam este projeto, realçando as três categorias que o envolvem: Dinâmicas musicais, sociais e culturais, bem como as referências dos respetivos autores.

No **terceiro capítulo** é apresentada a metodologia da intervenção, onde é feita a caracterização geral do trabalho e ações desenvolvidas com base na principal problemática. É apresentada a metodologia de investigação-ação e descritos os principais objetivos da investigação apresentados neste projeto.

No **quarto capítulo** é apresentada a metodologia de investigação, onde é feita uma descrição das técnicas de recolha e tratamento de dados as técnicas de investigação utilizadas, bem como a análise e apresentação dos dados recolhidos, retirando conclusões no que respeita aos objetivos propostos.

No **quinto capítulo** estão descritas as principais conclusões do estudo, bem como as considerações finais. Por fim, são apresentados os principais contributos e implicações educativas do presente projeto de investigação.

2. Enquadramento teórico

Uma classe de conjunto de guitarras envolve dinâmicas de aprendizagem e desenvolvimento musical, nomeadamente no que concerne as aprendizagens técnicas, expressivas e estilísticas instrumentais. Estas aprendizagens, em contexto de *ensemble*, são potenciadas pela relação social que se estabelece entre os músicos, para além disso a realização de concertos e a exposição ao público nesse processo de partilha cultural constitui-se igualmente como contexto de aprendizagens essenciais ao nível da construção de personalidade e identidade musical, assim, o presente capítulo pretende discutir conceitos que relacionam com as dinâmicas musicais, sociais e culturais que são desencadeadas no contexto classe de conjunto tal como referido.

No que concerne à arte musical, é importante compreender de que forma é que o desenvolvimento sociocultural pode ser influenciado pela aprendizagem musical, bem como o modo como estas dimensões se interligam e complementam.

2.1. Dinâmicas musicais

Segundo Keith Swanwick, o desenvolvimento musical faz-se através de camadas cumulativas de qualidade, este processo desenrola-se através da relação individual com a música, mas também em contextos da partilha social, oscilando entre explorações dos objetos musicais e a apreensão de práticas musicais e instrumentais partilhadas na comunidade. Este desenvolvimento progride de camadas de apropriação técnica e expressiva para camadas superiores de desenvolvimento estilístico e de criação sistemas valor.

2.1.1. Espiral de desenvolvimento musical

O modelo da *espiral de desenvolvimento musical* (Swanwick & Tillman, 1986) engloba oito etapas sequenciais: Camada dos Materiais (dos 0 aos 4 anos de idade) – dividido em modo Sensório e modo Manipulativo; Nível da Expressão (dos 4 aos 9 anos de idade) – dividido em nível da Expressão Pessoal e nível Vernacular; Camada da Forma (dos 10 aos 15 anos) – dividido em modo Especulativo e modo Idiomático; Nível do Valor (15 anos ou mais) – dividido no modo Simbólico e nível Sistemático. A imagem que se segue apresenta de forma estruturada as diferentes camadas e modos:

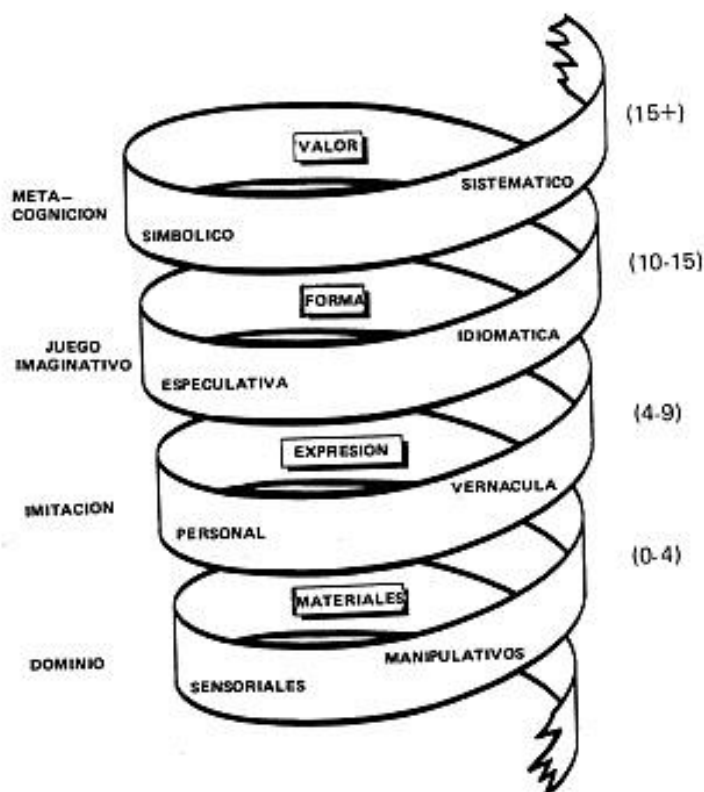


Figura 2 - Espiral de desenvolvimento musical (Swanwick e Tillman)

Fonte: Swanwick, 1988

Camada I - Materiais

No que respeita à primeira camada do desenvolvimento musical, a fase dos materiais, Swanwick e Tillman (1986) referem que, a criança realiza exploração e experimentação com instrumentos musicais e materiais sonoros. Esta primeira fase mostra a importância do início do desenvolvimento e do pensamento da criança através da experimentação e da manipulação de objetos.

Segundo Swanwick (1988), a Camada 1 compreende idades entre os 0 aos 4 anos. Esta fase engloba a perceção e o domínio dos materiais de som, bem como identificar timbres, níveis de intensidades, durações, alturas e técnica sobre instrumentos e vozes. Nesta fase, a teoria musical de Swanwick mostra como o desenvolvimento se divide a nível sensorial e manipulativo.

No que respeita ao modo Sensorial, a criança expressa-se através do prazer do som em si mesmo, principalmente qualificando o timbre e os opostos de dinâmica entre forte e fraco. Este modo evidencia também o contacto com os instrumentos.

A nível Manipulativo o principal objetivo é manusear e controlar os instrumentos, tendo em conta o seu padrão sonoro. Nesta fase há o manuseamento e controlo técnico na produção de sons vocais e instrumentais.

Camada II - Expressão

A Expressão ou fase de imitação, tem como objetivo a expressão pela consciência e pelo controle do carácter expressivo. Esta fase verifica-se em crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 9 anos.

Através do Modo Pessoal, que consiste na expressão pessoal, é realçada a expressividade através do canto, mudanças de tempo ou intensidades. Nesta fase, é importante a presença de clima e de sentimentos.

Já no modo Vernacular, há um jogo de melodias curtas em que as crianças despertam atenção para as figuras rítmicas e melódicas, de carácter convencional.

Camada III - Forma

A Forma é a camada III enunciada por Keith Swanwick (1988), Forma ou Jogo Simbólico, é referente a jovens dos 10 aos 15 anos. Nesta fase, o jovem tem consciência e capacidade de controlar figuras musicais e ao mesmo tempo criar relações entre os gestos musicais, sendo por repetição ou por transformação. Nesta camada, há um desenvolvimento dos modos Especulativo e Idiomático, mantendo como base do processo a Forma.

No que diz respeito ao Modo Especulativo, ocorre depois do modo Vernacular ser ultrapassado com padrões previsíveis e espectáveis. Este padrão passa pela tentativa e erro, originando, desta forma, uma tentativa de desvio estrutural da peça.

O Modo Idiomático apresenta um determinado padrão, envolve um estilo particular, com surpresas estruturais e com contraste final. É na fase da adolescência que ocorre a dependência da imitação de modelos.

Camada IV - Valor

A última Camada diz respeito ao Valor, que ocorre em indivíduos maiores de 15 anos. O Valor ou fase de Meta-cognição relaciona-se com os Modos Simbólico e Sistemático. Desta forma, consiste na valorização da música, de forma pessoal ou cultural. Nesta fase, há presença de independência e capacidade crítica autónoma.

O Modo Simbólico engloba a área simbólica, existindo uma identificação pessoal com algumas peças, músicos ou intérpretes e determinados timbres particulares.

No que diz respeito ao Modo Sistemático, as obras apresentam novos materiais musicais tais como: sistemas harmónicos, escalas entre sons possíveis através de novas tecnologias. Nesta fase, o indivíduo tem capacidade de refletir e estabelecer a comunicação da sua experiência musical. No que se refere à composição, é reflexo de investigação, estudo e desenvolvimento de novos sistemas e princípios organizadores que consiste na teorização musical.

Como se referiu, este desenvolvimento processa-se através aprendizagens exploratórias individuais bem como através da partilha social. Nestes processos de aprendizagem, podemos identificar contextos mais ou menos formais, na medida em

que ocorrem dentro ou fora da escola, em ambientes informais a música prende-se sem currículos pré-definidos com repertórios escolhidos de cada um e, normalmente seguindo modelos observados em colegas e sem o apoio de um professor. Em contrapartida os contextos formais de ensino-aprendizagem apresentam currículos organizados, repertórios ajustados aos programas estabelecidos e a presença do professor é fundamental na transmissão de conhecimento. Estas características formais e informais de aprendizagem foram descritas por Green (2002) e têm sido progressivamente vistas como potenciadoras de desenvolvimento quando utilizadas de forma articulada e equilibrada. Por outras palavras um ensino que equilibre repertórios impostos com repertórios livres e que permita a conjugação de aprendizagens entre pares e com o professor tende a potenciar resultados positivos. O próximo ponto analisa as questões que se prendem com as dinâmicas sociais em contexto educativo.

2.2. Dinâmicas sociais

A música assume uma importância singular nas nossas vidas, influenciando a nossa visão e o modo como nos relacionamos com o mundo, bem como a nossa identidade (Hargreaves, Miell, & MacDonald, 2003). Neste sentido, torna-se fundamental compreender de que forma é que o desenvolvimento social pode ser influenciado pela arte musical, bem como o modo como ambas as dimensões se interligam e complementam. Com efeito, ao longo das diferentes fases da vida, o ser humano vai favorecendo o seu desenvolvimento individual em interação com o meio social envolvente. Segundo Vygotsky (2001, p.63), “o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais”. O homem, desde a nascença, é um ser social em desenvolvimento.

No âmbito da interação social, é importante referir as aprendizagens entre pares. No período da adolescência ocorrem alterações significativas no que respeita às relações interpessoais e aos valores a elas associados, “especialmente o desenvolvimento da cooperação, a tolerância, a responsabilidade, a autoestima, a alegria, o amor, a paixão pela música” (Green, 2000, p. 78). Bandura (2007) realça também que a eficácia pessoal é estimulada devido ao facto de haver atividades em conjunto. Desta forma, são adquiridas condições para alcançar não só resultados individuais, mas também potenciar os resultados dos pares.

Paralelamente, a auto-imagem desenvolve-se através de um processo de monitorização do próprio comportamento, bem como através da comparação social. Temos tendência a comparar-nos constantemente com os outros, de tal forma que os grupos sociais nos quais estamos inseridos exercem uma influência determinante naquilo que fazemos e dizemos (Macdonald, Hargreaves, & Miell, 2002). Deste modo, o espírito de grupo e o sentimento de que se é parte dinâmica do mesmo contribuirá para favorecer a auto-imagem individual. É neste sentido que se pode dizer que a aprendizagem de um instrumento em grupo, em particular da guitarra, pode

contribuir para o desenvolvimento individual, grupal e social, fortalecendo a identidade musical de cada um.

2.2.1. Professor na motivação

No que respeita a motivação, Susan Hallam (2009), propõe um modelo de motivação para o envolvimento na música. Através deste modelo, a autora realça que determinados aspetos, como as características individuais (que variam entre cada indivíduo), são relevantes na forma como estes estão motivados para a música.

Segundo a mesma autora, os professores podem contribuir para aumentar as aprendizagens dos alunos através de alternativas tendo em conta os seus pontos fortes e fracos. Quando um aluno comete erros, o professor deve desenvolver habilidades para a resolução desse problema. Com efeito, “os professores podem ajudar no desenvolvimento de estratégias de suporte permitindo oportunidades para discutir com o aluno questões relacionadas ao planeamento, ao estabelecimento de objetivos, ao monitoramento do trabalho e administração do tempo, buscando promover concentração, direcionar a motivação e garantir que o envolvimento com o trabalho seja ideal” (Hallam, 2006, p.177).

Para Asmus (1994), a motivação dos alunos surge em função do valor da tarefa com a expectativa de sucesso e com tendência a evitar o fracasso. Assim, o aluno empenha-se numa determinada tarefa que considera valiosa.

“Motivação é a força que move o comportamento. Providencia a energia para explorar e para se envolver em tarefas (...) é a força que faz os alunos (...) participarem nas atividades de aprendizagem e os faz adquirir os conhecimentos e capacidades que estão no centro destas atividades”.

2.3. Dinâmicas culturais

*“A música cuja significação é, em si mesma, a expressão de sentimentos, idéias, sensações e experiências que possibilita uma nova atitude e um novo sentido de vida”
(Fischer, 1983, 215; 222).*

Segundo Fischer (1983; cit in Loureiro, 2009), o facto de ouvirmos um determinado som ou ouvir uma melodia que nos é familiar, provoca um impacto desse mesmo som, permite-nos entender, interpretar, criticar, ou apenas proporcionar o simples prazer de ouvir.

A música apresenta um leque variado de estilos, tendo em conta o meio cultural envolvente. Em qualquer parte do mundo, a música apresenta elementos específicos sendo ela música erudita, tradicional, popular ou experimental. Através desta diversidade, Fischer (1989) refere que o público deve adaptar a audição a uma cultura e simultaneamente entender a obra artística e musical.

O mesmo autor, realça a música quanto ao seu carácter comunicativo, referindo que a música é um instrumento poderoso de transmissão de ideias e opiniões. Assim, a música tem a capacidade de intensificar ou diminuir objetos, transmitir sensações e circunstâncias, criar ou modificar, relevar ou obscurecer o que é visível (Fischer, 1983).

Segundo Ribas (2006), a educação musical assume um papel de grande importância na formação do carácter das crianças e jovens, não só a nível artístico e cultural, mas também, no âmbito social. Desta forma, contribui para o desenvolvimento dos indivíduos. Assim, através da sua vivência musical permite a desenvolver um conhecimento global ao nível artístico, cultural e cognitivo-social.

2.3.1. Relação com o professor/músico

No processo de aprendizagem, o professor desempenha um papel importante. De acordo com Adams (2001), o professor pode de certa forma desempenhar uma dupla função; não passa apenas por professor, mas também, assume o papel de músico (Adams, 2001).

O facto de o professor ser músico, segundo Swanwick (2003), é fundamental, pois torna-se mais fácil exemplificar e explicar de uma forma mais eficaz. Adams (2001) realça, ainda, que alunos integrados em graus mais elevados “merecem professores que estejam altamente qualificados e que tenham tempo para continuar o seu próprio desenvolvimento musical” (Adams, 2001, p. 190). Na perspetiva do mesmo autor, a presença do professor/músico transmite habilidades e saberes, proporcionando experiências e vivências em sala de aula.

2.3.2. Relação com as instituições e comunidade

De acordo com Costa (2001), a escola necessita de uma capacidade organizativa capaz de ordenar, dispor e relacionar as diversas atividades. Desta forma, com a existência de um equilíbrio e uma relação entre a comunidade escolar, o sistema educativo e o próprio meio em que a escola se insere, permite a sua existência e que esta se assuma perante a comunidade.

Com efeito, “(...) a realidade social aberta ao meio sintetiza influências e obriga a instituição a considerar na sua actuação: o pilar legal e jurídico que a legaliza, a estrutura administrativa em que se enquadra, as possibilidades que o meio lhe proporciona, os valores e as atitudes que a sociedade lhe pede e as características individuais, sociais, culturais e económicas que definem as suas componentes” (Garín, cit in Costa, 2001).

2.3.3. Repertórios formais/informais

Segundo Lucy Green (2006), é importante referir que dentro da aprendizagem musical existem práticas que distinguem a aprendizagem formal e informal. No que se refere os processos de aprendizagem informal o repertório é escolhido pelo aluno, baseado em algo que se identifica e ao mesmo tempo lhe é familiar. Já nos processos de aprendizagem formal, parte do professor a atribuição do repertório em que muitas vezes o aluno não se identifica, ou não lhe é familiar.

Green (2006) acrescenta que qualquer relação com a música é uma construção de significados, esses significados podem ser inerentes, quando dizem respeito aos elementos da música em si mesma, e podem ser descritivos, quando dizem respeito ao contexto envolvente em que a música existe. Desse ponto de vista os repertórios impostos podem situar-se longe dos mundos musicais e sociais dos alunos, não proporcionando criação de significados relevantes. Encontrar um equilíbrio entre repertórios impostos e repertório próximos dos alunos pode facilitar uma apropriação mais consistente de significados.

A intervenção que a seguir é relatada descreve os processos de formação e organização da classe de conjunto de guitarras que se estruturou em torno de dinâmicas musicais, sociais e culturais, inspiradas na literatura discutida. Mais concretamente, os processos de construção e desenvolvimento instrumental orientaram-se em camadas cumulativas de qualidade, desde as apropriações manipulativas, às camadas expressivas e estruturais que visaram, por fim, a criação de significados valorativos e a adesão pessoal. Procurou-se, igualmente, equilibrar a interação entre pares com a relação com o professor, a qual se esbateu ao incluir o professor como membro efetivo no *ensemble*. Por fim, pretendeu-se equilibrar os gostos pessoais com os compromissos programáticos na seleção de repertório, que favorecesse a criação de significados articulados e a construção de uma identidade musical, em ligação com os colegas, a comunidade e a cultura.

3. Metodologia: Intervenção

Tendo em conta a problemática inicial identificada, relativa à inexistência de contextos de aprendizagem coletiva entre guitarristas e sob o estímulo teórico que a literatura deixou transparecer, a ideia da criação de um *ensemble* de guitarras constituiu-se como um desafio importante a implementar, embora de forma organizada e controlada. Nesse sentido, a metodologia investigação-ação apresentou-se como ideal para levar a cabo esta intervenção pedagógica, apoiada em dinâmicas musicais, sociais e culturais, e para, simultaneamente, investigar os efeitos nas aprendizagens dos alunos, resultantes das dinâmicas implementadas.

3.1. Caracterização da metodologia Investigação-Ação

A literatura disponível tem demonstrado um aumento do interesse pela metodologia da **investigação-ação (I-A)**. Este tipo de metodologia relaciona quer a teoria quer a prática, não sendo possível ter uma definição exata.

Segundo Tripp (2005, p. 445), “é pouco provável que algum dia venhamos a saber quando ou onde teve origem esse método, simplesmente porque as pessoas sempre investigaram a própria prática com a finalidade de melhorá-la”.

Coutinho et al (2009) considera que a metodologia de I-A, pode ser vista como um núcleo de metodologias de investigação que relacionam a ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão). Este é baseado num processo cíclico ou em espiral, interligando a ação e a reflexão crítica.

Existem diferentes perspetivas, com base no tipo de problemática a estudar. Desta forma, “o essencial na I-A é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas, como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática” (Coutinho, 2009, p. 360). Desta forma, a falta de bibliografia relativamente à família metodológica onde se insere a I-A leva vários autores a considerar que esta assume uma modalidade de Investigação Qualitativa.

Na perspetiva de Corey, define a I-A como “um processo através do qual os práticos procuram estudar os seus problemas cientificamente, com o objetivo de orientar, corrigir e avaliar as suas decisões e ações” (Corey, 1993, p. 32). Já para Elliott, a IA não envolve apenas uma compreensão positivista do conhecimento através de relações causa-efeito, mas também assume um compromisso ético para o bem universal (Elliot, 2010, p. 33). O autor defende que o raciocínio prático assume uma relação entre o particular e o universal.

As principais características das I-A, prende-se ao facto de se tratar de uma metodologia de pesquisa, resumindo-se à prática e aplicada, tendo como finalidade resolver problemas reais.

Para Zuber, as características da I-A, envolve todos os intervenientes, quer a parte participativa, que colaborativa. O investigador não realiza apenas a investigação, assume um papel de co-investigador, como principal objetivo a melhoria da realidade (Zuber-Skerritt, 1992). No ponto de vista de Coutinho, a prática e a interventiva não implica só o campo teórico, a ação tem de estar ligada à mudança (Coutinho, 2005). O mesmo autor refere que a investigação envolve uma espiral de ciclos, em que as descobertas iniciais podem originar mudanças, que por sua vez iniciam o ciclo seguinte, constituindo uma ligação entre a teoria e a prática.

Segundo Zuber (1996), a prática de I-A é necessário planear, atuar, observar e refletir com atenção e cuidadosamente aquilo que se faz no dia-a-dia, com um objetivo de incutir melhorias nas práticas e um melhor conhecimento dos *práticos* acerca das suas práticas.

Podemos assim considerar perante o que foi apresentado, que a Investigação-Ação tem como principal objetivo a melhoria ou transformação da prática social/educativa, procurar ao mesmo tempo uma melhor compreensão dessa mesma prática; A articulação de modo permanente a investigação, a ação e a formação; A aproximação da realidade, veiculando a mudança e o conhecimento. Segundo Latorre, fazer dos educadores protagonistas da investigação (Latorre, 2003).

Para Coutinho e Rodrigo Lopes, a Investigação-Ação proporcionou à investigação em ciências da educação, uma nova forma de investigação, dando mais realce ao contexto social, incluindo os investigadores no mesmo plano de intervenção; combinar os métodos qualitativos e quantitativos, formando novas técnicas de recolha de dados (Coutinho, 2005; Rodrigues Lopes, 1990).

Neste sentido, a Investigação-Ação assume um papel fundamental nas práticas educativas, porque contribui para o diálogo, desenvolve-se em ambientes onde existe colaboração e partilha. A metodologia de Investigação-Ação não é apenas uma investigação sobre a educação, mas sim uma forma de investigar para a educação (...).

3.2. Objetivos da intervenção

Tendo em conta as aprendizagens complementares atrás identificadas que a música de conjunto acrescenta às aprendizagens desenvolvidas em contexto de aulas individuais, o presente estudo estabeleceu como principais objetivos de intervenção os seguintes:

- Criar uma classe de conjunto para todos os alunos de guitarra do 1.º ao 5.º grau do Conservatório Regional de Música de Vila Real (CRMVR), que favoreça a partilha de conhecimentos.
- Estabelecer dinâmicas de interajuda entre os elementos da classe.
- Criar estratégias para o desenvolvimento de espírito de grupo e identidade musical.

- Utilizar repertório variado que vá ao encontro do gosto musical dos alunos.

3.3. Descrição da intervenção

Este projeto foi desenvolvido no CRMVR. O *ensemble* constituiu-se com sete alunos mais o professor. Esta classe integrou alunos do 1º ao 5º grau com uma faixa etária compreendida entre os 10 e os 14 anos de idade, em que quatro são raparigas e três são rapazes.

Esta classe surgiu como uma atividade extracurricular como complemento às aulas individuais de guitarra, com o intuito de proporcionar aos alunos dinâmicas musicais e criativas desenvolvidas em grupo.

Apesar de esta atividade não constar no horário letivo regulamentar, houve um grande interesse e motivação por parte alunos, dos pais e também por parte do Conservatório. O *ensemble* contou com uma aula semanal, com a duração de 90 minutos, iniciando-se em outubro de 2015 até junho de 2016.

No que respeita aos alunos envolvidos, foi importante estabelecer um equilíbrio entre o grupo, tendo em conta as competências de cada um. Para isso, foi necessário fazer uma boa distribuição dos elementos entre os diferentes naipes. Assim, os alunos de níveis iniciais ficaram integrados nos naipes com os alunos mais avançados.

Os trabalhos foram desenvolvidos em várias fases, que incluíram não só o trabalho com o grande grupo, mas também o trabalho de naipe (pequenos grupos). Este último contribuiu positivamente para o desempenho do *ensemble*.

Para uma melhor visibilidade do grupo, foi importante escolher um vestuário próprio para utilização em concerto e desta forma poder estabelecer uma identidade de grupo nos alunos envolvidos. Foi importante a criação de um grupo no "Facebook" de forma a promover a dinâmica e partilha dos diferentes assuntos. De facto, através da utilização das redes sociais, foi possível estabelecer uma relação mais mais ativa com todos, fora das aulas. Este recurso facilitou a notificação dos alunos e dos pais sobre diversos assuntos tais como: objetivos para as aulas seguintes, partilha de repertório, partilha de fotos, esclarecimento de dúvidas e ainda o anúncio das datas dos concertos.

A escolha do repertório teve como objetivo trabalhar um leque variado de géneros musicais, bem como corresponder aos gostos dos alunos. Apesar da relevância destes fatores, foi necessário procurar um repertório cuidado, tendo em conta as diferentes níveis e capacidades dos alunos.

O *ensemble* de guitarras desenvolveu ao longo do ano letivo várias obras distintas:

- "Alecrim" – Música tradicional Portuguesa;
- "El Ball" – Arr. Eythor Thorlaksson;
- "L'hereu Riera" – Arr. Eythor Thorlaksson;

- “The first Noel” – Arr. Andrew Forrest;
- “Jingle Bells” – Arr. Jan-Olof Eriksson;
- “Canon”- Pachelbell – Arr. R. K. Webb;
- “Keppel’s Delight” – Arr. Andrew Forrest.

Através do repertório atrás descrito, foi possível a realização de concertos em diversos contextos que são enumerados de seguida:

- 1º Concerto, realizado na Câmara Municipal de Vila Real para apresentação de um momento musical no aniversário da Confraria dos vinhos do Douro. Foi importante a participação neste evento, tendo um significado especial, visto que foi o primeiro concerto do *Ensemble* de guitarras;

- 2º Concerto, de Natal realizado pelo Conservatório Regional de Música de Vila Real no final do 1º período, tendo uma dinâmica diferente do habitual. Ao realizar este concerto na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, foi possível fazer chegar a cultura musical a outros contextos.

- 3º Concerto, inserido no Festival Ano Novo (FAN), realizou-se no “Café Concerto” no Teatro de Vila Real. O Ensemble de Guitarras do CRMVR, embora ainda muito recente, foi convidado para integrar este festival juntamente com a Orquestra de Flautas. Tratou-se de uma iniciativa inovadora, que resultou na parceria e promoção conjunta das duas orquestras.

- 4º Concerto, inserido na Masterclasse coordenada pelo Professor Miguel Carvalhinho, realizada no Conservatório Regional de Música de Vila Real. Esta atividade contou com a presença do professor Miguel Carvalhinho, professor da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Desta forma, os alunos do *ensemble* tiveram a oportunidade de desenvolver capacidades técnicas e adquirir novos conceitos acerca do instrumento sob a orientação de um professor externo ao Conservatório.

- 5º Concerto, realizado na Caixa Geral de Depósitos (CGD), comemorando 140 anos de existência. Este concerto contou com diferentes momentos musicais, que decorreram ao longo da tarde, proporcionando momentos agradáveis a todos os presentes, nomeadamente, ao presidente da CGD, ao presidente da Câmara, vereadores, clientes da CGD e aos elementos da Direção Pedagógica do CRMVR.

- 6º Concerto, inserido no festival “MusicAlvão”, que decorre durante todo o mês de Maio. No presente ano, o festival contou com uma dinâmica diferente do habitual, iniciando com um concerto solidário no Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro. O concerto realizado pelo *Ensemble* de Guitarras do CRMVR, em parceria com a Orquestra de Flautas do CRMVR, proporcionou ao público um momento diferente tendo em conta o contexto em questão. Esta atividade foi gratificante não só para os alunos e pais, mas também para todo o público que assistiu.

Para melhor avaliar os efeitos que esta intervenção musical, social e cultural teve ao nível das aprendizagens dos alunos no próximo capítulo é apresentada a metodologia de investigação adotada e os resultados obtidos.

4. Metodologia: Investigação

4.1. Objetivos da investigação

Com vista à avaliação mais rigorosa sobre os efeitos das dinâmicas musicais, sociais e culturais implementadas, foram estabelecidos os seguintes objetivos de investigação:

- Analisar as aprendizagens musicais/instrumentais desenvolvidas pelos alunos nos contextos de classe individual e de conjunto.
- Analisar as aprendizagens estabelecidas a nível da interação social.
- Analisar os efeitos que a classe de conjunto poderá exercer na criação de espírito de grupo e identidade musical.

4.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para a realização deste projeto de investigação, foi importante recorrer a diferentes técnicas de recolha de dados, no sentido de obter o máximo de informação possível e registar todas as aprendizagens desenvolvidas.

As técnicas utilizadas foram as seguintes:

- Observação direta com registo de notas de campo;
- Entrevistas semiestruturadas;
- Registo de vídeo e áudio.

De seguida, será feita uma descrição de cada uma destas técnicas.

4.2.1. Observação direta com registo de notas de campo

Uma observação constante por parte do professor/investigador é fundamental para facilitar a compreensão das ações dos alunos no decorrer das tarefas. A realização de notas de campo possibilita um registo diário e pessoal importante, que permite constatar evoluções e retrocessos (se existirem) e poder atuar em função das suas conclusões. Assim, contribui para de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Postic, “os instrumentos de observação têm por função seguir o desenvolvimento do comportamento do jovem professor, situá-lo progressivamente numa perspetiva de evolução” Postic (1979, p. 50). Estes instrumentos facilitam e

possibilitam uma observação mais objetiva e exata. Desta forma, permitem fornecer ao professor, informações sobre as vivências no âmbito da formação, contribuindo e permitindo a exploração das mesmas de modo a desenvolver-se como profissional na área da docência.

Na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994, p.150), as notas de campo são o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa”, pelo que, a partir dessa recolha, numa fase posterior, ajuda na sua reflexão.

4.2.2. Gravação de vídeo

Do ponto de vista de Alberti (2007), a gravação em vídeo tem-se difundido bastante ultimamente. Esta permite fazer o registo de imagem do entrevistado, registando gestos e expressões que enriquecem a narração, indicando a intenção do entrevistado.

Segundo o mesmo autor, nem sempre as gravações são divulgadas na íntegra. Normalmente são apresentados apenas alguns trechos selecionados e editados. A utilização desta técnica apresenta vantagens e desvantagens. As principais vantagens consistem no registo de imagem e o uso de audiovisuais, e as desvantagens são, por exemplo, a inibição do entrevistado (Alberti, 2007, p. 62, 63).

Para a realização das gravações em formato vídeo e áudio para este projeto, foi necessário a assinatura de um consentimento informado para a autorização da mesma. (Anexo 1)

5. Entrevistas

A realização de entrevistas aos intervenientes constitui uma estratégia de enorme importância no que respeita a recolha de dados, complementando os dados recolhidos através da observação.

“Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados; podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante ou análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

No presente estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de forma a permitir maior segurança ao investigador. Desta forma, as entrevistas foram conduzidas com base num guião de suporte flexível. Segundo Merton e Kendall (1946) citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134), as entrevistas qualitativas podem ser apresentadas de forma aberta, centrando-se em determinados tópicos, ou podem ser guiadas por questões gerais.

As entrevistas realizadas a todos os inquiridos tiveram como objetivo identificar as diferentes dinâmicas realizadas em contexto de grupo.

5.1. Guião de Entrevistas

Para realização e elaboração dos guiões de entrevistas foi necessário a criação de categorias e subcategorias *a priori* com base nos grandes pilares deste projeto: Dinâmicas musicais, dinâmicas sociais e dinâmicas culturais.

Tabela 7 - Guião de entrevista aos alunos

Perceções gerais		O que sentiste quando iniciaste a prática de música de conjunto?
		Quais as principais aprendizagens que tens desenvolvido nas aulas de conjunto? O que aprendes na classe de conjunto que não aprendes nas aulas individuais?
		Com quem é que aprendes quando tocas música de conjunto?
		Qual a diferença entre tocares sozinho ou em grupo?
Dinâmicas Musicais	Questões técnicas e manipulativas	Que aspetos técnicos tens desenvolvido na classe de conjunto? (De que forma associas a tua evolução técnica à prática de música de conjunto de guitarras?).
	Questões expressivas	O que é preciso para ter uma música de conjunto bem tocada? (De que forma a pulsação é importante na classe de conjunto de guitarras?)
	Questões estruturais	Qual a importância dos diferentes naipes nas aulas de conjunto? (De que forma relacionas a tua voz com as restantes naipes? (Ex. Dinâmicas e timbre).
	Questões de valor	De que forma te identificas com a música de conjunto de guitarras? De que forma a classe de conjunto é um elemento motivador para a prática do instrumento? De que forma te identificas com o repertório trabalhado em música de conjunto de guitarras?
Dinâmicas Sociais	Relação entre pares	O que é preciso para o bom funcionamento de um naipe? (Que relações estabeleces com os colegas do teu naipe?)
	Relações de grande grupo	O que é preciso para o bom funcionamento do <i>ensemble</i> de guitarras? (Como descreves a tua relação com os colegas do <i>ensemble</i> ?)
	Identidade de grupo (Espírito de grupo)	O que sentes por fazer parte de um <i>ensemble</i> de guitarras?
	Relação	Como descreves o papel do professor no <i>ensemble</i> de

	professor/aluno	guitarras?
	Relação com o público	O que é para ti tocar em público? Qual a diferença de tocar em público sozinho ou no <i>ensemble</i> de guitarras?
Dinâmicas Culturais	Relação escola-meio	De que forma o <i>ensemble</i> de guitarras pode ser um potencial para a cultura local?
	Parcerias com outras orquestras (Orquestra de Flautas)	Como avalias o facto da classe de conjunto de guitarras tocar em parceria com outras orquestras?
	Parcerias com as várias instituições	O que achas da classe de conjunto de guitarras poder tocar em vários locais e contextos?
	Sensibilização do público (Divulgação)	De que forma é importante a escolha de repertório para tocar nos diferentes locais e contextos?
	O prazer pela partilha	O que sentes ao partilhar o trabalho realizado pelo <i>ensemble</i> de guitarras?

Tabela 8 - Guião de entrevista aos Pais e Diretor Pedagógico

Perceções Gerais	Qual é a sua opinião sobre a participação do seu filho na música de conjunto? (Ex: Realização de concertos abertos ao público).
Dinâmicas Musicais	Notou alguma mudança no seu filho na aprendizagem da guitarra desde que iniciou a classe de conjunto? (Ex: Motivação, interesse pelo instrumento, impacto noutras áreas, escola, etc).
Dinâmicas Sociais	No seu ponto de vista, quais são as principais diferenças entre a música de conjunto (feita em grupo) e as aulas individuais de guitarra (feita a sós)? (Ex: Dinâmica de grupo vs individual, dinâmica social/relações sociais).
Dinâmicas Culturais	Na sua perspetiva, de que forma um <i>ensemble</i> de guitarras pode contribuir para a cultura local? (Ex: parceria com outras orquestras, dinamização de diferentes eventos). No ponto de vista do Diretor Pedagógico que impacto teve o <i>Ensemble</i> de Guitarras no CRMVR? (Relação escola – meio; Parcerias com várias instituições).

5.2. Técnica de análise e tratamento de dados (análise de conteúdo das notas de campo e vídeos das entrevistas)

A análise de dados consiste na organização e transcrição de entrevistas, notas de campo e de outros materiais recolhidos, no sentido de aumentar a compreensão dos mesmos e de permitir apresentar os resultados obtidos (Bogdan e Biklen, 1994).

Do ponto de vista de Afonso (2005), “refere-se à qualidade externa dos dados, à garantia de que os dados se referem à informação efetivamente recolhida, e não foram fabricados (elemento fundamental para um tratamento da informação em contexto educativo)” (Afonso, 2005, p. 112).

Na presente fase, do projeto foi importante realizar a identificação, a transcrição e organização de todos os dados recolhidos, de forma a enquadrar nas diferentes categorias (c. f. Afonso, 2005).

5.2.1. Criação de categorias e subcategorias

O processo de categorização desenvolvido, envolveu a criação de categorias e subcategorias previamente definidas (categorias *a priori*), sendo estas sujeitas a alterações posteriores (categorias *a posteriori*). Desta forma, a categorização pode ser considerada mista.

Segundo Vala (1986, p. 111) “a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori* ou ainda através da combinação destes processos” (1986, p. 111).

O mesmo autor refere que a utilização de categorias *a priori* parte de pressupostos teóricos que orientam a sua elaboração. No que designa as categorias *a posteriori*, “são as técnicas de análise de conteúdo utilizadas que são auto-geradoras dos resultados” (Ghiglione e Matalon, 1980, cit. Vala, 1986, p. 113).

5.2.2. Identificação

O processo de identificação ocorreu no ato da recolha dos dados, distribuídos da seguinte forma:

- Os alunos foram identificados com a letra (A) e numerados de 01 a 07 (relativo ao número de alunos envolvidos); por exemplo: (A-01).
- Os Encarregados de Educação foram identificados com as letras (EE), caso seja a mãe a referir (EEM), caso seja o pai (EEP), seguido do número correspondente ao seu filho; Por exemplo: (EEM-01); (EEP-01).
- O Diretor Pedagógico é indicado pelas letras (DP)

5.2.3. Análise das entrevistas

Para esta análise foram realizadas e gravadas 7 entrevistas. Foi feita a transcrição completa dos registos gravados, com o intuito e preocupação de manter uma linguagem original (ver anexo 2).

Para análise do conteúdo dos dados recolhidos, recorreu-se à criação de categorias e subcategorias, a partir daquelas criadas *a priori*, bem como à interpretação de sentidos de resposta a partir, de diferentes indicadores. Para cada subcategoria, foram identificados sentidos de resposta, a partir dos dados recolhidos em diferentes fontes. Este processo de triangulação de dados, cruza os testemunhos de estudantes, encarregados de educação e diretor pedagógico com as reflexões desenvolvidas pelo próprio professor/investigador. As seguintes tabelas de tratamento de dados apresentam excertos deste processo de análise (ver tabelas 9, 10, 11 e 12).

Tabela 9 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria percepções gerais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
PERCEÇÕES GERAIS	Motivação e empenho	A orquestra de guitarras é apontada como incentivo e motivação para o estudo	<p>“Tenho novas estratégias e depois também me ajuda para as aulas individuais. Tenho mais vontade de estudar porque assim posso apanhar o nível dos meus outros colegas...” (A-06).</p> <p>“... Interessou-se mais pela música, e pelo que está a fazer, toca com mais gosto, toca mais vezes, toca para mim que não tocava, que é uma coisa engraçada, antes não tocava tinha vergonha, só tocava no quarto, e não agora, toca na sala, é diferente, eu acho que já é uma diferença muito grande...” (EE-02).</p>

Tabela 10 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas musicais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
DINÂMICAS MUSICAIS	Questões de valor	O <i>ensemble</i> de guitarras favorece e torna visível a satisfação e adesão pessoal dos elementos	<p>“Às vezes não é preciso que nos digam; basta só olhar para eles e vê-se o ar de satisfação; estás encantada, correu bem, e para uma miúda como ela, porque ela é assim um pouco fechada, isto diz tudo.” (EE-01).</p> <p>“... Sinto que vai ser um momento de prazer porque muitas pessoas podem ouvir-me...” (A-04).</p>

Tabela 11 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas sociais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
DINÂMICAS SOCIAIS	Relação entre pares	A dinâmica de música de conjunto tem incentivado os laços de amizade entre pares	<p>“Para além da entreajuda, também se cria uma relação de amizade; por exemplo, antes do <i>Ensemble</i> ser criado, nós víamo-nos nas audições e éramos capazes de passar uns pelos outros na rua e nem sequer dizíamos nada, e agora quando nos encontramos paramos um pouco e falamos.” (A-01).</p> <p>“Nas aulas individuais não há a ligação com os colegas... o tempo que antes dos concertos em que eles se juntam para a preparação, esse convívio entre eles acaba por ser muito importante... vê-se uma amizade entre eles, é um grupo pequenino em que gostam de estar uns com os outros...” (EE-05).</p>

	Relação professor/aluno	O professor é valorizado pela dupla função professor/músico	“... O papel do professor tem muita importância... fornece ajuda quando temos dificuldades. Para além de professor também está inserido no grupo” (A-05).
--	--------------------------------	---	---

Tabela 12 - Excerto da tabela de tratamento de dados (categoria dinâmicas culturais)

Categories	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
DINÂMICAS CULTURAIS	Relação escola-meio	As dinâmicas da classe de conjunto e dos concertos são referidas como promotores da relação entre a escola e os pais	“...é de salientar um incremento na participação e envolvimento dos Pais, que acompanhavam a formação nas suas saídas, e colaboravam com a realização de ensaios extra. O dinamismo resultante da implementação desta formação permitiu não só a aproximação dos Pais ao Conservatório, tornando-os mais interventivos e colaborativos...”(DP).
	Parcerias com outras orquestras (Orquestra de Flautas)	São realçados aspetos estéticos com a junção de diferentes orquestras	<p>“Acho que é bom e enriquecedor para nós... Andamos todos no coro, e o único contacto que temos é cantar com outras pessoas, e a guitarra é vista como um instrumento muito individual, e é interessante ver como ela fica que até a nós nos surpreendeu, é interessante ver como ficou... Com a orquestra de flautas dá um conjunto muito melhor, do que tocamos sozinhos, sem dúvida” (A-02).</p> <p>“... Excelente primeiro para quem participa... ver a relação que há entre eles, depois o resultado que já sabem dentro do grupo deles como é, mas adaptem-se a outros sons, a outras pessoas também, eu acho que é uma ideia fantástica, o resultado é fantástico e sempre que tocaram com outros, o resultado acho que foi ainda mais bonito no ponto de vista artístico, mais agradável” (EE-02).</p>

6. Apresentação e discussão dos resultados

Através do processo de análise e tratamento de dados recolhidos, importa apresentar e interpretar os resultados, seguindo uma estrutura organizada, com base num guião de categorias e subcategorias previamente criadas, sendo estas sujeitas a alterações em função dos resultados obtidos. Assim, os resultados serão organizados em torno das três categorias principais (Dinâmicas musicais, sociais e culturais) e uma categoria prévia relativa às perceções gerais desenvolvidas no presente projeto.

6.1. Perceções gerais

Na presente categoria, é importante conhecer e relatar de que forma os aspetos como a motivação/empenho dos alunos, o seu desenvolvimento instrumental, as novas aprendizagens, a sua relação social e organização pessoal são percecionados no contexto da classe de conjunto de guitarras.

No que respeita a motivação e empenho, **a orquestra de guitarras é apontada como incentivo e motivação para o estudo**. Uma das alunas refere: “Foi importante... para a concentração, para poder estudar melhor ou ver as coisas de uma maneira mais rápida e eficaz, para também podermos trabalhar melhor em grupo e para dar um melhor resultado” (A-01). Um segundo aluno menciona: “A classe de conjunto leva a que estejamos mais horas com o instrumento, motiva a prática do instrumento, pois ao sabermos que tocamos bem uma determinada música inspira-nos a continuar” (A-05). Uma terceira aluna menciona: “Tenho novas estratégias e depois também me ajuda para as aulas individuais. Tenho mais vontade de estudar porque assim posso apanhar o nível dos meus outros colegas...” (A-06). No ponto de vista do pai destaca-se: “... Acho que incute nela um gosto acrescido e que as aulas individuais não são suficientes para a motivar de forma que ela consiga atingir os objetivos. Ela sente-se muito mais motivada neste conceito de grupo, nesta orgânica de grupo... acho que ela evolui mais depressa...” (EEP-03). A mãe de um segundo aluno indica: “... A possibilidade de ele estar integrado numa classe de conjunto onde a guitarra é o instrumento que ele vai trabalhar, foi de facto fantástico. Preencheu uma lacuna que existia e que ele não conseguia preencher com a classe de conjunto tradicional, isto porque a grande motivação do meu filho é a guitarra...” (EEM-07).

Quanto ao desenvolvimento instrumental, **a orquestra é apontada como fator de desenvolvimento**. Uma das alunas refere: “Quando estou a ler a pauta às vezes não sei como tocar na guitarra... assim, começo também a decorar melhor e a ter noção onde é cada coisa e como funciona... Apesar de serem peças simples, consigo desenvolver melhor... tenho notado bastante nas aulas individuais de instrumento” (A-02). Uma segunda aluna salienta: “... É muito importante porque desenvolvo novas técnicas que na aula individual não tenho tempo para trabalhar” (A-03). Um terceiro aluno refere: “Posso desenvolver mais técnicas que o professor ensinou. Tocando mais, vou resolvendo alguns problemas técnicos que depois acabam por desaparecer”

(A-04). Na perspetiva do pai de um aluno revela: "... A minha filha evoluiu muito mais, depois de estar integrada na classe de conjunto, na orquestra de guitarras... eu penso que tem a ver com o estímulo e motivação... o facto de estar a partilhar conhecimentos com outras pessoas que têm níveis diferentes..." (EEP-03). Na opinião da mãe de um terceiro aluno menciona: "... O trabalho em grupo complementa o individual. Eu acho que eles não se substituem, agora complementa-se e permitem que o aluno cresça e de facto, noutros domínios, o trabalho individual acaba por ser muito direccionado... aos programas que têm que cumprir... é sempre uma mais-valia e a possibilidade de eles darem asas à própria criatividade, criando situações que não são possíveis no contexto de sala tradicional do instrumento..." (EEM-07).

No âmbito das novas aprendizagens, **a orquestra é referida como fonte de novas aprendizagens musicais e técnicas instrumentais**. Uma das alunas refere: "Novas canções, aprendo também certas posições, como fazer alguns acordes e como fazer algumas notas... trabalhando coisas novas... o "Pizzicato" que foi utilizado na música de Natal" (A-03). Um segundo aluno realça: "Aprendo técnicas novas como: o "Pizzicato" e a "Tambora". Na classe de conjunto, aprendo a fazer ritmo, mas nas aulas individuais só aprendo a tocar clássico..." (A-07).

No que diz respeito à relação social, **a orquestra é apontada como meio de relação social**. Uma aluna menciona: "Gostei quando o nosso grupo foi criado; foi uma maneira de nos conhecermos melhor uns aos outros... para falarmos uns com os outros e para nos conhecermos melhor ou para partilhar experiências" (A-01). Uma segunda aluna refere: "Ao início fiquei mesmo muito feliz... poder estar num grupo que se pode estar mais descontraída, tocar, fazer uma coisa que gosto ainda estar com pessoas que me dou...porque me ajuda a descontrair e a criar relações com pessoas, que talvez noutra altura não lhes pedia um favor, e hoje em dia se precisar já falo com eles" (A-03). Um terceiro aluno destaca: "... Fazer amizades com outros colegas, não estar sempre só a tocar sozinho e sem ninguém acompanhar. Para mim, também a música em grupo é mais interessante do que sozinho" (A-04). O pai de uma aluna refere: "...É uma pessoa claramente de grupo, de dinâmica sociável e isso estimula-a não só intelectualmente, mas também em termos técnicos, e eu sinto que ela anda muito motivada desde que começou esta atividade da orquestra de guitarras..." (EEP-03). A mãe de uma segunda aluna menciona: "... Uma menina estava muito nervosa e a nossa filha disse: "fica tranquila porque se tu te enganares nós estamos cá para te apoiar". É muito importante este espírito e ela própria já tem esse espírito de entreaajuda, mas que ainda vem motivar mais. Para a nossa filha, traz-lhe uma realização pessoal muito grande..." (EE-03). A mãe de uma terceira aluna destaca: "... está a lidar com outro tipo de meninos que ela não está habituada, que ela não lida na escola e isso vai enriquecê-la... a presença de vários meninos, de diferentes idades, acho que vai ajudá-la a ser um bocadinho menos inibida" (EEM-06). A mãe de um quarto aluno refere: "... O meu filho está a entrar... na puberdade que é de alguma forma complicada, e estes contextos de interação com os amigos, com os pares, com miúdos da mesma idade, fazem-no crescer, fazem senti-lo muito mais confiante.

Portanto, complementa-se a classe de conjunto com a classe individual. Acho que está a crescer, mas acho de uma forma saudável. Sinto-o mais extrovertido, com mais à vontade” (EEM-07).

Quanto à organização pessoal, **a dinâmica na orquestra é apontada como possível responsável na melhoria organizativa dos alunos em diferentes disciplinas**. A mãe de uma aluna menciona: “Em relação a esse aspeto (escola) acho que melhorou: noto que começou a organizar-se mais no tempo, a distribuir um bocadinho de tempo para cada coisa e a ser mais organizada... sem ser necessário ter a nossa intervenção. Ela gere muito mais a atividade dela...” (EEM-01). A mãe de uma segunda aluna refere: “... Na escola notei-a diferente, a minha filha referiu isso, que achava que estudava mais atenta, mais concentrada, que não se dispersava tanto, ela própria referiu isso: “oh mãe eu já consigo estudar mais sossegada, não me levanto tantas vezes, não me distraio tantas vezes, e eu acho que é exatamente pela música, pelo que tenho feito na música, eu tenho de estudar e estar concentrada se não, não faço nada, não toco bem, tenho de estar concentrada, habituei-me a estar concentrada e no próprio estudo em casa estou muito mais atenta”, e até disse: “Tenho e estudar menos, não preciso de estudar tanto” (EEM-02). A mãe de uma terceira aluna destaca: “... O facto de ter entrado para a guitarra, em termos intelectuais, nota-se em termos de concentração que ela melhorou porque ela, muitas das vezes aplica a música ao estudo. As pausas que ela faz no estudo é com a música” (EEM-03). A mãe de um quarto aluno revela: “... O facto de o aluno se apresentar perante um público, no contexto das audições assistidas, penso que é sempre muito favorável... para o aluno é muito importante, não só porque se habitua a estar num contexto muito exigente em palco, e nem consegue estar preparado se não tiver formação no domínio das artes em geral, performativas e musicais... dá-lhe um à vontade que eu vou notando no Afonso, uma facilidade de interagir com os outros, com o público, até mesmo em termos de retórica quando está com os colegas no contexto de sala de aula, daí a transversalidade disto tudo... na apresentação de um trabalho numa disciplina do currículo tradicional, ele sente-se com muito mais à vontade, desinibe-se. Isto liberta, dá-lhe um... à vontade para falar, para estar em público, e para estar sem ansiedades e medos porque vão ganhando estas competências. Vão ganhando preparação e portanto vão crescendo...” (EEM-07).

Ainda na mesma subcategoria da organização pessoal, **a orquestra é vista como um fator de desenvolvimento do sentido de responsabilidade**. Um dos alunos menciona: “Uns colegas tocam um naipe os outros tocam outro. Eu respeito os outros para que me respeitem também” (A-04). Um segundo aluno refere: “É preciso ter relação, ser possível haver um diálogo entre o grupo, coordenação, saber quando é que temos de entrar e ficar atento às indicações do professor para depois não errar e perturbar os outros colegas...” (A-04)

6.2. Dinâmicas musicais

No que ilustra as questões técnicas e manipulativas, **o ensemble é valorizado por desenvolver a concentração, a escuta atenta e a coordenação coletiva**. Uma aluna esclarece: “... A pulsação é importante, porque se cada um estiver a tocar ao ritmo que lhe apetece, sai uma coisa qualquer; tem de estar tudo ao mesmo ritmo, ao mesmo batimento, à mesma pulsação... a pulsação é muito importante porque uma música é feita de pulsações, ritmos e de sons” (A-03). Uma segunda aluna destaca: “Presto mais atenção ao que se passa à minha volta, tenho de ouvir os outros para saber quando é que é a minha vez... sozinha eu faço à velocidade que eu quiser, de acordo com a peça que estou a tocar, porque não tenho ninguém a tocar comigo” (A-02). Um terceiro aluno refere: “Tenho aprendido a tocar em conjunto, não ouvir-me só a mim, ter atenção aos outros, ouvir os outros. Tenho de me concentrar mais nos outros naipes para conseguirmos encaixar na música” (A-07).

Quanto às questões expressivas, **são valorizadas as dinâmicas expressivas produzidas em grupo**. Um aluno refere: “... Ao tocarmos os diferentes naipes, a música torna-se mais desenvolvida do que... um só naipe... as pessoas gostam. Tenho de ouvir os colegas para saber se é forte ou piano. É preciso estar atento ao grupo” (A-04). Um segundo aluno indica: “Sinto-me especial ao tocar estas músicas. Há algumas que eu gosto mais, têm dinâmicas, são mais divertidas do que outras. Gosto mais do “Canon” porque fazemos várias dinâmicas, fazemos “tambora”, ritmo e a peça é divertida” (A-07).

Nas questões estruturais, **a música em conjunto é valorizada pelo desenvolvimento da perceção das diferentes vozes e do seu equilíbrio global**. Uma aluna refere: “O facto de estar na orquestra, ajudou-me a perceber que quando tocamos em grupo não nos podemos concentrar tanto em nós próprios, e não nos ouvir só a nós próprios; é preciso também ouvir as outras vozes para nos ajudar” (A-01). Uma segunda aluna realça: “... Como não tinha bem a noção o que era tocar em conjunto, não sabia bem como é que havia de fazer, mas agora, com o tempo, acho que já está tudo a ficar melhor, estamos todos a perceber como é que funciona... por exemplo quando uma voz tem de tocar mais alta e a outra tem de tocar mais baixo um pouco para a outra sobressair mais” (A-02). Uma terceira aluna menciona: “... Fica muito bonito. Eu ao início ouvia a minha guitarra, dificilmente ouvia as outras, e agora tenho de ouvir a minha e a dos outros para saber se eu estou a fazer bem a minha voz, porque posso estar a fazer uma dinâmica completamente errada. Ao ouvir os outros naipes e ver que não combinam uma com a outra, tento melhorar e aproximar...” (A-03).

No que diz respeito às questões de valor, **o ensemble de guitarras favorece e torna visível a satisfação e adesão pessoal dos elementos**. O pai de uma aluna refere: “Às vezes não é preciso que nos digam; basta só olhar para eles e vê-se o ar de satisfação; estás encantada, correu bem, e para uma miúda como ela, porque ela é assim um pouco fechada, isto diz tudo” (EEP-01). A mãe de uma segunda aluna

menciona: “... Claro que gosta muito mais da orquestra porque é mais alegre, mais ritmado, e mesmo para nós, em termos visuais e auditivos, o resultado final da orquestra é mais espetacular... orquestra tem sempre mais impacto para quem está a assistir e mesmo para quem está atuar, portanto deve ser interessante...” (EEM-03). A mãe de um terceiro aluno realça: “... O meu filho vem com uma alegria... a classe de conjunto de guitarras está fora do horário letivo estabelecido inicialmente, e ele vem com uma alegria e uma vontade fantástica de vir aprender... não têm faltas os meninos, os meninos veem porque gostam e de facto nós notamos que eles crescem...” (EEM-07).

Ainda em relação às expressões de valor, **o ensemble de guitarras promove a valorização de géneros musicais variados**. Uma aluna refere: “Eu gosto de todo o tipo de música... também aprender músicas que já não são para a minha idade... diferentes épocas, também aprendo a ouvir tudo e não só aquilo que é a minha base. Nós tocamos essencialmente música... quando vim para o conservatório eu estava toda triste e disse: Oh mãe, mas eu tenho de tocar música clássica? Não pode ser outra coisa? Acabo por estar a desenvolver um gosto diferente do que as pessoas da minha idade não têm, porque normalmente na minha idade são mais virados para o Pop, outros para Heavy Metal, Rock... raramente para a música clássica... em casa não estão habituados a ouvir... na rádio nunca vi passar uma música clássica na minha vida. Nós tocamos “L’hereu Riera, Ell ball, Keppels’s Deligth”, e temos o “Canon” que é uma mistura das duas, o Rock e do clássico, são dois estilos completamente diferentes, mas juntos cada um à sua maneira é muito bonito... na música de conjunto consigo trabalhar vários géneros de música e não ser o que trabalho na minha aula individual” (A-03). Um segundo aluno menciona: “... Eu gosto mais de tocar o “Canon”. por exemplo, primeiro a parte clássica que é calma, mas depois vem a parte do rock que me motiva muito...” (A-04). Uma terceira aluna realça “... O rock dá um toque diferente à música. Acho que o programa é bom. É fácil, mas também requer muita atenção que é para depois sair bem” (A-06).

6.3. Dinâmicas Sociais

No que se refere à relação entre pares, **a dinâmica de música de conjunto tem incentivado os laços de amizade entre pares**. Uma aluna refere: “Para além da entreajuda, também se cria uma relação de amizade; por exemplo, antes do *Ensemble* ser criado, nós víamo-nos nas audições e éramos capazes de passar uns pelos outros na rua e nem sequer dizíamos nada, e agora quando nos encontramos paramos um pouco e falamos” (A-01). Uma segunda aluna menciona: “... a trabalhar juntos não se pode acusar o colega, estamos a produzir trabalho para a mesma coisa, acho incorreto acusar o colega porque às vezes pode ser ao contrário, acaba por ser desconfortável e criar um momento de tensão entre os dois, ou entre o grupo... normalmente os mais velhos não se dão muito bem com os mais novos... acabo também por me relacionar mais com eles, que é uma coisa que eu gosto, porque se calhar noutra altura qualquer, eu não me dava assim tão bem com eles e sei que se agora precisar eu peço ajuda e

eles também me podem pedir a mim... agora se os vir paro, cumprimento, e tenho uma boa relação com os meus colegas” (A-03). A mãe de um aluno destaca: “Nas aulas individuais não há a ligação com os colegas... o tempo que antes dos concertos em que eles se juntam para a preparação, esse convívio entre eles acaba por ser muito importante... vê-se uma amizade entre eles, é um grupo pequenino em que gostam de estar uns com os outros...” (EEM-05).

Ainda dentro da relação entre pares, **A música de conjunto favorece a entreatajuda entre pares**. Uma aluna realça: “É preciso comunicação entre o naipe e saber ajudar, porque se tivermos uma colega de naipe que nos goza quando nós não sabemos fazer alguma coisa, está-nos a intimidar de certa forma, e nós vamos ter vergonha de tocar, porque sabemos que podemos ser gozados ou que não vamos ser tão aceites, então é preciso conseguir ajudar os outros no naipe e ter paciência uns para os outros e estar sempre prontos para ajudar” (A-02).

No que diz respeito à aprendizagem entre pares, **a música de conjunto promove o ensino-aprendizagem entre pares**. Uma aluna refere: “... se nós estudamos e um colega tem uma parte que tem mais dificuldade, desta forma, podemos ajudar ou dar-lhe dicas como fazer e isso motiva-me” (A-01). Uma segunda aluna menciona: “Aprendemos um bocado com todos, por exemplo, outra pessoa de outra guitarra está a tocar uma parte e às vezes até podemos perguntar quando é que os outros começam... a Alexandra que é a que está mais avançada, se tivermos dúvidas em alguma parte, podemos perguntar a ela, que ela sabe nos explicar, mesmo quando não estamos com o professor, ou então, podemos explicar aos outros” (A-02). Um terceiro aluno destaca: “... Terem uma boa relação em termos de naipe, ajudam-se uns aos outros. Como estamos a tocar o mesmo, se não houver uma boa relação não há interajuda. Todo este trabalho é para um bom desempenho do naipe e do grupo” (A-05). Um quarto aluno salienta: “Seremos todos amigos, darmos-nos bem uns com os outros, ajudarmo-nos uns aos outros. Sinto-me bem quando as outras pessoas me ajudam quando eu tenho dúvidas” (A-07). A mãe de uma aluna menciona: “Nós como pais, só lhes faz bem conviver com outras pessoas e outras realidades, e aprendem uns com os outros, como em qualquer área, se estão com pessoas diferentes e têm aprendizagens diferentes, claro que só podem aprender” (EEM-02). O pai de uma segunda aluna refere: “... Pormenores técnicos que de certeza que em conjunto será mais fácil de trabalhar do que individualmente...” (EEP-03).

Dentro da mesma subcategoria aprendizagens entre pares, é declarado que **a música de conjunto promove uma competição saudável entre pares**. Uma aluna salienta: “Também acaba por existir uma certa competitividade entre colegas e que acaba por ser motivador” (A-01). Uma segunda aluna menciona: “Quando o professor dá uma peça nova, eu com o meu colega de naipe estamos logo de início a ver como é a nossa parte, para quando chegar a nossa vez... já sabermos mais ou menos o que temos para fazer, para assim o nosso naipe se destacar em relação aos outros” (A-02). A mãe de um aluno revela: “... Isto tudo implica alguma competição que, se for saudável, é muito favorável e muito benéfica...” (EEM-07).

Quanto às relações de grande grupo, **o trabalho em grupo é valorizado na autoconfiança e no espírito coletivo**. Uma aluna refere: “Acho que ao tocar com o *Ensemble* sinto-me mais segura e mais confortável do que estar a tocar sozinha, porque no *Ensemble* suportamo-nos uns aos outros, e acho que é mais fácil de tocarmos a nossa parte quando temos alguém a suportar a parte que estamos a fazer” (A-01). O pai de um aluno revela: “É importante para os elementos do grupo, cria-lhes o à vontade para interagir, uma confiança quer entre ele, e também perante o público. É cada vez mais importante saber estar em público e transmitir uma mensagem...por exemplo, no concerto do “Hospital”, comparativamente com o do “Café Concerto”, notou-se muito mais abertura, mais à vontade, tentando interagir mais com o público e mais confiantes...” (EEP-05).

Ainda dentro nas relações de grande grupo, **o grupo é valorizado pela ocultação dos erros individuais**. Uma aluna salienta: “... No *ensemble* os pequenos erros passam um pouco despercebidos e não são tão destacados” (A-01). Uma segunda aluna refere: “Sozinho...se nos enganamos ou se nos dá alguma branca por causa dos nervos nota-se logo. Na classe de conjunto sabemos se nos enganarmos... temos alguém que continua a nossa parte e nós depois também retomamos... sabendo que tenho alguém que me ajuda e que me apoia nesses momentos é muito bom” (A-03). Um terceiro aluno menciona: “Ao tocar sozinho, fico mais nervoso porque, se me enganar, as pessoas dão conta... mas se tocar em conjunto, se me enganar, consigo ouvir o meu naipe, consigo continuar a tocar e as pessoas não dão conta...” (A-07).

No que envolve as aprendizagens em grupo, **a observação dos outros promove as aprendizagens de si próprio**. Uma aluna refere: “Aprendo com o grupo todo. Aplicamos nas nossas dúvidas e dificuldades estratégias que vemos os outros fazerem e que podem ser aplicadas em nós” (A-01). Um segundo aluno realça: “... Ao ver *ensemble* de Guitarras e o desenvolvimento dos outros alunos, quero seguir o exemplo deles, tocar sempre em casa e ser um bom aluno” (A-04).

No que envolve o espírito de grupo, **é referido o espírito de equipa, entreaajuda e o contributo de cada um para o sucesso do grupo**. Uma aluna refere: “... Acho que não se trata só do meu trabalho ou só do trabalho daquela pessoa; é um trabalho de todos” (A-01). Um segundo aluno menciona: “É preciso sermos todos como se fossemos só um, que nos ajudemos e que sejamos todos amigos...” (A-07).

No que se aplica à identidade de grupo, **o *ensemble* de guitarras é valorizado pelo seu carácter único na região**. Uma aluna realça: “O facto de não haver outra orquestra de guitarras aqui no conservatório é muito bom porque acabamos por mostrar coisas às pessoas que não estão habituadas e é muito bom apresentar o que temos para o público, porque há músicas ali que toda a gente gosta, que fica lindo...” (A-03). A mãe de um aluno salienta: “... no caso do *Ensemble* de Guitarras, que não existia, que é uma situação de alguma forma inovadora e que só pode trazer benefícios à comunidade de Vila Real e eu espero que traga à região” (EEM-07).

Ainda no que se refere à identidade de grupo, **é valorizado o sentimento de pertença a um grupo**. Uma aluna refere: “Eu gosto de fazer parte do *Ensemble* de guitarras. Eu quando andava no 1º e 2º grau... eu achava que devia ser interessante fazer parte de um grupo; agora estou a ter essa oportunidade e gosto bastante” (A-01). Um segundo aluno menciona: “Sinto-me bem por fazer parte de um conjunto de guitarras do conservatório e onde somos todos importantes. Sinto-me feliz e importante por fazer parte desta classe” (A-07).

No que respeita a gestão emocional em concerto, **o grupo é visto como um atenuador de ansiedade e pressão**. Um aluno refere: “... Em grupo sinto menos nervosismo do que a tocar sozinho. Quando estou um bocado nervoso olho para os meus colegas e o meu nervosismo diminui. Tenho sempre mais ajuda quando estou a tocar em grupo” (A-05). Uma segunda aluna realça: “... Para além de minha colega é uma amiga que está sempre presente quando eu mais preciso. Quando... nervosa ela dá-me conselhos para eu não me sentir assim e que vai correr tudo bem...” (A-06). A mãe de uma aluna salienta: “... No último concerto, eu perguntei-lhe se estava nervosa, e ela disse: “não mãe, não estou, já estou um bocado habituada...” (EEM-03).

No que envolve as relações sociais, **é valorizada a dinâmica de enfrentar o público na autoconfiança**. Uma aluna refere: “É bom para sabermos estar em diversos locais... habitua-nos também a estar em concertos com mais barulho, outros com menos, as pessoas estão ali só para nos verem...” (A-03). O pai de uma aluna menciona: “Ela era um bocado fechada e tímida, características que herdou, e com os concertos nota-se diferente... mais descontraída...” (EEP-01). O pai de uma segunda aluna destaca: “... Esta componente de enfrentar o público... ninguém se sente tranquilo nem à vontade quando enfrenta uma multidão... é importante para nós conseguirmos ultrapassar esses receios que vamos ter e vão acontecer várias vezes ao longo da nossa vida. Eu acho que é uma excelente preparação. Mesmo na vida académica, a Catarina vai ter de apresentar trabalhos em público, vai ter que fazer dissertações, trabalhos orais e é muito mais fácil se já tiver esta experiência...” (EEP-03).

No que engloba a relação professor/aluno, **o professor é valorizado no seu papel de organizador do trabalho**. Uma aluna refere: “O papel do professor é essencial, não só para ajudar nas diferentes vozes, como também, organizar as coisas, dar-nos luzes do que devemos fazer e que aspetos devemos trabalhar” (A-01). Uma segunda aluna destaca: “O professor tem-se tornado muito ativo, tem sempre ajudado a trazer peças novas, coisas novas e a manter-nos motivados para continuar. O professor diz sempre coisas acessíveis a toda a gente, apesar nós todos andarmos em graus diferentes... Conseguimos todos tocar e isso é bom...” (A-02).

Ainda dentro da relação professor/aluno, **o professor é valorizado pela dupla função professor/músico**. Uma das alunas revela: “Se tivermos um naipe que precisa de mais ajuda o professor pode tocar connosco e assim fortalece o som” (A-02). Um segundo aluno menciona: “... O papel do professor tem muita importância...”

fornece ajuda quando temos dificuldades. Para além de professor também está inserido no grupo” (A-05). Uma terceira aluna refere: “... Sem o Professor não éramos nada, porque o Professor acompanha-nos desde que entrámos no Conservatório e o Professor dirige muito bem. Se tivermos um problema o Professor tenta arranjar estratégias para resolver... sinto-me mais confortável porque sei que o Professor é uma pessoa de experiência e que nós temos sempre alguém assim para nos apoiar. Por exemplo, para dar entradas, ele faz-nos olhares, expressões e acho que se ele não fizesse isso nós não nos conseguíamos organizar” (A-06).

6.4. Dinâmicas Culturais

No que respeita a relação escola-meio, **as dinâmicas da classe de conjunto e dos concertos são referidas como promotores da relação entre a escola e os pais**. O Diretor Pedagógico revela: “...é de salientar um incremento na participação e envolvimento dos Pais, que acompanhavam a formação nas suas saídas, e colaboravam com a realização de ensaios extra. O dinamismo resultante da implementação desta formação permitiu não só a aproximação dos Pais ao Conservatório, tornando-os mais interventivos, colaborativos e em simultâneo reconhecidos pelo trabalho que o docente Igor Guerra desenvolveu junto da classe” (DP).

No que engloba a parceria com outras orquestras, **são realçados aspetos estéticos com a junção de diferentes orquestras**. Uma das alunas refere: “Acho que é bom e enriquecedor para nós... Andamos todos no coro, e o único contacto que temos é cantar com outras pessoas, e a guitarra é vista como um instrumento muito individual, e é interessante ver como ela fica que até a nós nos surpreendeu, é interessante ver como ficou... Com a orquestra de flautas dá um conjunto muito melhor, do que tocarmos sozinhos, sem dúvida” (A-02). Uma segunda aluna menciona: “... É muito bom porque podemos fazer novas amizades... mais possibilidades temos para tocar melhor em grupo... a orquestra toca muito bem, mas com outra orquestra é sempre muito melhor. Acho que o som estava muito equilibrado entre as guitarras e as flautas e soou muito bem” (A-06). Um terceiro aluno realça: “... Quando tocamos com outras orquestras, temos de estar mais atentos, concentrados... e ao professor que está a dirigir” (A-07). A mãe de uma aluna refere: “... Excelente primeiro para quem participa... ver a relação que há entre eles, depois o resultado que já sabem dentro do grupo deles como é, mas adaptarem-se a outros sons, a outras pessoas também, eu acho que é uma ideia fantástica, o resultado é fantástico e sempre que tocaram com outros, o resultado acho que foi ainda mais bonito no ponto de vista artístico, mais agradável” (EEM-02).

No que implica parcerias com as várias instituições, **a realização de concertos em parceria com instituições locais é referida como promotora do desenvolvimento musical e artístico dos alunos**. O Diretor Pedagógico destaca: “...Com aumento de solicitações para atividades externas propostas pela Direção

Pedagógica, permitiu que a formação desenvolvesse várias parcerias... contribuindo para a realização de diferentes atividades, desta forma, levaram à necessidade de aumento de repertório e conduziram, inevitavelmente, ao aumento da prática performativa” (DP).

No que envolve o prazer pela partilha, **os concertos são vistos como uma partilha do esforço e empenho desenvolvidos**. Uma das alunas menciona: “É sempre bom poder partilhar o nosso trabalho, e não o manter connosco. O que nós fazemos e o que nós trabalhamos... Mas é o que nós trabalhamos e é sempre bom poder chegar às outras pessoas, partilhar e receber de certa forma uma resposta positiva do público. Quando o público se levanta para nos aplaudir, é muito engraçado e até nos trás mais motivação, e como vemos que o público gosta nós, sentimo-nos mais confiantes” (A-02). Uma segunda aluna realça: “É uma alegria muito grande. Eu gosto muito de música e sinto que posso partilha-la com os outros colegas... Em vários concertos... fizeram-me olhares felizes e eu senti-me bem porque percebi que eles estavam a gostar da música que nós estávamos a tocar. Isso faz-nos sentir muito felizes e que o nosso trabalho vale a pena. No fim dos concertos os meus pais davam-me sempre os parabéns e eu senti-me feliz porque eles gostaram muito da música que nós estávamos a tocar e pude dar uma alegria aos meus pais” (A-06). A mãe de uma aluna salienta: “... Ter o feedback que as pessoas também gostam. E foram aplaudidos. Achei muito bem pedirem para repetir novamente a última música. Acho que isso estimula muito. No caso da nossa filha, é a recompensa pelo esforço que teve, porque o público que estava ali que não eram só pais nem familiares, portanto médicos, enfermeiros, auxiliares, pacientes, visitantes, era todo o tipo de gente e valorizou muito este espetáculo...” (EEM-03).

Quanto à sensibilização do público (divulgação), **os concertos são valorizados nas experiências que proporcionam aos pais e público em geral**. Uma das alunas refere: “Por exemplo, nós já fizemos vários concertos desde o início do ano em vários sítios, que não estão associados a certos tipos de música... Acho que é bom levar a música a diferentes sítios, dar conhecimento às pessoas do nosso trabalho, de coisas diferentes, porque nem toda a gente aprecia, nem toda a gente conhece bem...” (A-01). Um segundo aluno menciona: “Poder saber que a nossa música é apreciada, que gostam de nos ouvir tocar e querem que toquemos muitas vezes, porque no fundo, por palavras simples, é divertido. É importante levar a música a todo lado” (A-04). Uma terceira aluna realça: “... No concerto do Hospital havia lá doentes que não podiam sair de lá, nós fomos lá e acho que eles se sentiram melhor, porque nós fomos lá dar alguma alegria... às vezes, certamente, sentem-se sozinhos e nós fomos lá fazer-lhes companhia...” (A-06). O pai de uma aluna refere: “Eu reconheci lá (nos diferentes concertos) pessoas que sei que sabem de música e que gostam de música; ficaram encantadas. Eu gosto de ouvir, mas essas pessoas que têm outra formação, ficaram maravilhadas. É (também) importante tocar em sítios onde as pessoas não saibam nada de música, que gostem só de ouvir” (EEP-01).

No que engloba o desenvolvimento cultural do meio, **o *ensemble* de guitarras é visto como um contributo para o desenvolvimento cultural**. O pai de uma aluna menciona: “Guitarras é uma coisa que se calhar aqui na nossa região não temos... Acho que aqui no nosso meio, e há uns anos atrás não tínhamos nada para além daquelas orquestras de festa. Agora é diferente... Com estes ensinamentos, acredito que no futuro saiam daqui grandes músicos... Isto não é só para a realização da minha filha, mas também é um contributo para sociedade, que foi uma coisa que nunca tinha acontecido cá. Foi uma ideia brilhante” (EE-01). A mãe de um segundo aluno refere: “... Equipamentos culturais como o conservatório, o teatro, e uma série de museus, enfim de equipamentos culturais, tem permitindo formar novos artistas em qualquer uma das disciplinas artísticas. E tem também permitido dar a conhecer à população aquilo que é um património cultural que todo o cidadão tem o direito de ter acesso e conhecer... quando o conservatório sai da zona de conforto e vai para fora com o *Ensemble* de Guitarras ao “Hospital”, por exemplo, a espaços não convencionais, a um Café, a uma rua, aqui em Vila Real numa zona urbana ou numa zona rural, cada vez que vai com o intuito de levar música ao cidadão, está a prestar um serviço público, um serviço que tem de ser reconhecido...” (EEM-07).

No que concerne os locais e contextos dos concertos, **os diferentes locais dos concertos são valorizados pela aproximação da cultura a diferentes públicos**. O pai de uma aluna menciona: “Acho que foi uma terapia para aqueles doentes. Eu observei as pessoas que entravam e que não contavam com aquilo, e acho que ficaram com uma agradável surpresa. Estar a levar estas atividades (orquestras) aos sítios onde se vive a música, se calhar não me arrasta a mim e não arrasta muita gente, enquanto que assim, é no café, é ali no jardim, é aqui nos espaços do concelho, etc, as pessoas vão e a música vai às pessoas e é uma forma de ficarem a conhecer” (EEP-01). A mãe de um segundo aluno realça: “... Enquanto professores e promotores destas iniciativas, quando pensam em criar um agrupamento destes, estão a sair fora da zona de conforto, estão a levar os meninos para fora da zona de conforto, mas estão a ganhar junto da comunidade e a comunidade está a ganhar convosco um valor que é enorme... ganham os miúdos porque se habituam a um público diferente e ganha a comunidade de forma incalculável, porque estas coisas da cultura são muito difíceis de medir...” (EEM-07).

Finalmente em relação aos repertórios dos concertos, **é valorizada a adequação dos repertórios aos contextos**. Uma das alunas mencionou: “No hospital, por exemplo, tem de ser uma música mais alegre e mais animada, porque são pessoas doentes e mantêm a mente de certa forma muito negativa, estão um bocado tristes porque têm uma doença, nós ao tocarmos, acho que vai trazer um pouco de alegria a essas pessoas, enquanto se formos tocar a um sítio mais formal... Não é tão bom levar uma música tão alegre, é uma música mais formal, é assim, uma música menos na desportiva” (A-02). Uma segunda aluna referiu: “... Quando fomos ao hospital... escolhemos temas alegres para dar uma certa alegria às pessoas para elas se sentirem melhor...” (A-06).

Os resultados obtidos permitem estabelecer um conjunto de conclusões e de implicações educativas que serão alvo de discussão no próximo e último capítulo.

7. Conclusões

Este projeto, desenvolvido ao longo do ano letivo de 2015/2016, e que utilizou-se uma metodologia de investigação-ação com o objetivo de analisar as diferentes dinâmicas a nível **musical, social e cultural** desenvolvidas em contexto de **Classe de Conjunto de Guitarras**, permite concluir que o *ensemble* de guitarras se constitui como um contexto privilegiado de aprendizagens musicais e culturais em contexto de interação social.

7.1. Considerações finais

A prática da música de conjunto desenvolvida em sala de aula evidenciou, desde muito cedo, um potencial educativo ao nível das competências musicais, nomeadamente no que concerne as questões técnicas manipulativas, expressivas e questões de valor. Através desta dinâmica de grupo foram promovidos e enriquecidos a motivação e empenho dos alunos, que favoreceram as aprendizagens musicais.

Este projeto proporcionou aos alunos um novo complemento às aulas individuais de guitarra. Assim, foi possível promover não só a partilha de conhecimentos desenvolvidos em contexto de grupo, mas também, a criação de laços afetivos de forma a estabelecer dinâmicas de interajuda entre os elementos da classe. Desta forma, esta relação social pode assumir um papel relevante e benéfico para a motivação, para o desenvolvimento do espírito de grupo e também para identidade musical.

A análise e interpretação dos dados recolhidos no presente estudo permitem retirar conclusões relevantes que evidenciam a importância das atividades musicais em contexto de grupo.

Este projeto criou uma dinâmica de trabalho não só em grupo mas também a nível individual. O interesse e dedicação dos alunos teve impacto no desenvolvimento das técnicas instrumentais, já que se dedicaram mais ao instrumento. Assim, importa salientar a importância do trabalho em grupo e de que forma este potencia os alunos tecnicamente e promove o seu empenho e o seu desenvolvimento musical.

Com base neste projeto, pode-se considerar a música de conjunto como um bem essencial na vida das crianças e jovens, já que favorece a troca de experiências e saberes, que se reflete nas aprendizagens individuais. Este trabalho desenvolvido permitiu fornecer novas aprendizagens, não só a nível técnico do instrumento, mas também gerar aprendizagens em contexto de grupo e participação em diversos concertos contribuindo para a cultura local.

O papel do professor é um fator importante e relevante. Não se limita apenas a conduzir a aula, mas também adota uma função de organizador, como por exemplo, na promoção e gestão das diversas atividades que decorem durante o ano letivo e também, no desenvolvimento e aplicação de estratégias que permitam aos alunos ultrapassar as suas dificuldades.

Através do presente projeto que desenvolvi, verifiquei que os alunos de guitarra se uniram, enquanto que nos anos anteriores isso não se verificava. Desta forma, foram criados laços de amizade e interajuda entre todos os alunos e um sentido de identidade.

Talvez um dos aspetos mais significativos tenha sido motivação. Ao longo do ano letivo os alunos da classe estiveram sempre motivados e interessados. Através desta motivação, foi possível transmitir um conjunto de competências que foram valorizadas e adquiridas pelos alunos nas diferentes dinâmicas: musicais, sociais e culturais.

Na relação com os alunos, procurei adotar uma postura profissional, permitindo o rigor e empenho com o objetivo de facilitar o desenvolvimento do trabalho. Por outro lado, procurei influenciar a relação entre pares e dinâmicas entre o grande grupo, adotando uma postura mais descontraída.

A partir do estudo desenvolvido, e no que respeita à prática pedagógica, é de realçar a importância do papel do professor/músico. Neste sentido, este faz a ponte de ligação entre a escola e o mundo profissional da música. Assim, a relação entre os alunos e o professor/músico permite realçar um conjunto de aspetos fundamentais no que respeita a aprendizagem da música.

É importante referir o quanto a realização de concertos é importante. Esta ligação direta com a música e a comunidade apresenta fatores benéficos no que diz respeito à motivação, contribuindo e favorecendo as crianças e jovens quanto à comunicação, ao prazer pela partilha, relação entre pares e principalmente a sua integração no meio social.

Num ponto de vista mais amplo, uma das vertentes mais pertinentes deste estudo passa pela relação criada e desenvolvida com as diferentes instituições da região. Com as atividades realizadas ao longo do ano, foi possível estabelecer ligações com diversas instituições como, por exemplo, a Câmara Municipal, o Teatro de Vila Real, o Hospital, ou mesmo a Universidade. Creio que, através destas iniciativas foi possível fidelizar as parcerias, permitindo que o *ensemble* de guitarras saísse do seu local de conforto e, desta forma, levar a música a diversos locais da região. Estas atividades desenvolvidas permitiram levar o trabalho desenvolvido em sala de aula à sociedade, dando a conhecer outros géneros musicais, menos habituados/educados. A possibilidade da realização de concertos em contextos variados, a meu ver, permite contribuir para o desenvolvimento cultural da região, levando a música a diversos locais, a públicos diferentes e permite que os jovens músicos se integrem culturalmente. Para além disso, a música feita pelos alunos nos variados espaços da

região e a especificidade de cada local, permitiu que o *ensemble* se adaptasse a cada contexto, proporcionando aos alunos novas aprendizagens.

Os resultados obtidos evidenciam que a exposição à prática da música de conjunto pode ser potenciadora no processo de aprendizagem.

Nesta perspetiva, importa referir que o trabalho desenvolvido em conjunto parece ter impactos benéficos para os jovens, docentes, escola e também para a comunidade. Desta forma, possibilita e cria ferramentas úteis e que possam ser utilizados no futuro.

Bibliografia

Adams, P. (2001). *Resources and activities beyond the school*. In Philpott, C. & Plummeridge, C. (Eds). *Issues in Music Teaching*. London: Taylor & Francis.

Afonso, Natércio (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. 1ª ed. Lisboa: Avenida da Boavista.

Alberti, V. (2007). *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Asmus, E.P. (1994). Motivation in music teaching and learning. *The Quarterly Journal of Music Teaching and Learning*. 5(4), p. 5-32.

Bandura, A. (2007). Much ado over faulty conception of perceived self-efficacy grounded in faulty experimentation. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(6), p. 641-758.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Costa, J. A. (2001). Uma perspectiva teórica sobre o conservatório geral de arte dramática. *Música, Psicologia e Educação*, 3, p. 31-44.

Corey, G., Schneider Corey, M., and Callanan, P. (1993). *Issues And Ethics In The Helping Processions*, Brooks/Cole Publishing Company, Pacific Grove, CA.

Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: IEP- Universidade do Minho.
Descombe, M. (1999). *The Good Research Guide for Small-Scale Social Research*. Buckingham: Open University Press.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), pp. 355-379.

Green, L. (2000). Poderão os professores aprender com os músicos populares? *Música, Psicologia e Educação*. Porto: CIPEM.

Green, L. (2002). *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London and New York: Ashgate Press.

Green, L. (2006). Popular music in and for itself, and for 'other' music: current research in the classroom. *International Journal of Music Education*, 24(2), 101-118.

Elliott, J. (2010). Building Educational Theory through Action Research. In S. Noffke, & B. Somekh, *Handbook of Educational Action Research*, pp. 28-38. London: Sage.

Hallam, Susan. Instrumental Teaching: a Practical Guide to Better Teaching and Learning. Oxford: Heinemann, (1998). *Music Psychology in Education*. London: Institute of Education, University of London, 2006.

Hargreaves, D. J., Miell, D., & MacDonald, R. (2003). *What are musical identities and why are they important?* In David Hargreaves, Dorothy Miell and Raymond MacDonald (Eds). *Musical Identities*. Oxford University Press.

Hallam, S. (2006). *Music Psychology in Education*. London: Institute of Education, University of London.

Hallam, S. (2009). *Motivation to Learn*. In S. Hallam, I. Cross, & M. Thaut, (Eds.) *The Oxford Handbook of Music Psychology*, pp. 285-294. Oxford: Oxford University Press.

- Latorre, A. (2003). *La Investigación- Acción*. Barcelo: Graó.
- Loureiro, V. M. R. (2009). *Música para os ouvidos, fé para a alma, transformação para a vida: música, fé e construção de novas identidades na prisão*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Acedida em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14619/14619_1.PDF
- Merton, R. K. & Kendall, P. L. (1946). *The focused interview*. *American journal of Sociology* 51(6), 541-557.
- MacDonald, R.A.R., Hargreaves, D.J. and Miell, D.E. (eds.) (2002). *Musical identities*. Oxford: Oxford University Press.
- Postic, M. (1979). *Observação e formação de professores*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Rodrigues Lopes, A (1990) A investigação acção: problemática da sua evolução histórica e epistemológica. In A. Estrela & M. E. Falcão (Org) *Investigação-acção em Educação: problemas e tendência*, pp. 63-81. Actas do I Colóquio da AFIRSE. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa
- Ribas, A. F. P., & Seidl-de-Moura, M. L. (2006). Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 129-138.
- Swanwick, Keith; Tillman, June. (1986). The sequence of musical development: a study of children's composition. *British Journal of Music Education*. Cambridge Journals, Cambridge. Vol. 3, pp. 305-339.
- Swanwick, K. (1988) *Music, Mind and Education*. London: Routledge.
- Swanwick, K. (1999). *Teaching Music Musically*. London and New York: Routledge.
- Swanwick, K. (2003). *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna.
- Tripp, D. (set./dez de 2005). *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, pp. 443-466.
- Vala, Jorge. A análise do conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos Silva & PINTO, José Madureira (Orgs.). (1986). *Metodologia das ciências sociais*. 10.ed. Portugal: Edições Afrontamento, p. 101-128.
- Vygotsky, L. S. (2001). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, p. 63.
- Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.
- Zuber-Skerritt, O. (1992). *Action Research in Higher Education: examples and reflections*. London: Kogan Page.
- Zuber-Skerritt, O. (1996). Models for Action Research. In S. Pinchen & R. Passfield. (Eds.) *Moving On: Creative applications of action learning and action research*, pp. 3 - 29. Queensland, Australia: Action Research, Action Learning and Process Management.

Anexos

Anexo 1- Autorização escrita aos encarregados de educação

Código:	Grau:
Professor:	Idade:

O presente estudo encontra-se integrado na dissertação de Mestrado em Ensino da Música, do aluno Igor Guerra, pela Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, estando sob a orientação do Professor José Godinho.

O objetivo do estudo incidirá em questões que relacionam dinâmicas musicais, sociais e culturais desenvolvidas em contexto de classe de conjunto, como complemento às aprendizagens realizadas nas aulas individuais de guitarra. Com as questões seguintes, pretende-se analisar as perceções dos Encarregados de Educação relativamente ao tema em estudo.

A resposta ao questionário demora aproximadamente 20 minutos. Agradecemos, desde já, a colaboração.

Consentimento informado

Os dados serão recolhidos através de uma entrevista que será gravada em formato de vídeo e áudio. Todos os dados permanecerão no âmbito académico e serão utilizados apenas para este estudo específico.

Declaro que aceito participar no presente estudo.

SIM NÃO

Assinatura

Anexo 2 - Transcrição das entrevistas aos alunos

Perceções gerais	
O que sentiste quando iniciaste a prática de música de conjunto?	<p>“Gostei quando o nosso grupo (orquestra) foi criado; foi uma maneira de nos conhecermos melhor uns aos outros. As únicas alturas em que estávamos juntos, era apenas nas audições. Não há muito tempo para falarmos uns com os outros e para nos conhecermos melhor, ou para partilhar experiências. Acho que foi bem nesse sentido também” (A-01).</p> <p>“Quando o meu professor me convidou, no início eu não queria muito, porque era como se fosse uma perda de tempo e era estar a gastar mais tempo e era uma coisa nova, então vim um pouco contrariada e pensei que fosse uma seca estar aqui. Depois da primeira aula gostei, depois continuei. A partir do primeiro concerto que comecei a gostar mais, porque comecei a ver que fazíamos mais concertos, comecei a interagir com os meus colegas e então comecei a gostar mais” (A-02).</p> <p>“Ao início fiquei mesmo muito feliz, foi uma mudança bastante grande do 6º para 7º ano. Eu tenho uma carga horária que não me favorece muito e poder estar num grupo que se pode estar mais descontraído, tocar e fazer uma coisa que gosto ainda estar com pessoas que me dou, é bom em todos os sentidos, porque me ajuda a descontrair e ajuda-me a criar relações com pessoas, que talvez noutra altura não lhes pedia um favor, e hoje em dia se precisar já falo com eles” (A-03).</p> <p>“Eu senti que com esta classe de conjunto podia desenvolver mais o instrumento, fazer amizades com outros colegas, não estar sempre só a tocar sozinho e sem ninguém acompanhar. Para mim, também a música em grupo é mais interessante do que sozinho” (A-04).</p> <p>“Eu quando iniciei a música de conjunto, tinha poucas relações com os amigos, com o Ensemble de Guitarras foi melhorando as minhas relações com os colegas de naipe e amigos. Gostei principalmente da relação com os colegas” (A-05).</p> <p>“Senti que tinha mais união e mais colegas, e que podia partilhar a alegria de tocar em conjunto e sentia-me mais confortável. Nas primeiras aulas sentia-me um bocadinho tímida porque só os conhecia de vista, excepto a Catarina, que é minha vizinha e já tinha conhecimento com ela. Mas depois fui-me habituando e senti-me muito melhor” (A-06).</p> <p>“Senti alegria por tocar com outras pessoas, não estar sempre a tocar sozinho, como faço na aula sozinho com o professor. E senti curiosidade para ver as músicas que iria tocar, tocar músicas diferentes” (A-07).</p>
Quais as principais aprendizagens que tens desenvolvido nas aulas de conjunto?	<p>“O facto de estar na orquestra, ajudou-me a perceber que quando tocamos em grupo não nos podemos concentrar tanto em nós próprios, e não nos ouvir só a nós próprios; é preciso também ouvir as outras vozes para nos ajudar. Foi importante também para a concentração, para poder estudar melhor ou ver as coisas de uma maneira mais rápida e eficaz, para também podermos trabalhar melhor em grupo e para dar um melhor resultado” (A-01).</p>

	<p>“Nas aulas individuais, por exemplo, estou a fazer o melhor para mim, não estou a pensar em mais ninguém, porque mais ninguém está a tocar comigo, então o meu objetivo é ser eu a tocar melhor. Quando eu toco em conjunto, o objetivo é fazer o melhor para o grupo todo tocar em conjunto, por exemplo para com o meu colega de naipe tocarmos os dois igual para soar melhor a nossa parte, e para depois, soar melhor em conjunto. Nas aulas individuais eu não penso nisso, porque não tenho mais ninguém, então o meu objetivo é trabalhar apenas para mim” (A-02).</p> <p>“A posição, porque estou sempre toda torta, comparo-me com os meus colegas porque como sou esquerdina tenho de me adaptar ao resto grupo, porque a minha guitarra acaba sempre por bater noutra então, eu tenho de ter uma posição mais correta para também controlar, enquanto que, quando estou na aula posso estar como quiser que não toco em ninguém. Vejo os meus colegas e acabo por me corrigir” (A-03).</p> <p>“Relacionar-me com os colegas. Às vezes posso não saber fazer algumas notas e ouvir os colegas a tocarem, e depois já saber. ... Posso não saber fazer algumas notas, e ao ouvir os colegas a tocarem acabo por aprender” (A-04).</p> <p>“Temos desenvolvido técnica que nunca tinha ouvido nem visto nas aulas individuais” (A-05).</p> <p>“Tenho novas estratégias e depois também me ajuda para as aulas individuais. Tenho mais vontade de estudar porque assim posso apanhar o nível dos meus outros colegas... Quando estou a trabalhar individual não me sinto tão confortável, porque quando estou em grupo sinto que tenho a companhia dos meus outros colegas e que eles me podem ajudar nas dificuldades que tiver “O público mostra felicidade por estarmos a prestar um bom concerto” (A-06).</p> <p>“Tenho aprendido a tocar em conjunto, não ouvir-me só a mim, ter atenção aos outros, ouvir os outros. Tenho de me concentrar mais, não me posso concentrar só em mim, tenho de me concentrar nos outros naipes para nos conseguirmos encaixar na música” (A-07).</p>
<p>O que aprendes na classe de conjunto que não aprendes nas aulas individuais?</p>	<p>“Está um pouco relacionado com a resposta anterior, que é o facto de ouvir as outras vozes e trabalhar mais de forma a podermos obter melhor resultado, mesmo a níveis de concentração, porque quando estamos a trabalhar sozinhos se não fizermos as coisas agora podemos fazer daqui a 5 minutos, mas quando estamos em orquestra, é só aquele tempo que estamos juntos e é preciso estarmos concentrados no que estamos a fazer” (A-01).</p> <p>“Novas canções, aprendo também certas posições, como fazer alguns acordes e como fazer algumas notas, o “pizzicato”, trabalhando coisas novas, além disso vou criando laços, vou obtendo mais confiança com o meu professor e com os meus colegas” (A-03).</p> <p>“Uns colegas tocam um naipe os outros tocam outro. Eu respeito os outros para que me respeitem também” (A-04).</p>

	<p>“Aprendo na relação com os colegas, saber ouvi-los quando estamos a tocar” (A-05).</p> <p>“Por exemplo, se me enganar, sei que tenho outros colegas das minhas vozes para me substituir (ajudar) e passar à frente e depois tento acompanhar. Por exemplo, a estratégia (técnica) do “pizzicato”, não aprendia nas aulas individuais e aprendi nas aulas de grupo “O público mostra felicidade por estarmos a prestar um bom concerto” (A-06).</p> <p>“Aprendo a tocar em conjunto, a conviver e a ouvir os outros” (A-07).</p>
<p>Com quem é que aprendes quando tocas música de conjunto?</p>	<p>“Aprendo com o grupo todo. Aplicamos nas nossas dúvidas e dificuldades estratégias que vemos os outros fazerem e que podem ser aplicadas em nós” (A-01).</p> <p>“Aprendemos um bocado com todos, por exemplo, outra pessoa de outra guitarra está a tocar uma parte e às vezes até podemos perguntar quando é que os outros começam. Por exemplo a Alexandra que é a que está mais avançada, se tivermos dúvidas em alguma parte, podemos perguntar a ela, que ela sabe nos explicar, mesmo quando não estamos com o professor, ou então, podemos explicar aos outros. Aprendi melhor como entrar, porque quando estou sozinha entro quando eu quero. Quando estou com os outros, tenho de prestar atenção o que os outros fazem para poder saber” (A-02).</p> <p>“Com os meus colegas, oiço todas as vozes e depois tento encaixar a minha, e sobretudo com os meus colegas de naipe, porque quando eu me perco é alguém que me sustenta” (A-03).</p> <p>“Aprendo com os meus colegas e com o professor” (A-04).</p> <p>“Um bocadinho com todos os colegas e com o professor” (A-05).</p> <p>“Com o professor e com os meus colegas de naipe e com os outros” (A-07).</p>
<p>Qual a diferença entre tocares sozinho ou em grupo?</p>	<p>“Acho que ao tocar com o Ensemble sinto-me mais segura e mais confortável do que estar a tocar sozinha, porque no Ensemble suportamo-nos uns aos outros, e acho que é mais fácil de tocarmos a nossa parte quando temos alguém a suportar a parte que estamos a fazer. A nível individual é diferente, porque estamos sozinhos, e às vezes, um pequeno erro dá-se logo conta, enquanto que, no Ensemble os pequenos erros passam um pouco despercebidos e não são tão destacados” (A-01).</p> <p>“Presto mais atenção ao que se passa à minha volta, tenho de ouvir os outros para saber quando é que é a minha vez, enquanto que sozinha, eu faço à velocidade que eu quiser, de acordo com a peça que estou a tocar, porque não tenho ninguém a tocar comigo” (A-02).</p> <p>“Sozinho temos uma peso bem maior, porque se nos enganamos ou se nos dá alguma branca por causa dos nervos nota-se logo. Na classe de conjunto sabemos se nos enganarmos ou se nos perdermos temos ali um porto de abrigo, temos alguém que continua a nossa parte e nós depois também retomamos e é sempre mais tranquilo, sabendo que tenho alguém que me ajuda e que me apoia nesses momentos é muito bom” (A-03).</p>

	<p>“Quando toco em grupo, às vezes posso me enganar, mas depois há colegas que podem remediar, tocando mais alto. Sozinho, isso já é um problema mais grave” (A-04).</p> <p>“A diferença é que em grupo sinto menos nervosismo do que a tocar sozinho, quando estou um bocado nervoso olho para os meus colegas e o meu nervosismo diminui.</p> <p>Tenho sempre mais ajuda quando estou a tocar em grupo” (A-05).</p> <p>“Ao tocar sozinho eu posso-me enganar e depois posso passar à frente e pode-se dar conta que eu fiz um erro. Mas quando estou a tocar em grupo tenho os outros colegas do meu naipe que se me enganar eles também estão a fazer a minha voz e por isso já não se nota tanto. Eles ajudam-me” (A-06).</p> <p>“Ao tocar sozinho, fico mais nervoso porque, se me enganar, as pessoas dão conta, como por ex., nas audições. Mas se tocar em conjunto, se me enganar, consigo ouvir o meu naipe e se calhar consigo continuar a tocar e as pessoas não dão conta.</p> <p>Sinto-me mais confortável a tocar em conjunto porque tenho a ajuda dos meus colegas” (A-07).</p>
Dinâmicas musicais	
<p>Que aspetos técnicos tens desenvolvido na classe de conjunto? (De que forma associas a tua evolução técnica à prática de música de conjunto de guitarras?)</p>	<p>“Por exemplo na peça de natal, o “Pizzicato”, eu nunca tinha feito; por exemplo, os meus colegas também não tinham conhecimento acerca disso; foi interessante e aprendemos mais.</p> <p>Talvez sim, por exemplo, músicas que tenham repetições e que seja preciso ter mais agilidade, para não termos que parar em certas repetições, acho que isso é importante porque ajuda aperceber que em outras situações é a mesma coisa. A prática de música de conjunto acaba por trazer benefícios para a prática do instrumento individual” (A-01).</p> <p>“No Ensemble de guitarras temos peças mais fáceis do que as peças que tocamos a solo. Quando estou a ler a pauta às vezes não sei como tocar na guitarra, porque ao ler a pauta ainda não tenho bem noção onde ficam as notas, e assim, começo também a decorar melhor e a ter noção onde é cada coisa e como funciona. Apesar de serem peças simples, consigo desenvolver melhor isso, isso eu tenho notado bastante nas aulas individuais de instrumento.</p> <p>Quando o professor dá uma peça nova, eu com o meu colega de naipe estamos logo de início a ver como é a nossa parte, para quando chegar a vez, e do professor tocar connosco, já sabermos mais ou menos o que temos para fazer, para assim o nosso naipe se destacar em relação aos outros” (A-02).</p> <p>“A posição dos dedos. O professor não começa enquanto eu não estiver com a posição correta.</p> <p>Quando estamos sozinhos, ao tocarmos, não temos tanta precisão do que estamos a ouvir, a forma como colocamos os dedos e o que fazemos</p>

	<p>tanto na mão esquerda como na mão direita. Na orquestra, não é cada um por si, somos um grupo ou seja, a música não se faz só com um, faz-se com 1, 2, 3, com 4, é ali a dinâmica de grupo. Também aprendemos a ouvir os outros no nosso instrumento e acaba também por nos ajudar no dia-a-dia, porque não podemos só ouvir o que está à nossa volta, saber admitir quando alguma nota saiu mal ou alguma coisa correu mal. O “Pizzicato” que foi utilizada na música de Natal” (A-03).</p> <p>“Posso desenvolver mais técnicas que o professor ensinou. Tocando mais, vou resolvendo alguns problemas técnicos que depois acabam por desaparecer” (A-04).</p> <p>“Por exemplo, o “Pizzicato”, o fato de tocarmos todos em harmonia, que não se verificava nas aulas individuais” (A-05).</p> <p>“Por exemplo, na música do Cannon, na classe de conjunto, eu tenho possibilidade de fazer a tambora que não tenho tanta possibilidade de fazer nas aulas individuais. Eu tenho mais vontade de ler as pautas porque tenho mais vontade de apanhar o nível dos meus colegas, que eles são mais velhos, por isso, tenho mais vontade. Até mesmo para estudar em casa, sinto-me mais entusiasmada porque sei que quanto mais estudar, mais tenho possibilidade de estar ao nível dos meus outros colegas” (A-06).</p> <p>“Técnicas novas o “Pizzicato”, a “Tambora”. Na classe de conjunto aprendo a tocar outro ritmo, na classe individual, eu só aprendo a tocar clássico.</p> <p>Na classe de conjunto, trabalho outros tipos de música.</p> <p>Como aprendo novas técnicas, novo estilo de música, tive de estudar mais na classe de conjunto e tive de me empenhar mais nas aulas individuais e na classe de conjunto” (A-07).</p>
<p>O que é preciso para ter uma música de conjunto bem tocada? (De que forma a pulsação é importante na classe de conjunto de guitarras?...) </p>	<p>“Concentrarmo-nos naquilo que estamos a fazer e de nos ouvir uns aos outros, sentirmos bem a pulsação” (A-01).</p> <p>“É preciso uma boa relação com todos os elementos do grupo. Porque se nós não nos dessemos bem uns com os outros, provavelmente um tocaria de uma forma e haveria problemas uns com os outros. (pulsação) Sim é importante, porque se não houvesse cuidado com a pulsação tocaríamos todos cada um para seu lado” (A-02).</p> <p>“Acho que cada um tem de estudar a sua parte, acho que também era importante ouvirmos as gravações dos pais, quem tiver, dos concertos anteriores, porque assim, vemos como é que soou nesse concerto e depois comparamos ao que soa agora, e vemos se estamos a melhorar, a piorar, se está igual, o que podemos fazer para melhorar. É importante não saber só a nossa parte, mas também saber a parte dos outros, porque se caso alguém falte podemos fazer essas vozes, acho importante saber o que os outros estão a fazer, porque se algum dia faltar essa parte, haver alguém que sustente essa voz.</p>

	<p>A pulsação é importante, porque se cada um tiver a tocar ao ritmo que lhe apetece, sai uma coisa qualquer, tem de estar tudo ao mesmo ritmo, ao mesmo batimento, à mesma pulsação, porque são várias vozes diferentes que vai dar uma música.</p> <p>A pulsação é muito importante porque uma música é feita de pulsações, ritmos e de sons” (A-03).</p> <p>“Acho que é preciso ter organização, tocar em naipes diferentes para não ser sempre os mesmos e ouvir os colegas.</p> <p>Todos devem sentir a mesma pulsação para que possam estar organizados em relação aos colegas” (A-04).</p> <p>“É saber ouvir os outros, ter perceção daquilo que estamos a tocar.</p> <p>A pulsação é importante porque sem a pulsação não haveria harmonia na música. A pulsação é importante para uma música de conjunto bem tocada.” (A-05).</p> <p>“Estarmos a sentir todos a mesma pulsação, tocarmos todos em conjunto e sentirmos uma espécie de uma harmonia que possa fazer a música mais bonita” (A-06).</p> <p>“(O trabalho de naipe é importante) Porque nós temos de nos entender todos bem para a música funcionar. (O objectivo final do naipe é) Termos novos colegas, relacionarmo-nos melhor e até a música depois fica mais bonita. É importante para o grupo estar mais unido e tocarmos ainda melhor para além do que as pessoas imaginam” (A-06).</p> <p>“Ter ritmo, ter atenção aos outros, ter coordenação e ouvir a música.</p> <p>A pulsação é importante para tocarmos todos juntos, sem erros e com o mesmo ritmo” (A-07).</p>
<p>Qual a importância dos diferentes naipes nas aulas de conjunto? (De que forma relacionas a tua voz com as restantes naipes? (Ex. Dinâmicas e timbre);</p>	<p>“Passa por também tocar individual e tocar em grupo, por exemplo, nós em grupo temos várias vozes, sentimo-nos mais confortáveis do que estarmos a tocar sozinhos e acho que as diferentes vozes acabam por se suportar e apoiar umas as outras. Por exemplo quando é preciso fazer um crescendo ou diminuendo é necessário ouvir as outras vozes e perceber o contexto da obra” (A-01).</p> <p>“Nas aulas de conjunto as peças são simples, cada naipe tem uma parte simples e todas juntas é que fazem a peça inteira ficar bonita e harmoniosa. Se eu tocasse a minha parte sozinha não mete piada, não fica tão bonito como se tocássemos todos juntos.</p> <p>(Dinâmicas e timbre) No início não sentia tanto, no início tinha dificuldade nesse aspeto, porque como não tinha bem a noção o que era tocar em conjunto, não sabia bem como é que havia de fazer, mas agora, com o tempo, acho que já está tudo a ficar melhor, estamos todos a perceber como é que funciona. Acho que já está tudo acertar melhor, já</p>

	<p>temos muito mais facilidade em saber por exemplo quando uma voz tem de tocar mais alta e a outra tem de tocar mais baixa um pouco para a outra sobressair mais” (A-02).</p> <p>“Cada um tem o seu colega, e se um tem mais dificuldades numa parte da peça tem sempre alguém para ajudar e não só o professor, ajudar em insistir só naquela parte, e se um se enganar tem sempre o outro ajudar. Isso aconteceu com o Afonso, que eu e ele tocamos a mesma voz e eu só tocava uma parte e ele outra e nós andávamos assim, ele tocava numa que ele sabia e eu noutra, e havia um trabalho cooperado e sempre ajuda a desenvolver o lado bom da música, porque se não soubéssemos as partes não tocávamos uma parte que era essencial à música.</p> <p>(Dinâmicas, timbre) fica muito bonito, eu ao início ouvia a minha guitarra, ou seja, dificilmente ouvia as outras, e agora tenho de ouvir a minha e a dos outros para saber se eu estou a fazer bem a minha voz, porque posso estar a fazer uma dinâmica completamente errada, e ao ouvir os outros naipes e ver que não combinam uma com a outra, tento melhorar e aproximar, se me perder sempre posso ver o que os outros estão a fazer e tento imitar” (A-03).</p> <p>“Penso que, ao tocamos os diferentes naipes, a música torna-se mais desenvolvida do que em relação a um só naipe, porque tocamos em conjunto e depois as pessoas também gostam.</p> <p>Tenho de ouvir os colegas para saber se é forte ou piano. É preciso estar atento ao grupo” (A-04).</p> <p>“Os naipes são importantes na música de conjunto, os naipes fornecem interajuda, os naipes todos formam a música em si” (A-05).</p> <p>“A importância dos diferentes naipes é que nós temos que nos ajudar sempre uns aos outros que é para depois esse naipe funcionar. Depois os naipes todos juntos fazem a música melhor. Depois a música vai encaixar toda.</p> <p>Acho que a minha voz tem importância perante a música porque pode dar alguns aspectos mais importantes e os outros também.</p> <p>Eu sei que para estar a tocar em grupo tenho que estar atenta aos outros naipes porque senão depois não encaixa bem. Tenho de estar atenta que é para depois a música ficar bem” (A-06).</p> <p>“Ajudar a música, dar mais vida à música e ajudar os outros naipes.</p> <p>Acho que todos os naipes são importantes e que a minha voz é importante para ajudar os outros naipes.</p> <p>Ao início, não conseguir perceber muito bem as dinâmicas dos outros naipes, mas agora já consigo” (A-07).</p>
<p>De que forma te identificas com a música de conjunto de guitarras?</p>	<p>“Sinto-me bem a fazer música de conjunto” (A-01).</p> <p>“É importante, porque mantemos relações melhores uns com os outros. Por exemplo, eu noto muito nas aulas de instrumento, quando vamos</p>

	<p>para o coro nós somos muitos, estamos muitos, mas não ligamos e não obtemos muitas relações, porque um dia estamos com uns outro dia estamos com outros, não conseguimos criar muitas relações, e na guitarra, como estamos todas as aulas separados uns dos outros, acabamos por não nos conhecer. Quando entrei no conjunto eu conhecia de vista ou sabia que eles andavam em guitarra pelas aulas de formação musical, mas não tinha interação com eles antes, agora sim, damo-nos todos muito bem, e mesmo nas aulas de coro se precisarmos de alguma coisa vamos perguntar uns aos outros” (A-02).</p> <p>“Eu gosto de todo o tipo de música, eu faço um bocadinho de tudo, e também aprender músicas que já não são para a minha idade, que são de diferentes anos, diferentes épocas, também aprendo a ouvir tudo e não só aquilo que é a minha base. Nós tocamos essencialmente música clássica, e só mesmo o “Canon” é que tem um pouco de Rock. Quando vim para o conservatório eu estava toda triste e disse à minha mãe: oh mãe mas eu tenho de tocar música clássica? Não pode ser outra coisa? Acabo por estar a desenvolver um gosto diferente do que as pessoas da minha idade não têm, porque normalmente na minha idade são mais virados para o Pop, outros para Heavy Metal, Rock, depende dos gostos, mas muito raramente para a música clássica, porque também em casa não estão habituados a ouvir isso e também vão pela rádio e na rádio nunca vi passar uma música clássica na minha vida.</p> <p>Nós temos a “L’hereu Riera, El ball, Keppel’s Deligth”, e temos o “Canon” que é uma mistura das duas, o Rock e do clássico, são dois estilos completamente diferentes, mas juntos cada um à sua maneira é muito bonito, então quando nós estamos a fazer os acordes e o professor começa a fazer o solo é que fica mesmo muito giro.</p> <p>Na música de conjunto consigo trabalhar vários géneros de música e não ser o que trabalho na minha aula individual” (A-03).</p> <p>“Acho que é importante estar envolvido na classe de conjunto de guitarras. É produtivo porque às vezes posso ter uma dúvida que não consiga resolver e quando estou na orquestra, podem-me ensinar mais sobre essa dúvida e depois já saber.</p> <p>Acho que sou um importante membro e que posso fazer parte do Ensemble de guitarras, posso saber melhor tocar guitarra individual.</p> <p>(saber que vais ter um concerto) Sinto que vai ser um momento de prazer porque muitas pessoas podem ouvir-me. Posso estar relaxado ao saber que muitas pessoas gostam de ouvir o Ensemble de Guitarras” (A-04).</p> <p>“Identifico, porque dá um certo gosto ouvir a música e tocar com os colegas” (A-05).</p> <p>“Sinto-me mais confortável a tocar, sinto-me acompanhada com amigos e que assim com estas amizades posso ter muitas portas para o futuro” (A-06).</p> <p>“Identifico-me como uma peça importante e os outros também. Ao saber</p>
--	--

	que vou ter música de conjunto, sinto alegria, ansiedade e sinto-me bem” (A-07).
<p>De que forma a classe de conjunto é um elemento motivador para a prática do instrumento?</p>	<p>“Quando estamos em grupo, temos diferentes vozes; para o grupo funcionar é preciso sabermos as nossas vozes, e acho que isso é um incentivo para tocarmos individualmente, para desenvolvermos as nossas capacidades, para depois conseguirmos trabalhar melhor em grupo e ajudar os colegas do naipe, por exemplo, se nós estudamos e um colega tem uma parte que tem mais dificuldade, desta forma, podemos ajudar ou dar-lhe dicas como fazer e isso motiva-me. Também acaba por existir uma certa competitividade entre colegas e que acaba por ser motivador” (A-01).</p> <p>“É motivador, porque nós podemos partilhar as nossas experiências uns com os outros e até as peças que estamos a tocar, por exemplo, o outro está mais avançado do que nós, então nós também queremos tocar aquilo que ele toca, porque gostamos, ou então também motivamos os outros para se despacharem a tocar as peças quando estão muito atrasados. Quando estão a tocar uma peça nova que nós já tenhamos tocado, ensinamos como se toca a parte que não sabem” (A-02).</p> <p>“Sim, em primeiro obriga-nos a estudar mais em casa, ou seja, estamos mais uma vez em contacto com o nosso instrumento, não tocar apenas sozinha, mas também, com os nossos colegas, acabamos também por ver que uns gostam mais, outros gostam menos, mas todos sentimos um grande afeto pelo nosso instrumento, porque é aquele que escolhemos, e quando vemos alguém a gostar tanto disto, eu também quero gostar assim tanto. Se treinar mais, vou conseguir adquirir um afeto assim tão grande, e depois vemos os outros que não gostam assim tanto e acabamos por tentar ajuda-los a gostar mais. É uma maneira de nos abstrairmos completamente, porque para além de estarmos a fazer aquilo que gostamos, porque acho que não estão aqui por obrigação, estamos em conjunto com outras crianças, outras pessoas, que não só nós e o nosso professor, e é sempre muito bom. Todos andamos em escolas diferentes, e eu se não fosse o conservatório eu não conhecia nenhum daqueles colegas, é sempre porque temos mais contactos com as pessoas, acabamos por vir para aula e falamos dos concertos e acaba por ser mais produtivo, porque vemos com outro entusiasmo, nós temos as aulas seguidas e venho sempre mais motivada para a aulas porque me lembro o que passei na orquestra e é sempre muito melhor” (A-03).</p> <p>“Sim, por exemplo, posso não querer muito tocar guitarra e não praticar muito guitarra. Mas depois, ao ver Ensemble de Guitarras, o desenvolvimento dos outros alunos, também quero seguir o exemplo deles, tocar sempre em casa e ser um bom aluno” (A-04).</p> <p>“A classe de conjunto leva a que estejamos mais horas com o instrumento, motiva a prática do instrumento, pois ao sabermos que tocamos bem uma determinada música, inspira-nos a continuar” (A-05).</p> <p>“Eu sinto muita vontade de atingir o nível dos meus colegas e depois sinto-me com mais vontade para estudar, a nível de notas e a nível das coisas que eu tenho mais dificuldades que é para depois apanhar o nível dos outros e depois ficar melhor.” (A-06).</p>

	<p>“Sim, porque nos esforçamos todos ao máximo na orquestra, e não queremos ser os que não estudam tanto em casa e que não se conseguem exhibir tanto” (A-07).</p>
<p>De que forma te identificas com o repertório trabalhado em música de conjunto de guitarras?</p>	<p>“Eu gosto de todas em geral, mas por exemplo, gosto bastante do “Canon” por ter uma dinâmica diferente e esta última que estamos a tocar. Há aquelas que ficam mais na memória” (A-01).</p> <p>“Há sempre umas que gostamos mais e outras menos, mas em geral sim gostamos, porque como é fácil, motiva-nos mais. Se fossem peças muito difíceis nós desistíamos logo, porque não conseguíamos tocar aquilo à primeira, e como são peças fáceis, ficam bem juntas e que nós gostamos do resultado, dá-nos mais prazer a tocar.</p> <p>Gosto mais do “Canon”, porque as outras são do género que tocamos nas aulas individuais e então as mais diferentes são as que eu gosto mais” (A-02).</p> <p>“Eu ao início fiquei, isto não é para meninos de iniciação? Porque também já estou no 3º grau, é uma coisa diferente e mesmo assim vejo-me à rasca para tocar aquilo, mas eu gosto. Ao início não gostava muito porque eu achava que não iriam ficar tão bem ouvidas, porque iriam parecer para meninos mais pequeninos, só que depois acabei por me habituar e gosto muito, e sem dúvida o “Canon” é aquela que não pode passar, porque acho que todos nós do Ensemble gostamos e que todos trabalhamos em conjunto e que soe bem, a parte que mudamos do clássico para o rock e do rock para o clássico, há ali uma grande mudança que acaba por ser uma mistura muito gira e acabo por gostar muito de fazer essas duas dinâmicas” (A-03).</p> <p>“Eu gosto de todas as obras que estamos a dar. Às vezes acho umas mais fáceis outras mais difíceis. Há também outras que gosto mais e também as pessoas gostam mais de ouvir. Eu gosto mais de tocar o “Canon”, por ex., primeiro a parte clássica, que é calma, mas depois vem a parte do rock que me motiva muito. Quando eu aprender vou ter muito gosto em saber como se toca” (A-04).</p> <p>“Eu gosto de todas as músicas” (A-05).</p> <p>“O “Canon”, eu sinto que quando estou a fazer a “tambora”, a minha colega sente-se à vontade para me ajudar, e ficamos mais unidas. E depois o rock também dá um toque diferente à música. Acho que o programa é bom. É fácil, mas também requer muita atenção que é para depois sair bem” (A-06).</p> <p>“Sinto-me especial ao tocar estas músicas. Há algumas que eu gosto mais, têm dinâmicas, são mais divertidas do que outras. Gosto mais do “Canon” porque fazemos várias dinâmicas, fazemos tambora, ritmo e a peça é divertida” (A-07).</p>

Dinâmicas Sociais

**O que é preciso para o bom funcionamento de um naipe?
(Que relações estabeleces com os colegas do teu naipe?)**

“A boa relação entre as pessoas, a noção se podemos ajudar, ajudamos, interajuda, e haver uma boa comunicação entre os colegas.

Para além da entreaajuda, também se cria uma relação de amizade, por exemplo, nós antes do Ensemble ser criado, nós víamos nas audições e eramos capazes de passar uns pelos outros na rua nem se quer dizíamos nada, e agora quando nos encontramos paramos um pouco e falamos” (A-01).

“É preciso comunicação entre o naipe e saber ajudar, porque se tivermos uma colega de naipe que nos goza quando nós não sabemos fazer alguma coisa, está-nos a intimidar de certa forma, e nós vamos ter vergonha de tocar, porque sabemos que podemos ser gozados ou que não vamos ser tão aceites, então é preciso conseguir ajudar os outros no naipe e ter paciência uns para os outros e estar sempre prontos para ajudar.

A relação é boa porque nós adaptámo-nos muito bem uns aos outros, e aos estilos de vida uns dos outros, e por exemplo se nós tivermos alguma dúvida eles ajudam-nos, e estamos sempre prontos para nos ajudar uns aos outros. Se não estivermos juntos, podemos falar no facebook ou por mensagem, não só no grupo mas como fora dele, por exemplo, às vezes nas férias temos trabalhos do coro ou formação musical e vamos ter um teste, quando não sabemos uma matéria pedimos a página e eles enviam por facebook e estamos sempre prontos para nos ajudar uns aos outros” (A-02).

“Eu acho principalmente, que quando nós estamos a trabalhar juntos não se pode acusar o colega, estamos a produzir trabalho para a mesma coisa, acho incorreto acusar o colega porque às vezes pode ser ao contrário, acaba por ser desconfortável e criar um momento de tensão entre os dois, ou entre o grupo.

É boa, porque normalmente os mais velhos não se dão muito bem com os mais novos, porque também já passaram por aquela idade, e como eu trabalho com meninos com menos idade do que eu, acabo também por me relacionar mais com eles, que é uma coisa que eu gosto, porque se calhar noutra altura qualquer, eu não me dava assim tão bem com eles e sei que se agora precisar eu peço ajuda e eles também me podem pedir a mim. Noutra altura era olhar para eles sorrir e continuar o caminho e agora se os vir paro, cumprimento, e tenho uma boa relação com os meus colegas” (A-03).

“É preciso ter relação, ser possível haver um diálogo entre o grupo, coordenação e, por ex., saber quando é que temos de entrar, ficar atento às indicações do professor, para depois não errar e perturbar os outros colegas. Quando há problemas, podemos pedir ao professor que nos acompanhe e que nos deixe treinar um pouco. Existe também interajuda, por ex., quando há uma parte que eu sei e ele não e eu posso explicar-lhe a dúvida.

	<p>Relaciono-me dentro e fora do conservatório. Dentro do conservatório, nos corredores, falamos e brincamos” (A-04).</p> <p>“Os colegas terem uma boa relação em termos de naipe, ajuda-se uns aos outros.</p> <p>Como estamos a tocar o mesmo, se não houver uma boa relação não há interajuda.</p> <p>Todo este trabalho é para um bom desempenho do naipe e do grupo.</p> <p>Tenho relações de amizade, mais dentro do conservatório porque lá fora não andamos na mesma escola” (A-05).</p> <p>“Nós termos uma amizade muito unida e é importante nós entendermos bem que é para depois o naipe funcionar. Por exemplo, a minha colega de naipe é uma amiga que está sempre presente quando eu mais preciso. Quando eu estou um pouco mais nervosa ela dá-me conselhos para eu não me sentir assim e que vai correr tudo bem. Se eu sentir alguma dificuldade em tocar ou resolver um compasso, por exemplo, os meus amigos do meu naipe tentam ajudar-me a chegar ao resultado final do compasso” (A-06).</p> <p>“Seremos todos amigos, dar-mo-nos bem uns com os outros, ajudarmo-nos uns aos outros. Sinto-me bem quando as outras pessoas me ajudam, quando eu tenho dúvidas.</p> <p>Sou amigo deles, falo com eles fora da aula também e tenho confiança” (A-07).</p>
<p>O que é preciso para o bom funcionamento do ensemble de guitarras? (Como descreves a tua relação com os colegas do ensemble?)</p>	<p>“Gostarmos daquilo que estamos a fazer, trabalharmos para isso, e se gostarmos do que estamos a fazer acabamos por fazer melhor. A relação que temos entre todos, e se nos dermos bem acaba por funcionar melhor.</p> <p>A relação entre os colegas é boa, damos-nos todos bem e também temos momentos de brincadeira” (A-01).</p> <p>“É preciso ter paciência, não é que seja difícil, ninguém toca pior do que ninguém, apesar de não sermos muitos e como estamos a interagir com pessoas diferente que têm feitios diferentes, personalidades diferentes, é preciso ter paciência e sabermos aceitar os outros como eles são e aceitar os ritmos que cada um trabalha.</p> <p>É bastante boa e melhorou quando entrei para lá, mas como já disse, nós antes falávamos mas era “olá” quando passávamos nos corredores e não passava disso, agora não, se precisarmos de alguma coisa, sabemos que podemos contar uns com os outros, não só para as coisas do conservatório, como também, coisas mais pessoais e podemos sempre contar uns com os outros” (A-02).</p> <p>“Acho que em vez de estarmos só juntos na orquestra que é uma coisa fundamental, mas acho que devíamos também estar fora, porque cada</p>

	<p>um tem as suas vidas, andamos todos em locais diferentes, aprendemos todos em locais diferente e acabamos por não nos encontrar, e com o professor também, mas às vezes também seria bom arranjar alguma coisa como os concertos. Os concertos é uma ótima oportunidade para estarmos juntos, porque aos fins de semana acabamos por estar ali a trabalhar para a mesma coisa e a cooperar para a mesma coisa, acabamos por estar bem uns com os outros. Por exemplo, na “Caixa Geral de Depósitos” estivemos todos lá dentro no nosso grupo, e é muito bom porque criamos laços efetivos uns com os outros. Na formação musical ou o coro, que são aulas que não temos relações uns com os outros, não falamos uns com os outros, falamos apenas com o professor, acabamos por não nos inter-relacionar e aprender a gostar do que os outros gostam e aprender a lidar e a estar com ele. É bom porque basicamente forma-se aqui amizades novas de diferentes anos e diferentes alturas” (A-03).</p> <p>“É preciso uma boa relação, amizade, ajudar os colegas que têm mais dúvidas, se nós já soubermos aquele compasso.</p> <p>Nós às vezes brincamos, falamos sobre coisas interessantes. Por ex., às vezes ajudamos os colegas que às vezes estão perdidos, não sabem qual é a música” (A-04).</p> <p>“Uma amizade. Precisamos de estar todos concentrados que é para funcionar bem. Ouvirmo-nos uns aos outros” (A-06).</p> <p>“É preciso sermos todos como se fossemos só um, que nos ajudemos e que sejamos todos amigos.</p> <p>Somos todos amigos, às vezes rimo-nos durante a aula, falamos sobre o nosso dia, há histórias divertidas que acontecem e nós partilhamos” (A-07).</p>
<p>O que sentes por fazer parte de um ensemble de guitarras?</p>	<p>“Eu gosto de fazer parte do Ensemble de guitarras. Eu quando andava no 1º e 2º grau ainda havia orquestra de guitarras e eu achava que devia ser interessante fazer parte de um grupo, agora estou a ter essa oportunidade e gosto bastante.</p> <p>Acho que este grupo poderá vir a crescer mais para a frente e estar aberto a mais alunos” (A-01).</p> <p>“É sempre uma experiência agradável, e temos histórias para contar, e neste ano que passou, já tivemos imensas histórias, imensos acontecimentos diferentes, imensas histórias que os outros partilharam e experiências de vida que os outros partilharam e experiências de vida que os outros partilharam connosco, e conselhos que nos puderam dar a nós e é sempre bom.</p> <p>Eu sinto que sem mim o grupo perde um bocado, porque como nós somos poucos, e somos poucos a fazer cada voz, quando um de nós falta faz sempre fazer falta” (A-02).</p> <p>“É bom, muito bom e ao início, quando o professor disse que isto poderia passar a classe de conjunto, fiquei toda feliz porque vou fazer mais uma vez aquilo que eu gosto. Como é uma coisa recente aqui do conservatório</p>

	<p>e eu até me admirei como é que nós tivemos tantos concertos e tantas marcações para ir aqui, ir ali, e acaba por ser muito bom porque gosto bastante, saber que posso continuar com isto e continuar a interagir com o professor e com os meus colegas desta maneira é muito bom. Contribui para o nosso relaxamento, porque quando vamos para uma aula, é intencional aprendermos e fazermos aquilo porque vai contar para nota, sendo agora uma oferta complementar, ou seja, que não conta para nota, temos mais vontade de aprender. Podemos errar porque temos lá alguém para nos ajudar, e acabamos por estar num ambiente diferente da aula, para além de estarmos com o professor, estamos também com os colegas, estamos mais descontraídos e ajuda-nos a relaxar. Às vezes temos um dia mau e ir para ali ajuda sempre, estamos ao pé de outras pessoas que estão felizes e que transmitem energia positiva.</p> <p>É muito importante porque desenvolvo novas técnicas que na aula individual não tenho tempo para trabalhar” (A-03).</p> <p>“Sinto que é uma coisa que eu gosto, sempre quis fazer parte. Às vezes penso nas músicas que estou a dar que são diferentes daquelas que eu estou a dar individualmente. Aprender a saber coordenar com os colegas.</p> <p>Eu quero manter-me por muito tempo, porque é um prazer que tenho tocar no Ensemble de Guitarras. Saber que o professor me acha um elemento importante. Também gosto de me sentir importante” (A-04).</p> <p>“Sinto prazer. Temos momentos de conviver com o grupo” (A-05).</p> <p>“Sinto-me muito feliz porque posso fazer parte de um grupo, sinto-me bem acompanhada, com bons colegas e sinto-me muito feliz. Especialmente com a Catarina, ela dá-me muito apoio e um amparo que eu depois sinto-me muito mais confortável do que estava antes” (A-06).</p> <p>“Sinto-me bem por fazer parte de um conjunto de guitarras do conservatório e onde somos todos importantes.</p> <p>Sinto-me feliz e importante por fazer parte desta classe” (A-07).</p>
<p>Como descreves o papel do professor no ensemble de guitarras?</p>	<p>“O papel do professor é essencial, não só para ajudar nas diferentes vozes, como também, organizar as coisas, dar-nos luzes do que devemos fazer e que aspetos devemos trabalhar.</p> <p>É importante para um bom funcionamento do grupo e também para uma boa organização do trabalho” (A-01).</p> <p>“O professor tem-se tornado muito ativo, tem sempre ajudado a trazer peças novas, coisas novas e a manter-nos motivados para continuar. O professor diz sempre coisas acessíveis a toda a gente, apesar nós todos andarmos em graus diferentes, conseguimos todos tocar, se calhar alguns tocam coisas mais avançadas do que outras mas nada demais, conseguimos todos tocar e isso é bom. Se tivermos um naipe que precisa de mais ajuda o professor pode tocar connosco e assim fortalece o som.</p> <p>Eu tenho dois professores de guitarra, e provavelmente nunca contactaria com o professor, e são dois professores que são totalmente diferentes, ensinam-me e transmitem-me coisas totalmente diferentes,</p>

	<p>assim posso aprender com um e com o outro” (A-02).</p> <p>“Fundamental, porque se não estávamos ali todos perdidos, porque para além do professor ser nosso professor, acaba por ser também nosso amigo, e ouve-nos e conta-nos histórias e todas acabamos por desenvolver uma amizade com o professor e com os colegas. O professor arranja sempre músicas que todos gostem, que todos saibam tocar, ajuda tudo e todos e é muito bom, eu gosto do professor” (A-03).</p> <p>“O papel do professor é importante porque pode ajudar os colegas. Também pode fazer um naipe completamente diferente como aparece no “Canon”. O professor ajuda-nos, dá marcação, diz-nos quando as músicas começam, pulsação, quais são as músicas” (A-04).</p> <p>“Acho que o papel do professor tem muita importância, porque, sem ele, se calhar tocávamos coisas todas diferentes, o professor fornece ajuda quando temos dificuldades. Para além de professor também está inserido no grupo” (A-05).</p> <p>“Eu acho que nós sem o Professor não éramos nada, porque o Professor acompanha-nos desde que entrámos no Conservatório e o Professor dirige muito bem. Se tivermos um problema o Professor tenta arranjar estratégias para resolver. Durante as aulas, se nós tivermos alguma dificuldade, o Professor tem sempre algumas estratégias para nos ensinar melhor e para nós ficarmos sem dúvidas. (Relativamente ao facto do Professor também tocar com o grupo): Eu sinto-me mais confortável porque sei que o professor é uma pessoa de experiência e que nós temos sempre alguém assim para nos apoiar. Por exemplo, para dar entradas, ele faz-nos olhares, expressões e acho que se ele não fizesse isso nós não nos conseguíamos organizar” (A-06).</p> <p>“O professor ajuda-nos a aguentar com a música, porque nós, às vezes, tocamos baixo e o professor ajuda. Quando há dinâmicas, por ex., Piano, o professor toca mais baixo e nós começamos a tocar mais baixo e ajuda-nos em tudo” (A-07).</p>
<p>O que é para ti tocar em público?</p>	<p>“É apresentar às pessoas o nosso trabalho, que nos esforçamos e gostamos de fazer. É sempre bom mostrar às pessoas esse trabalho” (A-01).</p> <p>“Eu gosto de tocar em público, mas eu sinto-me mais à vontade tocando no grupo do que sozinha. Sinto que andar neste grupo me tem ajudado a tocar nas audições, porque como toco mais vezes e contacto mais vezes com o público, tem-me ajudado a tocar nas audições sozinha, sinto-me mais à vontade, mesmo que tocar com o grupo e tocar sozinha ser totalmente diferente. Quando toco com o grupo sinto-me mais à vontade, mais relaxada e mais divertida, porque a responsabilidade não é só minha, então se as coisas correrem mal eu posso ter culpa mas não se vai notar tanto” (A-02).</p> <p>“Muito nervosismo, por isso que eu olho para tudo e para todos, para ver quem é que está lá a olhar para nós. Nas audições eu mal me mexo, quando estou com o grupo acho que estou um bocadinho mais</p>

	<p>descontraída e acho que não chego a estar nervosa porque estou ali com mais pessoas” (A-03).</p> <p>“Para mim é um gosto enorme tocar em público. Saber, por ex., quando estamos a tocar bem, as pessoas estarem a gostar e nós também gostamos quando as pessoas ouvem e gostam porque é um prazer para a orquestra” (A-04).</p> <p>“Gosto de partilhar ao público o trabalho feito, sinto prazer em tocar em público principalmente ao tocar com a orquestra” (A-05).</p> <p>“É bom porque acho que posso mostrar um bocadinho do que tenho aprendido nas aulas com o professor, posso mostrar um bocadinho do que sei. Às vezes estou um bocadinho nervosa porque tenho medo que alguma coisa corra mal, mas depois acaba por correr tudo sempre bem” (A-06).</p> <p>“Sinto-me, às vezes, nervoso, mas sinto-me bem para mostrarmos ao público o trabalho que nós fizemos ao longo do ano. Sinto-me feliz por estar a mostrar a todos o que nós fizemos” (A-07).</p>
<p>Qual a diferença de tocar em público sozinho ou no ensemble de guitarras?</p>	<p>“Uma pessoa quando toca sozinha há sempre mais pressão. Uma pessoa sabe que está sozinha, não quer dizer que não se sinta confiante e que não saiba aquilo que está a fazer mas, acho que é diferente estar a tocar com mais pessoas do que estarmos a tocar sozinhos, talvez ajude mais estar a tocar em grupo. Tocar em grupo é um espírito diferente, por exemplo, se eu estou nervosa, sei que os outros também podem estar um pouco mas, se trabalhamos para aquilo, acho que não se trata só do meu trabalho ou só do trabalho daquela pessoa, é um trabalho de todos, ou seja, acho que isso ajuda um bocadinho nessas situações” (A-01).</p> <p>“Completamente diferente, eu quando toco sozinha nas audições, eu olho para aquilo e digo: o que é isto?, que cordas são estas?, eu só tremo, as minhas mãos tremem, eu só olho para as pessoas, vejo quem está a olhar para mim e quem está nos telefones. Quando estou com grupo também olho para tudo e para todos, mas estou muito mais descontraída porque sei se me enganar tenho ali um suporte, e que posso parar e continuar e a música não fica mal” (A-03).</p> <p>“Eu acho que tocar em público, juntamente com os outros colegas, pode ser mais importante para as pessoas que ouvem. Por ex., tocar sozinho é só um membro e faz só uma música. Nós também fazemos música em geral, mas com diferentes naipes no Ensemble de Guitarras.</p> <p>A solo sinto que dando um erro posso ser mais ouvido e tocar em grupo em concertos às vezes posso errar que o erro pode ser abafado pelos colegas e não prejudicar tanto como tocar a solo.</p> <p>Sinto mais nervosismo se tocar a solo e menos na orquestra de guitarras, porque a solo não tenho ninguém para me ajudar e dizer como é que entro, como é que toco. No Ensemble de Guitarras, já me sinto mais descontraído porque há colegas que eu posso confiar e me ajudam” (A-04).</p>

	<p>“Ao tocar sozinha sinto-me mais sozinha e um pouco mais nervosa. Quando toco em grupo, sinto-me mais confortável porque estão sempre lá os meus colegas que me podem ajudar. Quando estou a tocar sozinha, estou sempre com um pouco mais de medo porque me posso enganar e depois não tenho lá ninguém para me segurar” (A-06).</p> <p>“Quando toco sozinho fico mais nervoso, porque só sou eu a tocar nas audições. Mas nos concertos da classe de conjunto, não fico tão nervoso porque somos todos a tocar e se eu me enganar consigo voltar a tocar.</p> <p>Ao tocar em grupo, tenho os colegas do meu naípe ao lado e se eu me enganar vou conseguir continuar a música. A nível individual, quando me engano, toda a gente dá conta, como só sou eu, tenho de continuar sem que as pessoas se apercebam e fico mais nervoso.” (A-07).</p>
Dinâmicas Culturais	
<p>De que forma o ensemble de guitarras pode ser um potencial para a cultura local?</p>	<p>“Por exemplo, nós já fizemos vários concertos, desde o início do ano em vários sítios, onde às vezes não está associado à música e outras em que está mais, por exemplo, aqui no conservatório ou fora dele. Por exemplo quando fomos tocar na Câmara, no Café Concerto. No café talvez se associe um bocadinho de música, mas não o tipo de música que fomos lá tocar e no Hospital também. Acho que é bom levar a música a diferentes sítios, a dar conhecimento às pessoas do nosso trabalho, de coisas diferentes, porque nem toda a gente aprecia, nem toda a gente conhece bem, e acho que é bom levar as coisas a conhecer às pessoas” (A-01).</p> <p>“Eu acho que as pessoas veem a guitarra como um instrumento individual, e não veem a guitarra como que possa ser tocada em grupo, e então quando elas pensam em guitarra pensam numa pessoa que vai tocar. Uma pessoa que toque sozinha, acaba por ser monótono, porque é assim que é visto o instrumento, eu acho. Agora quando é um grupo, acho que é uma novidade, apesar de haver mais grupos é sempre uma coisa nova, é sempre um grupo com um instrumento que foi pensado para tocar sozinho.</p> <p>Como nós temos muitos concertos, estamos a transmitir a nossa música a outras pessoas, porque quando vamos a um concerto enriquece-se sempre e fica-se a conhecer novas coisas e de certa forma deixa-se influenciar sempre pelo que ouve, e até podemos estar a transmitir novas coisas do instrumento, que muita gente desconhece porque nunca estudou música ou nunca teve interesse” (A-02).</p> <p>“No conservatório não há Ensembles pequenos, é tudo classes de conjunto e por exemplo se quisermos ir tocar a um café acaba por ser muita gente. A guitarra é um instrumento que tem um som lindíssimo, na minha opinião e acho que todos gostam de ouvir, fácil de transportar, e acabamos por ir a diferentes locais, fazer diferentes atividades, sempre no âmbito de tocar, mas para diferentes pessoas de diferentes aspetos. Por exemplo, na “Caixa Geral de Depósitos”, para o aniversário, depois naquela prova de vinhos, no Café Concerto, no Natal, foi sempre tudo completamente diferente. Desta forma, acaba por fazer com que as</p>

	<p>peessoas de habituem a nós, e não só nós ao público, porque a cultura musical nem todos têm, e é muito importante termos um bocado de música connosco. A maior parte das pessoas quando está triste (música), quando estão felizes (música), quando não estão a fazer nada (música). Por exemplo, quando fomos à prova de vinhos, nós não fomos lá para fazer um espetáculo e que toda a gente nos batesse palmas, fomos lá porque foi um acontecimento importante e fomos lá fazer uma demonstração para benefício e por causa de um momento musical naquele evento” (A-03).</p> <p>“Por exemplo, as pessoas às vezes não sabem muito bem o que é a música, e nós, ao tocarmos com o Ensemble, podemos motivar essas pessoas” (A-04).</p> <p>“Nós fomos fazer um concerto ao hospital e havia lá doentes que não podiam sair, nós fomos lá e acho que eles se sentiram melhor porque fomos dar alguma alegria e não é todos os dias que eles ouvem assim uma alegria. Às vezes, certamente, sentem-se sozinhos e nós fomos lá fazer-lhes companhia.</p> <p>Acho que as pessoas se devem sentir mais felizes e nós também porque podemos mostrar um bocadinho do que sabemos” (A-06).</p> <p>“Porque já tocamos em vários sítios. Já tocamos na “Caixa Geral de Depósitos”, no “Hospital” e no “Café Concerto”, e promovemos a cultura. Tocamos novas coisas e mostramos o nosso trabalho a várias pessoas sem ser do conservatório” (A-07).</p>
<p>Como avalias o facto da classe de conjunto de guitarras tocar em parceria com outras orquestras?</p>	<p>“Acho que é engraçado, por exemplo, nós tocamos com a orquestra de flautas, e uma pessoa fala de flautas e de guitarra e não se associa assim a muita coisa, são diferentes, mas acho que não soa assim tão mal quanto isso e como às vezes as pessoas pensam que possa soar. Acho que foi bom. Das duas vezes que tocámos em conjunto, correu bem, e acho que não mudaria nada” (A-01)</p> <p>“Acho que é bom e enriquecedor para nós. Nós nunca temos contacto com os outros instrumentos a tocar em conjunto, porque andamos todos no coro, e o único contacto que temos é cantar com outras pessoas, e a guitarra é vista como um instrumento muito individual, e é interessante ver como ela fica que até a nós nos surpreendeu, é interessante ver como ficou, por exemplo, com a orquestra de flautas, porque dá um conjunto muito melhor, do que tocarmos sozinhos, sem dúvida” (A-02).</p> <p>“Acho que fica muito engraçado, porque para além de estar só o nosso som, acho que todos os instrumentos têm um som único e misturado fica uma coisa muito bonita. Eu adorei quando fizemos pela primeira vez no “Café Concerto” com a orquestra de flautas, foi espetacular porque eram dois instrumentos muito diferentes” (A-03).</p> <p>“Tive a experiência com a orquestra de flautas. Achei que era um som totalmente diferente da guitarra. Por exemplo na música “Canon”, eles faziam partes diferentes do que nós fazíamos. Acho que podemos desenvolver mais o nosso ouvido e tocar com outras orquestras também</p>

	<p>é importante. Fazer mais relações também” (A-04).</p> <p>“Acho que é muito bom porque podemos fazer novas amizades e quantos mais amigos tivermos, mais possibilidades temos para o futuro e soa muito melhor tocarmos em grupo. Simplesmente a orquestra toca muito bem, mas com outra orquestra é sempre muito melhor. Acho que o som estava muito equilibrado entre as guitarras e as flautas e suou muito bem” (A-06).</p> <p>“Acho que é bom. Quando tocamos com outras orquestras, temos de estar mais atentos, concentrados, porque temos de estar concentrados às guitarras e às flautas por exemplo, que foi a orquestra com quem tocamos até agora, e ao professor que está a dirigir” (A-07).</p>
<p>O que achas da classe de conjunto de guitarras poder tocar em vários locais e contextos?</p>	<p>“Isso também está um bocadinho relacionado com a outra resposta de tocarmos em diferentes sítios relacionados com a cultura. Por exemplo, nós fomos tocar ao Hospital, à Câmara, ao Café Concerto e já tocamos aqui no conservatório também, quando foi no concerto de Natal na Aula Magna também. Acho que é levar a música, o nosso estilo de música que às vezes, pode ser mais conhecido do que outras e umas música mais conhecidas do que outras, mas talvez não seja assim um estilo de música conhecido pelas pessoas, e acho que foi bom levar essa música para as pessoas ouvirem” (A-01).</p> <p>“Eu acho isso bom, porque podemos chegar a nossa música que nós estamos a trabalhar a outras pessoas diferentes, porque se nós só tocássemos no conservatório, só chegaria às pessoas que queriam vir cá ver, aos nossos pais por exemplo, enquanto nós quando tocamos na “Caixa Geral de Depósitos”, chegamos a outras pessoas que têm outras coisas totalmente diferentes e que nunca se interessaram por isto. Por exemplo quando fomos tocar à Câmara estava lá uma conferência dos vinhos, nós fomos fazer chegar o nosso trabalho a pessoas que não têm nada a ver com isto, nada haver no sentido que a profissão deles não tem a ver com a música e que até podem gostar e aprender mais” (A-02).</p> <p>“É bom para sabermos estar em diversos locais, porque não nos habituamos só a um certo tipo de concertos, habitua-nos também a estar em concertos com mais barulho, outros com menos, as pessoas estão ali só para nos verem, outros estão ali para entretenimento das pessoas. É bom porque nos concertos em que há mais barulho, acabamos por desenvolver uma capacidade de concentração para o momento e para o resto do grupo, enquanto nos concertos onde costuma estar tudo caladinho, é mais onde é hábito tocar, é bom porque desenvolvemos várias capacidades de concentração e de parceria, pois temos de estar a ouvir os outros e não só a nossa voz” (A-03).</p> <p>“Poder saber que a nossa música é apreciada, que gostam de nos ouvir tocar e querem que toquemos muitas vezes, porque no fundo, por palavras simples, é divertido. É importante levar a música a todo lado” (A-04).</p> <p>“Nós já estivemos na UTAD, na câmara e no hospital. Acho que é muito bom porque as pessoas ao ouvirem quando nós formos adultos pode-</p>

	<p>nos dar muitas mais oportunidades até mesmo a nível de empregos e ficamos a conhecer mais pessoas. A música alegre sempre as pessoas, até para pessoas que tenham algum problema na família, e acho que é muito bom” (A-06).</p> <p>“Acho que é bom para promovermos o nosso trabalho, mostrar às pessoas o que nós fazemos, para não estarmos a tocar sempre nos mesmos sítios, e levar a música a outros sítios. Por exemplo, no “Hospital” tocamos músicas mais alegres, porque no hospital as pessoas costumam estar doentes e não gostam de ouvir música que não seja animada” (A-07).</p>
<p>De que forma é importante a escolha de repertório para tocar nos diferentes locais e contextos?</p>	<p>“Eu acho que sim, por exemplo, nós se vamos tocar a um sítio onde é preciso alegrar as pessoas, acho que é importante termos músicas mais alegres ou mais mexidas para também transmitir isso às pessoas. Por exemplo, quando fomos tocar ao hospital, acho que é um sítio que precisa de alegria, e acho que a escolha do repertório é sempre importante” (A-01).</p> <p>“No hospital, por exemplo, tem de ser uma música mais alegre e mais animada, porque são pessoas doentes e mantêm a mente de certa forma muito negativa, estão um bocado tristes porque têm uma doença, nós ao tocarmos, acho que vai trazer um pouco de alegria a essas pessoas, enquanto se formos tocar a um sítio mais formal digamos assim, não é tão bom levarmos uma música tão alegre, é uma música mais formal, é assim, uma música menos na desportiva” (A-02).</p> <p>“É importante porque dependendo para onde é que nós vamos, não podemos estar sempre a tocar a mesma coisa, além disso umas são mais alegres. Se formos para um evento mais triste não vamos estar lá a tocar o “Canon” por exemplo, que é uma música que o professor fez o arranjo e está mais divertida e toda a gente gosta. É muito importante, porque à que saber o que fazer e o que tocar nessas alturas, porque nos momentos mais felizes não vamos tocar lá uma que é para velório e nos momentos mais pesados não vamos tocar lá umas que é para festas. É bom escolher o que vamos tocar e também inclui o que estamos a desenvolver melhor, o que sai mais bonito no som” (A-03).</p> <p>“Sabemos que temos uma música específica para esse lugar, temos de tocar essa música nesse lugar onde vamos fazer o concerto. Acho importante a escolha do repertório porque as pessoas às vezes não gostam de algumas músicas, mas de outras gostam e gostam de saber que nós sabemos as músicas que gostam de ouvir” (A-04).</p> <p>“A escolha do repertório é importante” (A-05).</p> <p>“Por exemplo, quando fomos ao hospital, os senhores que estavam lá, certamente sentiam-se sozinhos e nós escolhemos temas alegres para dar uma certa alegria e eles sentiram-se melhor. Eu acho que eles gostaram, por isso vão comentar certamente, e sentiram-se melhores, mais alegres e depois as outras pessoas certamente também vão mais curiosidade de ver os futuros concertos” (A-06).</p>

	<p>“É importante porque no “Hospital”, por exemplo, não devemos tocar música que não seja alegre, porque normalmente as pessoas do Hospital não estão felizes, por isso gostam de ouvir músicas alegres para se alegrarem. Mas, por exemplo, no “Café Concerto”, as pessoas estavam a tomar um café e gostam de ouvir música alegre” (A-07).</p>
<p>O que sentes ao partilhar o trabalho realizado pelo ensemble de guitarras?</p>	<p>“Sinto-me bem, porque eu gosto bastante de fazer parte de um grupo, mostrar às pessoas o nosso trabalho, aquilo que nós fazemos nas aulas. Acho que o que fizemos até agora foi bem feito” (A-01).</p> <p>“É sempre bom poder partilhar o nosso trabalho, e não o manter connosco. O que nós fazemos e o que nós trabalhamos nem que seja um bocadinho por semana, mas é o que nós trabalhamos e é sempre bom poder chegar às outras pessoas e partilhar e receber de certa forma uma resposta positiva do público. Quando o público se levanta para nos aplaudir, é muito engraçado e até nos trás mais motivação, e como vemos que o público gosta nós, sentimo-nos mais confiantes. É muito bom porque para além de estar com os meus amigos, que eu gosto deles, estamos a apresentar o nosso trabalho e o fruto de muito tempo a praticar e a estudar. O facto de não haver outra orquestra de guitarras aqui no conservatório é muito bom porque acabamos por mostrar coisas às pessoas que não estão habituadas e é muito bom a apresentar o que temos para o público, porque há músicas ali que toda a gente gosta, que fica lindo. Acabamos por ficar muito felizes ao apresentar os nossos temas” (A-02).</p> <p>“Sinto-me tranquila, sinto felicidade, sinto-me bem, porque é uma coisa que eu gosto muito de fazer, e quando sei que posso partilhar com alguém e tenho alguém a tocar comigo é muito bom, sinto-me muito confortável e é agradável porque estou a fazer uma coisa que gosto, e gosto de tocar para o público e sei que se me enganar tenho ali um suporte, portanto não estou ali tão nervosa. Gosto de ver o público a aplaudir porque gostam, porque há aquele tipo de pessoas que aplaudem só porque é boa educação e outras porque gostam e então eu gosto muito quando noto que as pessoas gostaram do que nós fizemos, porque trabalhamos muito para isso e é bom saber que os outros também sabem apreciar o nosso trabalho” (A-03).</p> <p>“Sinto alegria, prazer em tocar para as outras pessoas, e elas gostarem de ouvir o Ensemble de Guitarras. Gosto que as pessoas apreciem a minha música e a dos outros também.</p> <p>“Sinto que sou importante, que os meus pais gostam de me ouvir tocar e que posso tocar sempre que quiser, porque os meus pais vão sempre apreciar a minha música” (A-04).</p> <p>“O público mostra felicidade por estarmos a prestar um bom concerto” (A-05).</p> <p>“É uma alegria muito grande. Eu gosto muito de música e sinto que posso partilhar um bocadinho da música com os outros colegas, sinto uma amizade muito grande com eles, com o professor e sinto-me mais feliz porque posso partilhar a música com eles. [Quanto à reação do</p>

	<p>público:] Em vários concertos que eu fiz, fizeram-me olhares felizes e eu senti-me bem porque percebi que eles estavam a gostar da música que nós estávamos a tocar. E isso faz-nos sentir muito felizes e que o nosso trabalho vale a pena. No fim dos concertos, quando os meus pais vieram ter comigo deram-me sempre os parabéns e eu senti-me feliz porque achei que eles gostaram muito da música que nós estávamos a tocar, que o esforço vale a pena e que deu para dar uma alegria aos meus pais. Eles andam muito cansados e eles assim ficaram mais aliviados e eu senti-me muito feliz” (A-06).</p> <p>“Sinto-me bem porque nós vamos às aulas, aprendemos e depois queremos mostrar a alguém o que nós fizemos, e mostramos ao público.</p> <p>Sinto-me bem por saberem que estamos a fazer um bom trabalho, sinto-me feliz” (A-07).</p>
--	--

Anexo 3 - Transcrição das entrevistas aos pais

Percepções gerais	
<p>Qual é a sua opinião sobre a participação do seu filho na música de conjunto?</p> <p>(Ex: realização de concertos abertos ao público)</p>	<p>"De uma maneira geral acho que foi muito bom, não só para ela evoluir um bocadinho mais na música e sentir-se mais confiante, e o trabalho de grupo em si também é bom. Ela é aplicada, sempre foi, mostrava interesse e assim que foi formada esta orquestra de guitarras, notou-se uma maior abertura dela, enquanto que primeiro, o pouco que falava acerca destas questões da música ela referia-se mais ao que vivia nas aulas individuais. Com a orquestra foi diferente, já fala em relação aos colegas. A nível social, envolveu-se mais, tem outra abertura e começou-se a notar esta situação mais recentemente, também a orquestra também foi formada há pouco tempo.</p> <p>Acho que isso também foi muito bom, acho que atitude do público para eles também é bom. Ela era um bocado fechada e tímida, características que herdou, e com isto nota-se diferente, mesmo a pacatez dela, agora mais descontraída, o relacionamento com os próprios colegas, conosco mantém. O relacionamento sempre foi excelente, mas nota-se que com os colegas melhorou" (EEM-01/EEP-01).</p> <p>Logo de início desde já os alunos adoram, gostam de estar no conservatório mas gostam de sair para outros ambientes. Logo que saíram a primeira vez gostaram imenso dessas experiências, o facto de serem locais diferentes e com públicos totalmente diferentes, foi-lhes sempre agradando imenso, e querem fazer mais, estão sempre a pedir para se repetirem essas experiências, porque realmente é diferente do que estar numa aula só, uma hora no mesmo espaço. Assim, convivem com outras pessoas, não só com um professor mas também com outros colegas da aula de guitarra, e como já aconteceu com outros colegas diferentes. Também já tiveram a oportunidade de participar com os colegas que tocam flauta por exemplo e gostaram muito. É importantíssimo e na realidade o que mais importa é que realmente eles estão a gostar imenso dessas saídas. Nós como pais, só lhes faz bem conviver com outras pessoas e outras realidades, e aprendem uns com os outros, como em qualquer área, se estão com pessoas diferentes e têm aprendizagens diferentes, claro que só podem aprender" (EEM-02).</p> <p>"Acho várias coisas. Primeiro é que, o mais importante para a minha filha é este complemento à atividade letiva individual da guitarra. Acho que incute nela um gosto acrescido e que as aulas individuais não são suficientes para a motivar de forma que ela consiga atingir os objectivos. Ela sente-se muito mais motivada neste conceito de grupo, nesta orgânica de grupo. Primeiro, acho que ela evolui mais depressa e, segundo, tem a ver com o seu traço de personalidade. É uma pessoa claramente de grupo, de dinâmica sociável e isso estimula-a não só intelectualmente, mas também em termos técnicos, e eu sinto que ela anda muito motivada desde que começou esta atividade da orquestra de guitarras.</p> <p>A nossa filha tem uma relação com a música muito grande e desde sempre, desde pequenina, que ela sempre gostou. O facto de ter entrado para a guitarra, em termos intelectuais, nota-se em termos de concentração que ela melhorou porque ela, muitas das vezes, aplica a música ao estudo. As pausas que ela faz no estudo é com a música. Esta dinâmica de grupo é muito bom porque primeiro permite haver um relacionamento, criar laços</p>

com outras pessoas, criar um espírito de grupo muito grande e ajudam-se porque se há um que se engana o outro está ali para corrigir, e dão apoio. Foi notório neste último concerto, em que uma menina estava muito nervosa e a nossa filha disse: “fica tranquila porque se tu te enganares nós estamos cá para te apoiar”. É muito importante este espírito e ela própria já tem esse espírito de entreajuda, mas que ainda vem motivar mais. Para a nossa filha, traz-lhe uma realização pessoal muito grande.

Acho, para além disto tudo, esta componente de enfrentar o público. Independentemente da dificuldade que cada um de nós tem, ninguém se sente tranquilo nem à vontade quando enfrenta uma multidão. Nem que sejam 20 ou 30 pessoas, é sempre difícil. Primeiro, é importante para nós conseguirmos ultrapassar esses receios que vamos ter e vão acontecer várias vezes ao longo da nossa vida. Eu acho que é uma excelente preparação. Mesmo na vida académica, vai ter de apresentar trabalhos em público, vai ter que fazer dissertações, trabalhos orais e é muito mais fácil se já tiver esta experiência. É uma valência que ela poderá ainda não reconhecer grande importância. Ainda não tem maturidade para isso, mas não tenho dúvidas que vais ser importante no futuro, porque, indiretamente, ela trabalha essa componente. Isso reflete-se na parte académica porque ela na escola é uma líder nata. Ela é a representante dos alunos, quando é para fazer relatórios ela assiste. Por acaso, no último concerto, eu perguntei-lhe se estava nervosa, e ela disse: “não mãe, não estou, já estou um bocado habituada”. Portanto, vai criando aqui um traquejo que é muito importante na nossa opinião e portanto nós também fomentamos. Ela tem 8h letivas pós a escola e exige muito dela e ela nunca que falta. É sinal que gosta, porque se não gostasse, arranjava desculpas para não ir” (EEM-03/EEP-03).

“Ele sempre expressou algum gosto pela música. Inclusive, ele antes de vir para o conservatório, esteve na tuna juvenil, continua e não quer desistir. Mas o Ensemble de Guitarras foi o que ele interiorizou mesmo, para poder estar e aplicar os conhecimentos que ele tem na aula. Notei que quando ele se senta para estudar, ele arranjava sempre desculpa, estudava sempre na última da hora. Começou a tocar na orquestra, e aplica-se mais, quase todos os dias toca 15 a 20 minutos.

(Concertos, público) Por mim, acho muito bem, até para ele expressar os conhecimentos, e também expandir o conhecimento dele. A parte de ele estar perante um público, o público estar a ouvir e, no fim, os próprios aplausos das pessoas, acho que os faz crescer mais um bocadinho. Mesmo interiormente, acho que os faz sentir mais orgulhosos de si próprios” (EEP-04).

“O que mais se notou foi um aumento de interesse, ele já um pouco interessado, mas o aspeto mais relevante é esse, ou seja o aspeto motivacional, parece-me que o interesse pelo instrumento aumentou, quer nas atividades propriamente ditas, quer na preparação da atividade, notamos mesmo em casa a questão de procurar mais vezes o instrumento, parece-me o aspeto mais relevante. Parece-nos que quando ele tocava individualmente, basicamente estava com o professor e talvez não se esforçava tanto, porque não tinha os colegas, não tinha mais ninguém à volta para ver o que fazia, o que não fazia e agora com os colegas ouve uma evolução.

É importante para os elementos do grupo, cria-lhes o à vontade para

	<p>interagir, uma confiança quer entre eles a interação interna do grupo, e também perante o público, porque é sempre importante e cada vez mais saber estar em público e saber transmitir uma mensagem e é notório com cada vez mais concertos a abertura com o público e isso nota-se, este último exemplo do “Hospital” sim, estou a lembrar-me no do “Café Concerto” comparativamente com este do “Hospital”, notou-se muito mais abertos, mais à vontade, tentando interagir mais com o público, mais confiantes e no “Hospital”, o átrio estava cheio” (EEM-05/EEP-05).</p> <p>“Eu acho que é muito importante, mesmo para o futuro, porque a minha filha é uma menina muito tímida, e ela estando na orquestra acho que vai abrir novos os horizontes. Acho que vai perder um pouco essa timidez. Ela também gosta de música, mas é um bocadinho tímida, e acho que está a ajudá-la bastante. Acho que ela está a ir buscar uma parte da música que talvez com as aulas individuais ela não conseguiria ir buscar e acho que está a ser uma experiência muito gratificante para ela. Acho-a mais há vontade, mesmo os próprios concertos obrigam a que ela tenha outra presença em palco, que tenha contacto com o público. Tudo isso acho que a vai ajudar bastante para a vida dela e eu própria lhe digo para aproveitar esta oportunidade que lhe estão a dar porque acho que é uma experiência para a vida. Ela vai para a universidade. Ela estando numa orquestra e em contacto com a música (eu também já lá estive e sei como isso funciona), pode entrar no mundo académico de uma forma muito diferente, integrar-se muito melhor. Acho que é muito benéfico.</p> <p>Acho bem (a realização de concertos abertos ao público e vários públicos). Acho que é muito bom para ela. Acho que é importante” (EEM-06).</p> <p>“Eu já tenho uma percepção e uma ideia muito boa acerca da integração do meu filho no conservatório em geral, não só na classe de conjunto. Portanto, a nível individual, eu noto desde o início uma evolução do meu filho em todos os domínios, no domínio sócio afetivo, no psicomotor, uma evolução que foi sempre em crescendo, e por isso ele permanece e tem o desejo de continuar o estudo da guitarra. Entretanto, a opção e possibilidade de ele estar integrado numa classe de conjunto onde a guitarra é o instrumento que ele vai trabalhar, foi de facto fantástico. Preencheu uma lacuna que existia e que ele não conseguia preencher com a classe de conjunto tradicional, isto porque a grande motivação do meu filho é a guitarra. Ele, de facto, é um menino que gosta em geral da música, cresceu a ouvir música e felizmente desde pequenino foi tendo contacto e gosta da música em geral. Mas é a guitarra que o faz sentir e vir aqui ao conservatório todas as semanas, foi logo o primeiro instrumento que escolheu, de maneira que, a existência desta orquestra, permitiu-lhe não só crescer enquanto intérprete, e ter contacto com géneros musicais que o currículo tradicional talvez não lhe permitia. Senti que cresceu sempre com a música, com o instrumento, mesmo em classe individual. sinto que a classe de conjunto é extremamente importante, mesmo aquela que ele ia tendo até agora, porém esta cumpre todas as aspirações do meu filho, que é o praticar o instrumento. Por outro lado, noto também a nível sócio afetivo. Ele evolui sempre, sempre que pode trocar experiências com os colegas sente-se muito mais motivado, o repertório muda e entretanto o colega até já está mais à frente, até já consegue fazer o travessão (barra) com mais facilidade. Isto para ele constitui uma motivação, é sempre mais para ele superar e portanto isto é ótimo. O meu filho vem com uma alegria! Repare que a classe de conjunto de guitarras está fora do horário letivo estabelecido inicialmente, e ele vem com uma alegria e uma vontade</p>
--	---

	<p>fantástica de vir aprender. E repare, não têm faltas os meninos, os meninos vêm porque gostam e de facto nós notamos que eles crescem. Aliás, o trabalho em grupo complementa o individual. Eu acho que eles não se substituem, agora complementa-se e permitem que o aluno cresça e de facto, noutros domínios, o trabalho individual acaba por ser muito direcionado às competências técnicas, às metas curriculares e aos objetivos que os professores vão estabelecendo e aos programas que têm que cumprir. Aqui é sempre mais uma mais-valia e a possibilidade de eles darem asas à própria criatividade, criando situações que não são possíveis no contexto de sala tradicional do instrumento.</p> <p>A mim parece-me muito bem. Já reconhecia mesmo sendo leiga, não tendo formação musical de base, já reconhecia a existência das audições no formato tradicional, mesmo estando em contexto de avaliação. O facto de o aluno se apresentar perante um público, no contexto das audições assistidas, penso que é sempre muito favorável, será sempre uma situação e uma ferramenta de avaliação para o professor, mas para o aluno é muito importante, não só porque se habitua a estar num contexto muito exigente em palco, e nem consegue estar preparado se não tiver formação no domínio das artes em geral, performativas e musicais. E, portanto, para além disso, dá-lhe um à vontade que eu vou notando no meu filho, uma facilidade de interagir com os outros, com o público, até mesmo em termos de retórica quando está com os colegas no contexto de sala de aula, daí a transversalidade disto tudo. Na apresentação de um trabalho numa disciplina do currículo tradicional, ele sente-se com muito mais à vontade, desinibe-se. Isto liberta, dá-lhe um à vontade sobretudo nos dias de hoje. E eu acho que cada vez mais a geração dele vai precisar, o à vontade para falar, para estar em público, e para estar sem ansiedades e medos porque vão ganhando estas competências. Vão ganhando preparação e portanto vão crescendo. Acho sempre favorável a audições. Quando estão na classe de conjunto, acaba por ser um ambiente mais informal. Acho que eles se divertem muito, e nós público, nós pais, divertimo-nos muito mais porque libertamo-nos daquele contexto da avaliação. Porque o miúdo quando vai na audições tradicional sozinho, vai tendo consciência que vai subindo a nível de ensino, vai tendo consciência que não está perfeito, “o professor disse-me qualquer coisa aqui que eu podia melhorar”, e isso acaba por passar para nós. E nós sabemos já onde exatamente é que vai ser a parte difícil e estamos com algum receio, apesar de conhecermos todos esses benefícios. Quando é num contexto de formação de classe de conjunto, é ótimo porque aí estamos perfeitamente à vontade e estamos a gozar mesmo só o momento e percebemos que eles gozam também” (EEM-07).</p>
Dinâmicas Musicais	
<p>Notou alguma mudança no seu filho na aprendizagem da guitarra desde que iniciou a classe de conjunto? (ex: motivação, interesse pelo instrumento, impacto noutras áreas, escola, etc.)</p>	<p>“Acho que reforçou, ela sempre foi empenhada. Acho que o interesse manteve, ela sempre foi muito interessada. Foi uma opção dela inicial, porque foi uma coisa que ela gostava, sempre mostrou interesse e acho que manteve.</p> <p>Em relação a esse aspeto (escola) acho que melhorou, noto que começou a organizar-se mais no tempo, a distribuir um bocadinho de tempo para cada coisa e ser mais organizada mais do que aquilo que era, sem ser necessário ter a nossa intervenção. Ela gere muito mais a atividade dela, e de ano para ano, tem evoluído no sentido positivo” (EEM-01/EEP-01).</p>

	<p>“Sim, acho que evoluiu muito mais, o tipo de aulas são diferentes, embora ela já tinha aulas de guitarra com outro professor, mas são aulas individuais que ela gosta imenso, não prescinde, mas au acho que se completam, porque são aprendizagens diferentes. Primeiro são dois professores diferentes, o que eu acho que é ótimo, neste caso da minha filha, são maneiras de ensinar diferentes e de aprender diferentes, e é sempre um complemento, além do que é outra aula. Também dentro do instrumento dela que está aprender a tocar, e eu penso que evoluiu muito desde veio para o grupo de guitarras, toca mais em casa, nota-se perfeitamente, com mais gosto, claro que evoluiu com as suas aulas individuais é evidente, porque aprendizagem não parou, mas também com a dinâmica de grupo, em termos de tocar melhor, claro que eu acho, embora eu não perceba grande coisa de música, mas acho que está muito mais desenvolta, e muito mais à vontade, deixou de ter aquele receio, das pessoas, do público, parece-me que está mais ou menos à vontade.</p> <p>Na escola notei uma diferente, e ela própria referiu isso, que achava que estudava mais atenta, mais concentrada, que não se dispersava tanto, ela própria referiu isso, “oh mãe eu já consigo estudar mais sossegada, não me levanto tantas vezes, não me distraio tantas vezes, e eu acho que é exatamente pela música, pelo que tenho feito na música, eu tenho de estudar e estar concentrada se não, não faço nada, não toco bem, tenho de estar concentrada, habituei-me a estar concentrada e no próprio estudo em casa estou muito mais atenta”, e até disse: “ Tenho e estudar menos, não preciso de estudar tanto” (EEM-02).</p> <p>“Eu notei muito e noto que ela gosta de criar o “suspense”, porque muitas vezes nós perguntamos: “oh filha que peças é que tu vais tocar? Tens treinado?” E muitas vezes ela diz: “mãe podes ir lá para cima porque gosto mais de treinar sozinha porque fico mais à vontade”. Eu percebo que ela precisa do espaço dela e que não quer que nós saibamos quais vão ser as peças que ela vai tocar, que era para ser surpresa, portanto ela entusiasma-se e gosta, gosta muito.</p> <p>Eu acho que o professor é muito melhor do que nós para avaliar isso, mas eu acho que a minha filha evoluiu muito mais, depois de estar integrada na classe de conjunto, na orquestra de guitarras. O porquê exatamente, não sei. Eu penso que tem a ver com o estímulo e motivação, acima de tudo. Isso e também o facto de estar a partilhar conhecimentos com outras pessoas que têm níveis diferentes, naturalmente e nota-se isso obviamente. Há pessoas na orquestra que estão mais avançadas, outras que estão menos e isso acho que é importante, porque há ali pormenores técnicos que de certeza que em conjunto será mais fácil de trabalhar do que individualmente.</p> <p>Ela é autodidata porque, por ex., ela vai à internet e ouve a música e tenta aprender, imitar por ela própria e insiste e continua, canta e toca, só por ela, portanto eu não sei tocar, o pai ajuda mas dentro do que é possível porque ela também tinha de sair esquerdina.</p> <p>Acho que a motiva o facto de ser esquerdina, ela sempre gostou de ser diferente, e de fato é engraçado na orquestra estão todos organizados e ela ao contrário” (EEM-03/EEP-03).</p> <p>“Ele começou a ser mais aplicado. Primeiro nós tínhamos de lhe dizer para estudar guitarra, agora quase que não é preciso dizer. Ele próprio pega na guitarra e estuda.</p> <p>Tem muito mais motivação do que tinha antes, porque ele antes dava uns acordes. Quando começou a tocar guitarra clássica, ele estava assim um</p>
--	---

	<p>bocadinho indeciso. Mas quando entrou para a orquestra, acho que aceitou e melhorou muito.</p> <p>Ele tem vindo a melhorar muito, não sei se é só da guitarra, se está mais familiarizado com os colegas da escola porque é uma escola maior. Mas tenho ideia que a música, pelos estudos que eu leio, ajuda muito no dia-a-dia das crianças” (EEP-04).</p> <p>“O principal foi o aumento do interesse dele pelo instrumento, aumento da motivação e este processo foi o despertar do instrumento, não só na questão do instrumento, mas também, a interação entre eles acho que foi importante” (EEM-05/EEP-05).</p> <p>“Notei mais vontade para pegar na guitarra, primeiro. Depois acho que ela se interessa mais pelas músicas que vocês tocam, que são diferentes das que toca individualmente. Também exige mais estudo a música individual, como ela é um bocadinho preguiçosa, ela gosta mais da classe de conjunto. Depois também há outra questão: como ela é a menina mais nova da orquestra, embora para ela isso seja uma barreira porque sente que os outros já são mais velhos, já têm outras experiências, mas ela também sente-se a crescer, como é lógico, e quer dar o pulo. Acho que está a ser muito importante. Sente-se muito motivada.</p> <p>[em relação ao impacto noutras áreas]: Em casa, eu noto com a família: ela quer mostrar que sabe tocar guitarra, quer que toda a família participe nos concertos, que às vezes nem sempre é possível. Noto-a nesse aspeto muito diferente. Com os coleguinhas, ainda no outro dia, teve uma experiência pois estava a contar à amiga que ia ter uma entrevista e a amiga até lhe disse se ela agora era famosa! E ela toda vaidosa. Na escola mantém-se igual, não está a interferir na escola” (EEM-06).</p> <p>“Noto primeiro em termos de ritmo. Trabalha mais, pega muito mais na guitarra e com muito mais à vontade. Eu acho que é precisamente com essa dinâmica de grupo, que no fundo os motiva também, porque isto tudo implica alguma competição que, se for saudável, é muito favorável e muito benéfica, e portanto eu senti.</p> <p>Noto que o meu filho gosta cada vez mais. Em relação à guitarra, nunca senti desânimo. Ele até no próprio youtube, porque eles atualmente têm acesso às novas tecnologias, e portanto, têm muitas facilidades nesse sentido, notava que o meu filho gostava de experimentar. Neste momento, noto mais desenvoltura, claro que para cumprir e para ficar consciente que na sexta-feira vai ter uma boa performance.</p> <p>Noto sobretudo em termos de desenvoltura, de desinibição, de talvez mais à vontade. O meu filho está a entrar numa idade que acaba por ser aquela idade mais complicada. A idade da puberdade que é de alguma forma complicada, e estes contextos de interação com os amigos, com os pares, com miúdos da mesma idade, fazem-no crescer, fazem senti-lo muito mais confiante. Portanto, complementa-se a classe de conjunto com a classe individual. Acho que está a crescer, mas acho de uma forma saudável. Sinto-o mais extrovertido, com mais à vontade” (EEM-07).</p>
--	---

Dinâmicas sociais	
<p>No seu ponto de vista, quais são as principais diferenças entre a música de conjunto (feita em grupo) e as aulas individuais de guitarra (feita a sós)? (ex: Dinâmica grupo vs individual; Dinâmica social/relações sociais.)</p>	<p>“Acho que talvez ajude mais para a sua segurança, acho que o grupo ajuda que ela sobressaia um bocadinho mais, dá-lhe mais confiança e a satisfação, e isso nota-se. Quando toca com a orquestra, e as coisas correm bem, nota-se que ela fica satisfeita.</p> <p>Ela fala que alguns precisam de trabalhar um bocadinho mais. Ela diz que faz os trabalhos de casa, mas há colegas que precisam de trabalhar um bocadinho mais.</p> <p>Está mais autónoma, enquanto que primeiro era mais uma colega ou outra, agora não, é o grupo todo, é a turma toda e nota-se uma relação mais abrangente” (EEM-01/EEP-01).</p> <p>“Ambas são importantes na aprendizagem do instrumento, acho bastante importante aquela aula individual. Agora o fato de estar num grupo, também eu acho que é muito importante, o habituar-se de estar com outras pessoas, fazer parte, o resultado do trabalho de todos ser o espetáculo, a música, o bonito, que é só feito com interajuda, isso ela não estava habituada. É importante na música e em qualquer altura da vida, e foi-se habituando a fazer parte de um todo, ser uma pequena parte de um todo e só juntos é que realmente conseguem fazer uma coisa bonita que é a música.</p> <p>Entreajuda entre eles, descontrai mais, estão mais sociáveis, noto perfeitamente, mais aberta, noto isso. Mesmo em casa noto mais faladora, não sei bem se é pelas aulas da orquestra, não sei bem se é pelo conservatório, também se é da própria idade em que está, mas noto que evoluiu, será das aulas também de grupo de guitarra? Eu acho que é tudo, é a idade que avança, é o convívio com os colegas, será realmente de toda esta dinâmica de grupo que não estava habituada, foi de tudo isso, mas noto-a muito mais à vontade e mais sociável, mesmo em casa com a família, acho-a mais aberta.</p> <p>Interessou-se mais pela música, e pelo que está a fazer, toca com mais gosto, toca mais vezes, toca para mim que não tocava, que é uma coisa engraçada, antes não tocava tinha vergonha, só tocava no quarto, e não agora, toca na sala, é diferente, eu acho que já é uma diferença muito grande. Tem o gosto de partilhar o que aprende, o que sabe. Por exemplo, ela no início das aulas de guitarra, mesmo antes do grupo, a minha filha pedia-me sempre para eu não ir às audições, porque tinha vergonha que eu estivesse lá a ouvir, e agora não, está mais à vontade, não há problema. Posso ir às audições de guitarra, aos concertos, que vou sempre, e ela já não tem encanamento de tocar para mim, para avó, que vai muitas vezes, sempre que pode também, não tem vergonha alguma, está muito mais à vontade” (EEM-02).</p> <p>“Nas aulas individuais, a música é mais clássica e eu acho que ela gosta muito mais do ritmo da orquestra. Nós tentamos dizer que primeiro tem de aprender uma componente mais clássica para depois poder saltar para outra parte, porque o sonho da nossa filha é ter uma guitarra elétrica, portanto ela para já tem de saber a clássica. Ela tem de trabalhar para isso e merecer isso. Claro que gosta muito mais da orquestra porque é mais alegre, mais ritmado, e mesmo para nós, em termos visuais e auditivos, o</p>

resultado final da orquestra é mais espetacular. Mas normalmente uma orquestra tem sempre mais impacto para quem está a assistir e mesmo para quem está atuar, portanto deve ser interessante. Nunca toquei numa orquestra, mas deve ser uma coisa engraçada. Aquilo sair bem deve dar alguma auto estima. Eu sei tocar guitarra, mas não tenho nenhuma formação específica. Mas acho que, tecnicamente, as peças a solo são mais delicadas, parece-me evidente isso. Do pouco que consigo perceber, acho que as peças são mais difíceis, muito mais trabalhadas, muito mais elaboradas, mais completas, mais difíceis tecnicamente, e também por isso cria ali uma carga em cima da peça maior. Eu acho que é mais isso que propriamente ela gostar ou não gostar da música. Acho que eles valorizam muito mais as falhas do que aquilo que sai bem, e é muito mais aquilo que sai bem do que as falhas. Mas acho que, tecnicamente, a solo nota-se que é mais exigente e ela tem consciência disso. Agora a componente da orquestra, no fundo, o grupo, dá-lhe ali uma motivação muito grande para também agarrar o solo com outra garra.

Eu acho que a minha filha foi feita para trabalhar em grupo, ela gosta. É uma criança que interage com muita facilidade, tem uma facilidade de comunicação muito grande. Normalmente é uma pessoa que expõe bem as pessoas à volta dela, e ela também usufrui muito disso e tira muito gozo da relação com as outras pessoas. Ou seja, para ela, se pudesse ser só orquestra, era perfeito, no sentido que tirava daí mais gozo. É normal. Agora, eu penso que ela tem consciência que uma coisa sem a outra não faz sentido, ou seja, a orquestra é uma coisa muito bonita, mas ela tem consciência que sem a outra parte não há orquestra e sem orquestra a outra parte continua a existir, ela tem consciência disso. Agora que há ali um complemento muito grande que lhe dá ali um gozo muito grande e adrenalina... Ela, por ex., na última Masterclasse que houve, que foi no último fim-de-semana das férias, prescindiu de outras coisas que realmente nestas idades se valoriza mais, para vir aprender num Sábado e num Domingo, e estava muito empenhada, muito motivada. Gostei imenso do que aprendeu, portanto ela tem essa particularidade, e eu disse: “oh filha, tu tens de saber exatamente aquilo que queres porque não vamos estar agora a condicionar”, e ela disse: “não, não mãe, eu quero ir porque eu gosto de ir, eu quero aprender”, e quando a viemos buscar ela disse: “eu aprendi isto, e fomos treinar”. Portanto, ela tem sede de aprender e aprender cada vez mais. Penso que ela não consegue atingir mais porque tem muita carga horária, tem muito pouco tempo, mas quando é para se empenhar, acho que faz bem.

Acho que o nível de exigência dela aumentou, o grau que ela exige a ela própria subiu nitidamente. Eu por acaso não tinha feito essa associação à orquestra, mas eventualmente é mesmo isso. Há ali sempre uma comparação, e eu acho que isso tem um efeito positivo. Pode ter dois efeitos, podemos nivelar por baixo ou nivelar por cima, e ela está claramente a tentar nivelar pelos melhores. Evidente, a um nível diferente, porque ainda vai demorar a chegar lá. Mas faz um esforço e tenta fazer um esforço e eu noto nas peças que têm tocado na orquestra, que a minha filha já tem um papel mais importante que tinha no início, e ela também se sente valorizada e mais importante, no sentido de se sentir mais capaz, mais dentro da orquestra e também por isso é muito positivo” (EEM-03/EEP-03).

“Acho que eles, na classe de conjunto, olham para os colegas, aprendem com os colegas, para além de aprender também com o professor. Enquanto, que na classe normal (individual), ele aprende aquilo que tem de aprender e talvez não é tão pressionado. Em grupo, como tem os outros a puxar por ele, incentiva-o mais a fazer melhor.

	<p>(Relações) Novos amigos são sempre bem-vindos. Pelo que tenho visto, ele tem uma boa relação entre eles, que o acolheram bem, para além de ele ter sido o último a integrar na orquestra. Quando o venho buscar ou o venho trazer, sinto que se sente bem. Por ex., outro dia estava a chegar com ele, e uma colega do grupo esperou por ele para virem os dois juntos para a orquestra. Acho que ajuda muito e desenvolve mais a nível social.</p> <p>Ele é um pouco fechado, mas quando perguntamos, ele dá sempre boas respostas, respostas positivas e que está muito bem integrado.</p> <p>Passou a falar mais do instrumento: “Sou a guitarra 3, tenho esta música, tenho aquela. Ele está sempre pronto a concertos novos e, podendo, não falha um” (EEP-04).</p> <p>“Nas aulas individuais não há a ligação com os colegas. Estes concertos, o que é importante, o tempo que antes dos concertos em que eles se juntam para a preparação, esse convívio entre eles acaba por ser muito importante, não só quando têm as aulas da classe de conjunto, mas também o antes dos concertos, vê-se uma amizade entre eles, é um grupo pequenino e que eles gostam de estar também uns com os outros. Cria-lhes o à vontade, no caso do auditório que tem está ali tudo em cima deles, eu percebo que eles ficam ali numa situação de tensão, enquanto quando estão em conjunto chegam ao concerto muito mais relaxados e descontraídos” (EEM-05/EEP-05).</p> <p>“Eu não percebo muito de música, sempre foi uma coisa que eu gostaria de ter aprendido, mas nunca tive essa oportunidade, daí eu por a minha filha no conservatório. Ela também gostava, mas foi uma iniciativa minha, como é lógico. Do que eu percebo, eu acho que quando ela está sozinha com o Professor eu acho que é uma parte mais técnica, penso eu. São as bases para ela conseguir chegar até determinado ponto no conservatório. Em conjunto, acho que não é tão técnico, é a ideia que eu tenho, mas também lhe abre outros horizontes: estar com os colegas, aprender a conviver, estar em grupo. Acho importante as duas vertentes. Acho que uma complementa a outra. Eu acho que as aulas sozinha com o Professor, é preciso ter alguma afinidade, e principalmente com a minha filha, o Professor sabe como é que ela funciona. Mas eu acho que ela vem com mais vontade para as aulas sozinha desde que está na orquestra, do que anteriormente. Porque às vezes, quando as coisas correm menos bem na escola, que eu tenho a certeza que não tem nada a ver com o Conservatório, eu digo-lhe que a vou tirar da orquestra e ela fica muito triste por eu lhe dizer isso... Ela quando sai daqui da orquestra ela conta-me sempre peripécias do que se passa aqui dentro da orquestra com os colegas. A referência dela até é a colega porque eu acho que é a menina que está mais próxima dela. Nesta idade, entre menino e menina há sempre aquela distância. Então ela quando sai daqui, conta-me sempre uma história. Acho que isto a faz crescer a todos os níveis. Primeiro, está a lidar com outro tipo de meninos que ela não está habituada, que ela não lida na escola e isso vai enriquecê-la. Eu acho que a presença de vários meninos, de diferentes idades, acho que vai ajudá-la a ser um bocadinho menos inibida. Porque ela é muito inibida e fica muito stressada antes dos concertos, muito tensa e muito nervosa, e por exemplo, ainda no último que foi feito a colega foi ao pé dela e disse-lhe para ter calma, para não ficar assim, e ela acalma mais um bocadinho... A convivência com outros meninos acho que a está a ajudar muito, não só aqui no conservatório, mas</p>
--	---

	<p>também na vida pessoal dela” (EEM-06).</p> <p>“Muito mais impacto, em termos sobretudo da comunidade. Nós conseguimos atingir com as audições e aqueles formatos mais tradicionais a comunidade educativa. Quando pensam vocês, enquanto professores e promotores destas iniciativas, quando pensam em criar um agrupamento destes, estão a sair fora da zona de conforto, estão a levar os meninos para fora da zona de conforto, mas estão a ganhar junto da comunidade e a comunidade está a ganhar convosco um valor que é enorme. Com as audições individuais, com a existência apenas das audições tradicionais reduzidas ao contexto de sítios convencionais, não tem acesso em geral. Tem a comunidade educativa, os pais e encarregados de educação que assistem. Quando saem, quando têm formações em grupo, saem, abrem este conservatório à comunidade em geral, e aí, julgo, sairão todos a ganhar. Ganham os miúdos porque se habituam a um público diferente e ganha a comunidade de forma incalculável, porque estas coisas da cultura são muito difíceis de medir. No caso do Ensemble de Guitarras, que não existia, que é uma situação de alguma forma inovadora e que só pode trazer benefícios à comunidade de Vila Real e eu espero que traga à região” (EEM-07).</p>
Dinâmicas Culturais	
<p>Na sua perspetiva, de que forma um ensemble de guitarras pode contribuir para a cultura local? (ex: parceria com outras orquestras, dinamização de diferentes eventos.)</p>	<p>“Guitarras é uma coisa que aqui na nossa região não temos. O que é que tínhamos? Muito pouco, acho que faz falta. É uma coisa que gosto de ouvir, não percebo nada de música, mas adoro, é uma coisa que fica, às vezes ouço certas músicas que não me caem bem, e há outras que gosto de ouvir. Acho aqui para o nosso meio, e há uns anos atrás não tínhamos nada, para além daquelas orquestras de festa, agora é diferente, a juventude agora com estes ensinamentos, acredito que no futuro saiam daqui grandes músicos.</p> <p>Eu falo muitas vezes nisso, ela vai continuar um dia que vá para a universidade, provavelmente irá integrar numa tuna académica e é uma forma de estar sempre ligada à música.</p> <p>Isto não é só para a realização dela, mas também é um contributo para sociedade, que foi uma coisa que nunca tinha acontecido cá, foi uma ideia brilhante.</p> <p>(parcerias) Gostei, com a orquestra das flautas gostei muito, acho que completam-se. Eu até pensei que nem fosse possível, parece assim um bocado disparatado, guitarras e flautas, mas lindo, gostei muito.</p> <p>Daqueles que nós assistimos, na UTAD, na Aula Magna, no Hospital, aqui no conservatório, no Café Concerto. Eu reconheci lá pessoas que sei que sabem de música e que gostam de música, ficaram encantadas, portanto eu gosto de ouvir, mas essas pessoas que têm outra formação, ficaram maravilhadas. É importante tocar em sítios onde as pessoas não saibam nada de música, que gostem só de ouvir. Agora estamos só a falar da orquestra, mas houve outras atividades que fizeram aqui a nível do conservatório que foi muito bom. Em termos das guitarras, está no início, mas acho que a progressão foi muito boa e o tempo que tiveram até agora</p>

	<p>foi muito bom.</p> <p>(Solidariedade Hospital) Acho que foi uma terapia para aqueles doentes, eu observei as pessoas que entravam que não contavam com aquilo, e acho que ficaram com uma agradável surpresa. Estar a levar estas atividades (orquestras) aos sítios onde se vive a música, talvez não me arrasta a mim, não arrasta muita gente, enquanto que assim, é no café, é ali no jardim, é aqui nos espaços do concelho, etc, as pessoas vão e a música vai às pessoas e é uma forma de ficarem a conhecer.</p> <p>(A realização de concertos) Às vezes não é preciso que nos digam, basta só olhar para eles e vê-se o ar de satisfação, estás encantada, correu bem, e para uma miúda como ela, porque ela é assim um pouco fechada, isto diz tudo” (EEM-01/EEP-01).</p> <p>“Se houvesse algo que fosse ao contrário eu dizia. Na minha filha foi benéfico para ela e na relação que vejo com os outros colegas da orquestra.</p> <p>(Houve aqui uma situação antes de uma audição, ela estava a conversar com um miúdo que também foi tocar mais crescido, coisa que eu nunca vi e com um rapaz que talvez nem vê assim muitas vezes. E eu, a minha filha a falar assim.)” (EEM-01/EEP-01).</p> <p>“Claro que pode, a cultura sabe bem e fica bem em qualquer sítio, quanto mais numa zona que há pouca cultura, pelo menos pouca divulgação da cultura, é sempre bom quanto mais com jovens que estão a iniciar e que ainda têm muito tempo pela frente para divulgar a cultura. Aqui realmente não há muitos espetáculos culturais, por tanto tudo que possa este grupo ou outros fazer é ótimo, é excelente para qualquer zona.</p> <p>Eu gostei imenso, para os alunos e professores que participaram é ótimo, uma experiência que é sempre boa, para as pessoas e até agora dentro do contexto em que aconteceram esses concertos acho que foi ótimo. A todos a que eu fui estava muita gente, acho que gostaram, eu gostei bastante mas sou suspeita, penso que criaram uma boa impressão porque as pessoas realmente gostaram, e movimentaram as pessoas que lá estiveram e que agradaram.</p> <p>É sempre importante dar a conhecer a cultura, e mesmo há públicos que não estão habituados assistir a nada cultural e é uma oportunidade para assistirem, para conhecerem e para começarem a gostar, e é importantíssimo em qualquer idade, como em pessoas de mais idade, como por exemplo até alguns intercâmbios entre os jovens e trocaram algumas experiências com jovens que toquem também, outros que não toquem e nunca tiveram contacto com a música pelas mais variadas razões, que nem estão habituadas e que talvez à primeira vista não iriam apreciar, mas só não apreciam se não conhecerem, portanto não conhecendo não podem oferecer, portanto temos de lhes oferecer, e começando a ter conhecimento começaram a gostar.</p> <p>(Outras orquestras) Excelente primeiro para quem participa, para os que atuam, habitam-se também a tocar com outros instrumentos, ver a relação que há entre eles, depois o resultado que já sabem dentro do grupo</p>
--	---

deles como é, mas adaptem-se a outros sons, a outras pessoas também, eu acho que é uma ideia fantástica, o resultado é fantástico e sempre que tocaram com outros, o resultado acho que foi ainda mais bonito no ponto de vista artístico, mais agradável” (EEM-02).

“Acho muito positivo. Acho que o conservatório e de quem quer que sejam estas ideias do Café Concerto, do Hospital, incutem várias coisas: o espírito de solidariedade, no caso do Hospital, para pessoas que estavam doentes, para pessoas que estavam à espera de pacientes com determinados problemas que não sabemos, portanto graves ou menos graves, e eu penso que foi muito importante a componente de solidariedade, a componente de estar ali de forma gratuita e de coração. Isso são valores que nós incutimos à nossa filha já na educação e penso que isto é muito bom e muito positivo para ela, ter o feedback que as pessoas também gostam. E foram aplaudidos. Achei muito bem pedirem para repetir novamente a última música. Acho que isso estimula muito. No caso da nossa filha, é a recompensa pelo esforço que teve, porque o público que estava ali que não eram só pais nem familiares, portanto médicos, enfermeiros, auxiliares, pacientes, visitantes, era todo o tipo de gente e valorizou muito este espetáculo.

Eu acho que isto é uma forma muito descontraída de levar um tipo de música às pessoas que não estão habituadas a ouvir e que por ex. o “Canon” é uma peça que conhecem, acham um piadão, mas não têm noção, eventualmente, da complexidade que aquilo tem e veem ali um bando de crianças, pois a maior parte ainda são crianças. Eu acho que, em termos puramente culturais, é uma forma de as pessoas chegarem a um determinado tipo de cultura que não chegariam de outra forma. Não tinham forma de o fazer, e eventualmente nem tinham disponibilidade mental, nem estavam preparadas para isso, porque aquilo é uma forma de desconstruir esse tipo de música. Peças que normalmente o público-alvo de Vila Real não iriam a um concerto de música clássica de guitarra. É educar o ouvido, a nossa mente e a forma de pensar. Acho que isto é uma forma de chegar a muito mais pessoas que de outra forma penso que não chegaríamos.

Achei muito bem, estamos a falar nomeadamente da orquestra de flautas. Gostei muito do resultado final, já tínhamos visto no Café Concerto, gostei muito. E lá está, quando algum desafina porque não está tão bem preparado, há sempre ali um suporte, e no fundo há uma união entre todos para que tudo corra bem. Estão todos a empurrar o barco para o mesmo lado, portanto, o resultado final é muito bom.

Há aqui uma questão de coordenação, ou seja, como lhe digo, nunca toquei numa orquestra. Eu tinha um grupo quando era miúdo, era uma brincadeira, não era uma orquestra. Eu não assisti ao concerto do Hospital, mas vi o vídeo e é muito mais difícil do que se estiverem sozinhos, nem tem comparação. Muito mais complicado colar aquela gente toda, porque cada um tem a sua dinâmica, estão habituados a ritmos diferentes, os instrumentos são diferentes. Não sei como, tecnicamente, isso se consegue incorporar, mas por isso é que está lá alguém a dirigir uma orquestra, e notava-se que havia ali alturas que a coisa não colava como nós estamos habituados a ouvir na orquestra de guitarras, e isso só pode ser bom. A minha filha houve alturas que sentiu isso, e ela comentava comigo quando estávamos a ver o vídeo: “aqui falhamos e podíamos ter feito de outra forma”. E nem tem tanto a ver com a preparação ou não, acontece. Mas eu acho que essa capacidade de coordenar, primeiro, eu acho que é uma experiência nova para ela. Ou seja, uma coisa é eu estar a tocar com os meus colegas que já conheço, a sonoridade, a técnica. Outra coisa é entrar alguém que me é absolutamente estranho, tem um ritmo diferente, dinâmica diferente, um som diferente, e aquilo tem de colar de outra forma. E eu acho que isso em termos de coordenação e articulação mental

	<p>deve ser muito mais complicado. Portanto, normalmente, o que é mais complicado resulta melhor no futuro, eu acho que só pode correr melhor. É fácil? Não é! Ela ia com medo? Ía, porque não tem grande experiência a esse nível. Mas a tal gestão da ansiedade também é importante, e tudo isso são fatores importantes que a vão ajudar a desenvolver pela vida fora. Eu acho que se fossem mais concertos não se perdia nada, tanto para nós que gostamos de ver, mas principalmente para eles que gostam muito de participar e sentem-se realizados. A nossa filha adora, para mim venham! ” (EEM-03/EEP-03).</p> <p>“A música na nossa região ainda é muito desconhecida. Há pessoas que apreciam a música popular, música pimba, como se diz, mas ouvir uma orquestra, ouvir um Ensemble de Guitarras não apreciam muito. Mas acho que insistindo um bocadinho nessas pessoas, acho que começam a gostar. Hoje em dia, tem de se socializar com todo o tipo de classes e profissões, seja o que for. Acho que os concertos só vêm trazer mais conhecimento para as crianças, quer a nível social, quer a nível educacional também. Os concertos são uma grande ajuda. Conhecem novas pessoas, conhecem novos lugares.</p> <p>Levar o conhecimento musical às pessoas, que por vezes até gostam, mas que não têm possibilidade, como aconteceu no último concerto, o concerto solidário. Ou em outros contextos, como nos “140 anos da Caixa Geral de Depósitos”, para dar conhecimento que em Vila Real existem músicos capazes e com outra educação.</p> <p>(Parcerias) É interessante, são coisas diferentes do que estar a ouvir só as guitarras. Por acaso, neste último ouvi a orquestra de flautas também. Estivemos a ver, é interessante. São diferentes instrumentos, mas que realmente combinam, e para além de os alunos interagirem uns com os outros também” (EEP-04).</p> <p>“Sim, é um meio de levar o que é feito dentro do conservatório para o exterior, porque se não fosse por este meio, o que é feito cá dentro não teria conhecimento para além dos pais que vêm cá, por ex. aqueles concertos feitos no final do período eram só feitos para os familiares dos meninos que tocam, cantam, aqui já abrange outro público. A questão do conservatório, antes de termos cá os nossos filhos eu nunca tinha entrado no conservatório, o que quer se o conservatório não for para o exterior as pessoas não têm conhecimento do que aqui se faz, do que existe, outro aspeto positivo é levar os miúdos para outro contexto, e fazer-los atuar nos mais diversos palcos, mais formais, menos formais isso é sempre importante.</p> <p>(parcerias) Ao ouvido parece-me bem, no que diz respeito à música é onde eu tenho menos competências, acho que a interação é uma mais-valia a meu ver, eu gosto da atuação das guitarras a solo mas acho que fica um pouco repetitivo, monocórdico, gosto aquela questão que introduziu de bater na viola (tambora), são manobras e de haver uma interação entre os instrumentos, e ver que não é só tocar a guitarra sozinha e que dá para tocar com outros instrumentos. Por ex. como há instrumentos que tocam junto com o piano e torna-se mais agradável de ouvir.</p> <p>É bom tocarem outro tipo de coisa, músicas diferentes e torna-se sempre interessante.</p> <p>Outros assuntos: Nós culturalmente não somos evoluídos, e antes dos</p>
--	--

meus filhos comecem neste processo, apesar de não ter grandes conhecimentos musicais, tenho a percepção que competências ao nível da música são importantes, quer seja para mais tarde ou não tirar proveito profissional, mas são importantes e o que eu queria dizer é que no início que comecei numa banda de música, eu não conhecia nenhum instrumento, não sabia se quer fazer a divisão dos vários tipos de instrumentos, e agora obviamente já sei, dentro dos instrumentos de sopro sei distingui-los praticamente a todos, fui influenciado e motivado, eu levei os meus filhos à música e há outros influenciados pela música que vai até eles e daí a vossa missão é relevante.

Eu lembro-me do meu filho ter uma audição, e ele disse: e deu-me uma branca, e chegou lá já não sabia, a pressão é tanta, é o que eu lhes digo, é normal, qualquer pessoa sente a pressão. A esse respeito já se nota uma diferença enorme no comportamento dele.

Mesmo a nível de escola o meu filho tem vindo a melhorar, mesmo por influência daqui, porque ele sempre foi envergonhado e muito reservado e agora está mais solto, mais liberto, e é bom nestas idades ou seja, onde eles estão a desenvolver a forma de estar ainda é bastante moldável e bastante trabalhável, o meu filho foi muito extrovertido até determinada altura, até ao ensino primário, depois houve alguma coisa que o inibiu e o tornou bastante contraído e agora nota-se que está num processo de abertura novamente” (EEM-05/EEP-05).

“Eu acho que é muito importante porque nós aqui na nossa cidade temos poucos momentos culturais, até agora foram muito pouco divulgados, e eu acho que é sempre muito bom acontecer estes momentos, seja lá em que lugar for. O concerto no hospital, acho que foi muito bonito e gratificante. Acho que a mensagem foi passada, é isso que eu sinto. (em relação à parceria com a orquestra de flautas): Gostei, gostei imenso. Adorei, gostei muito. Achei importante. E mesmo para ela também foi importante, ela gostou muito.

Vocês estão a começar, o grupo também é um bocadinho restrito ainda, mas acho que foi uma iniciativa ótima, eu acho que para qualquer um deles, é a ideia que eu tenha pela minha filha, ela está muito contente com a orquestra. Embora este ano fosse muito complicado para conciliar as coisas, mesmo para ela, a nível de horários, porque começou mais tarde e foi complicado. Mas eu acho que deviam fazer mais concertos, a outros níveis, noutras situações, e acho que têm tudo para dar certo” (EEM-06).

“A nossa região, em termos geográficos, é a região que em termos de tecido cultural mais assimetrias manifesta, porque estamos a par de um litoral extremamente dinâmico, onde tudo acontece ao mesmo tempo, e a oferta cultural, um tecido cultural extremamente solidificado, continuado, com um trabalho já instituído, público fidelizado. Temos depois, por outro lado, uma situação perfeitamente assimétrica, que tem vindo felizmente ao longo do tempo a ser diluída. Mas é assimétrica ainda aqui no nordeste e aqui em Trás-os-Montes, na nossa região. Este tipo de equipamentos culturais como o conservatório, o teatro, e uma série de museus, enfim de equipamentos culturais, tem permitindo formar novos artistas em qualquer uma das disciplinas artísticas. E tem também permitido dar a conhecer à população aquilo que é um património cultural que todo o

	<p>cidadão tem o direito de ter acesso e conhecer. Portanto, quando o conservatório sai, como disse, da zona de conforto e vai para fora com o Ensemble de Guitarras ao “Hospital”, por exemplo, a espaços não convencionais, a um Café, a uma rua, aqui em Vila Real numa zona urbana ou numa zona rural, cada vez que vai com o intuito de levar música ao cidadão, está a prestar um serviço público, um serviço que tem de ser reconhecido. E é um serviço que é extremamente importante, sobretudo nesta região, porque é realmente uma das regiões mais assimétricas que só encontra par no Alentejo. E é este o papel não só dos equipamentos culturais, das instituições ligadas à cultura, à política, enfim e com responsabilidades na região, educação, enfim, mas é também das associações locais e deste tipo de formações que é indispensável para o tecido cultural. O associativismo e todas estas instituições têm de facto de trabalhar. É isso que têm vindo a fazer, já se nota grandes evoluções, e de facto isto tem um valor incrível. Porque é isso que nos interessa, interessamos que cada vez mais o interior, que as assimetrias que notamos sejam diluídas, e tudo que possamos fazer para isso é de reconhecer culturalmente, porque de facto tem um interesse cultural incalculável. É difícil de medir, mas tem de ser muito grande.</p> <p>(parceria) É sempre uma mais-valia, para os intérpretes, para os próprios dirigentes, o maestro, os professores, todos os que participam, é sempre uma mais-valia. Primeiro, é troca de experiências que nos ajudam a lidar com situações diferentes. E depois, para os alunos, constituem mais um desafio, é mais uma aprendizagem. A experiência que eu tenho, as formações que eu tenho visto e, como disse, em espaços não convencionais, onde depois há uma série de condições técnicas que é difícil assegurar e que nem sempre conseguimos colocar no nível ótimo. Mas para mim a situação é sempre muito boa, muito enriquecedora para todos os miúdos que participam nela. E de facto é uma sorte, são os privilegiados por estarem a contactar e viverem neste universo, no universo artístico, no universo da música, por poderem partilhar este tipo de experiências, aquilo que sabem, saber aquilo que os outros já sabem também, e tentar a superação, e tentar ser melhor, crescer e acho que é isso os motiva. É o crescimento a nível musical, e eles têm consciência e sabem, “o menino tal que já está no 5º grau, meu Deus mamã o que ele toca”. E depois acaba por ser visível para o público em geral. Mas é este crescimento, este contacto e às vezes a própria troca entre os participantes que têm metodologias diferentes e outros hábitos, outras formas de trabalhar, tudo isto é enriquecedor. É partilha, é trabalho de grupo, é trabalho de equipa. É muito exigente também do ponto de vista organizacional, mas para os miúdos, e julgo que para todos, acaba por ser o espírito que está por trás dos workshops, das masterclasses... Sobretudo chamar alguém, porque é preciso que nós tenhamos conhecimento daquilo que faz o outro em Aveiro, do que faz o outro em Amesterdão e é assim que crescemos em todos os níveis.</p> <p>Eu espero que o meu filho continue e que a classe de conjunto continue. Que o Ensemble de Guitarras tenha muitos espetáculos para nos mostrar não só aqui mas fora, pois foi de facto muito importante” (EEM-07).</p>
--	--

Anexo 4 - Resposta do diretor pedagógico (via email)**Ponto de vista do diretor pedagógico - via email**

A abertura do *ensemble*/orquestra de guitarras no presente ano letivo constituiu uma estratégia pedagógica destinada a promover nos alunos da Classe do Docente Igor Guerra o desenvolvimento de um conjunto de competências técnicas e performativas que, numa perspetiva de aprendizagem cooperativa, permitiriam a estes alunos alcançar melhores resultados. A adoção desta estratégia inseriu-se no âmbito do estágio pedagógico deste docente, que à partida tinha como desafio principal a criação desta formação a partir do zero. A partir de um grupo de alunos que se encontravam em estádios performativos e formativos muito distintos, o problema inicial prendeu-se com a harmonização do grupo. Esta situação foi posta à prova logo no final de novembro com a primeira aparição pública desta formação. A partir de vencida alguma resistência e receios iniciais, o grupo começou a adquirir um dinamismo muito próprio. Para além de mais alunos se disponibilizarem para integrarem a formação, o espírito de trabalho em conjunto aumentou, com os alunos em estádios mais avançados a desejarem suplantar as suas dificuldades, para além de servirem de *modelo* para os alunos menos avançados que evidenciavam não querer ficar para trás. De igual modo verificou-se que eram os próprios alunos a exigir uns dos outros, dado o sentimento de partilha existente, sendo claro que se não contribuíssem de forma igual, o esforço e sucesso enquanto formação seria afetado negativamente.

Por outro lado, o aumento de solicitações para atividades externas propostas pela Direção pedagógica, permitiu que a formação se apresentasse nas atividades do Festival de Ano Novo, uma parceria com o Teatro de Vila Real, uma atuação no aniversário da CGD de Vila Real, a participação no concerto de abertura do Festival de MusicAlvão no Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro, constituíram exemplos de atividades que levaram à necessidade de aumento de repertório e conduziram, inevitavelmente, ao aumento da prática performativa.

A par deste aspeto é de salientar um incremento na participação e envolvimento dos Pais, que acompanhavam a formação nas suas saídas, e colaboravam com a realização de ensaios extra. O dinamismo resultante da implementação desta formação permitiu não só a aproximação dos Pais ao Conservatório, tornando-os mais interventivos, colaborativos e em simultâneo reconhecidos pelo trabalho que o docente Igor Guerra desenvolveu junto da classe.

Anexo 5 - Tabela de tratamento de dados (percepções gerais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
<p>Percepções Gerais</p>	<p>Motivação e empenho</p>	<p>A orquestra de guitarras é apontada como incentivo e motivação para o estudo.</p>	<p>“Foi importante também para a concentração, para poder estudar melhor ou ver as coisas de uma maneira mais rápida e eficaz, para também podermos trabalhar melhor em grupo e para dar um melhor resultado.” (A-01).</p> <p>“... Era estar a gastar mais tempo e era uma coisa nova, então vim um pouco contrariada e pensei que fosse uma seca estar aqui. Depois da primeira aula gostei, depois continuei.” (A-02).</p> <p>“Foi-se notando cada vez mais o gosto de vir às aulas... os alunos adoram, gostam de estar no conservatório mas gostam de sair para outros ambientes...” (EE-02).</p> <p>“Sim, acho que evoluiu muito mais, o tipo de aulas são diferentes, embora ela já tinha aulas de guitarra com outro professor, mas são aulas individuais que ela gosta imenso, não prescinde, mas eu acho que se completam, porque são aprendizagens diferentes. Primeiro são dois professores diferentes, o que eu acho que é ótimo, neste caso, são maneiras de ensinar diferentes e de aprender diferentes, e é sempre um complemento, além do que é outra aula...” (EE-02).</p> <p>“... Interessou-se mais pela música, e pelo que está a fazer, toca com mais gosto, toca mais vezes, toca para mim que não tocava, que é uma coisa engraçada, antes não tocava tinha vergonha, só tocava no quarto, e não agora, toca na sala, é diferente, eu acho que já é uma diferença muito grande...” (EE-02).</p> <p>“... obriga-nos a estudar mais em casa... estamos mais uma vez em contacto com o nosso instrumento, não tocar apenas sozinha, mas também, com os nossos colegas... todos sentimos um grande afeto pelo nosso instrumento, porque é aquele</p>

			<p>que escolhemos, e quando vemos alguém a gostar tanto disto, eu também quero gostar assim tanto... é uma maneira de nos abstrairmos completamente, porque para além de estarmos a fazer aquilo que gostamos... estamos em conjunto com outras crianças, outras pessoas, que não só nós e o nosso professor, e é sempre muito bom... andamos em escolas diferentes, e eu se não fosse o conservatório eu não conhecia nenhum daqueles colegas... temos mais contactos com as pessoas, acabamos por vir para aula e falamos dos concertos e acaba por ser mais produtivo... venho sempre mais motivada para a aulas porque me lembro o que passei na orquestra e é sempre muito melhor.” (A-03).</p> <p>“É bom, muito bom e ao início, quando o professor disse que isto poderia passar a classe de conjunto, fiquei toda feliz porque vou fazer mais uma vez aquilo que eu gosto. Como é uma coisa recente aqui do conservatório e eu até me admirei como é que nós tivemos tantos concertos e tantas marcações para ir aqui, ir ali, e acaba por ser muito bom... continuar a interagir com o professor e com os meus colegas desta maneira é muito bom.” (A-03).</p> <p>“... Acho que incute nela um gosto acrescido e que as aulas individuais não são suficientes para a motivar de forma que ela consiga atingir os objetivos. Ela sente-se muito mais motivada neste conceito de grupo, nesta orgânica de grupo... acho que ela evolui mais depressa...” (EE-03).</p> <p>“... Na última Masterclasse, que foi no último fim-de-semana das férias, prescindiu de outras coisas que realmente nestas idades se valoriza mais, para vir aprender num Sábado e num Domingo, e estava muito empenhada, muito motivada...” (EE-03).</p> <p>“... <i>Ensemble</i> de guitarras foi o que ele interiorizou mesmo, para poder estar e</p>
--	--	--	--

		<p>aplicar os conhecimentos que ele tem na aula... quando ele se sentava para estudar, ele arranjava sempre desculpa, estudava sempre na última da hora. Começou a tocar na orquestra, e aplica-se mais, quase todos os dias toca 15 a 20 minutos” (EE-04).</p> <p>“Ele começou a ser mais aplicado. Primeiro nós tínhamos de lhe dizer para estudar guitarra... ele próprio pega na guitarra e estuda. Tem muito mais motivação... quando começou a tocar guitarra clássica, estava um bocadinho indeciso, mas quando entrou para a orquestra, acho que aceitou e melhorou muito” (EE-04).</p> <p>“A classe de conjunto leva a que estejamos mais horas com o instrumento, motiva a prática do instrumento, pois ao sabermos que tocamos bem uma determinada música inspira-nos a continuar.” (A-05).</p> <p>“O que mais se notou, foi um aumento de interesse... ou seja, o aspeto motivacional... o interesse pelo instrumento aumentou... notamos em casa a questão de procurar mais vezes o instrumento... quando ele tocava individualmente não se esforçava tanto porque não tinha os colegas... agora com os colegas ouve uma evolução.” (EE-05).</p> <p>“... O aumento do interesse dele pelo instrumento, aumento da motivação e este processo foi o despertar do instrumento, não só na questão do instrumento, mas também, a interação entre eles...” (EE-05).</p> <p>“Tenho novas estratégias e depois também me ajuda para as aulas individuais. Tenho mais vontade de estudar porque assim posso apanhar o nível dos meus outros colegas...” (A-06).</p> <p>“... Ela está a ir buscar uma parte da música que se calhar com as aulas individuais ela não conseguiria ir buscar</p>
--	--	---

			<p>e está a ser uma experiência muito gratificante para ela...” (EE-06).</p> <p>“Notei mais vontade para pegar na guitarra... acho que ela se interessa mais pelas músicas que vocês tocam, são diferentes das que tocam individualmente. Também exige mais estudo a música individual... ela gosta mais da classe de conjunto...ela é a menina mais nova da orquestra... mas ela também se sente a crescer e quer dar o pulo. Acho que está a ser muito importante. Sente-se muito motivada...” (EE-06).</p> <p>“... Acho que ela vem com mais vontade para as aulas individuais desde que está na orquestra... quando as coisas correm menos bem na escola... eu digo-lhe que a vou tirar da orquestra e ela fica muito triste por eu lhe dizer isso...” (EE-06).</p> <p>“... Como aprendo novas técnicas, novos estilos de música, tive de me empenhar mais nas aulas individuais e na classe de conjunto” (A-07).</p> <p>“...Esforçamo-nos todos ao máximo na orquestra, não queremos ser os que não estudam tanto em casa e que não se conseguem exhibir tanto” (A-07).</p> <p>“... A possibilidade de ele estar integrado numa classe de conjunto onde a guitarra é o instrumento que ele vai trabalhar, foi de facto fantástico. Preencheu uma lacuna que existia e que ele não conseguia preencher com a classe de conjunto tradicional, isto porque a grande motivação do Afonso é a guitarra...” (EE-07).</p> <p>“... Trabalha mais, pega muito mais na guitarra e com muito mais à vontade. Eu acho que é precisamente com essa dinâmica de grupo, que no fundo os motiva...” (EE-07).</p> <p>“... Noto mais desenvoltura... claro que para cumprir e para ficar consciente que</p>
--	--	--	--

			<p>na sexta-feira vou ter uma boa performance. Noto sobretudo em termos de desenvoltura, de desinibição, de talvez mais à vontade..." (EE-07).</p>
	<p>Desenvolvimento instrumental</p>	<p>A orquestra é apontada como fator de desenvolvimento instrumental.</p>	<p>"Quando estou a ler a pauta às vezes não sei como tocar na guitarra... assim, começo também a decorar melhor e a ter noção onde é cada coisa e como funciona... Apesar de serem peças simples, consigo desenvolver melhor... tenho notado bastante nas aulas individuais de instrumento" (A-02).</p> <p>"... Também dentro do instrumento dela que está aprender a tocar, e eu penso que evoluiu muito desde veio para o grupo de guitarras, toca mais em casa, nota-se perfeitamente, com mais gosto, claro que evoluiu com as suas aulas individuais é evidente, porque aprendizagem não parou, mas também com a dinâmica de grupo, em termos de tocar melhor, claro que eu acho, embora eu não perceba grande coisa de música, mas acho que está muito mais desenvolta..." (EE-02).</p> <p>"... É muito importante porque desenvolvo novas técnicas que na aula individual não tenho tempo para trabalhar" (A-03).</p> <p>"... O mais importante para a minha filha é este complemento à atividade letiva individual da guitarra..." (EE-03).</p> <p>"... Evoluiu muito mais, depois de estar integrada na classe de conjunto, na orquestra de guitarras... eu penso que tem a ver com o estímulo e motivação... o facto de estar a partilhar conhecimentos com outras pessoas que têm níveis diferentes..." (EE-03).</p> <p>"... A componente da orquestra, no fundo, o grupo, dá-lhe ali uma motivação muito grande para também agarrar o solo com outra garra..." (EE-03).</p> <p>"... Acho que o nível de exigência dela aumentou, o grau que ela exige a ela própria subiu nitidamente. Eu por acaso não tinha feito essa associação à</p>

			<p>orquestra, mas eventualmente é mesmo isso. Há ali sempre uma comparação, e eu acho que isso tem um efeito positivo...” (EE-03).</p> <p>“Eu senti que com esta classe de conjunto podia desenvolver mais o instrumento...” (A-04).</p> <p>“Posso desenvolver mais técnicas que o professor ensinou. Tocando mais, vou resolvendo alguns problemas técnicos que depois acabam por desaparecer” (A-04).</p> <p>“Aprende com o professor, com os meus colegas de naipe e com o grupo” (A-07).</p> <p>“... Ao início, não conseguia perceber muito bem as dinâmicas dos outros naipes, mas agora já consigo” (A-07).</p> <p>“... A nível individual, eu noto desde o início uma evolução do Afonso em todos os domínios, no domínio sócio afetivo, no psicomotor, uma evolução que foi sempre em crescendo, e por isso ele permanece e tem o desejo de continuar o estudo da guitarra...” (EE-07).</p> <p>“... A existência desta orquestra, permitiu-lhe não só crescer enquanto intérprete, e ter contacto com géneros musicais que o currículo tradicional se calhar não lhe permitia. Senti que cresceu sempre com a música, com o instrumento, mesmo em classe individual... a classe de conjunto é extremamente importante, mesmo aquela que ele ia tendo até agora, porém esta cumpre todas as aspirações do Afonso, que é o praticar o instrumento...” (EE-07).</p> <p>“... O trabalho em grupo complementa o individual. Eu acho que eles não se substituem, agora complementa-se e permitem que o aluno cresça e de facto, noutros domínios, o trabalho individual acaba por ser muito direcionado... aos programas que têm que cumprir... é sempre uma mais-valia e a possibilidade de eles darem asas à própria criatividade,</p>
--	--	--	---

			criando situações que não são possíveis no contexto de sala tradicional do instrumento..." (EE-07).
	Novas aprendizagens	A orquestra é referida como fonte de novas aprendizagens/ técnicas.	<p>"Gostei quando o nosso grupo foi criado; foi uma maneira de nos conhecermos melhor uns aos outros... para falarmos uns com os outros e para nos conhecermos melhor ou para partilhar experiências" (A-01).</p> <p>"...A partir do primeiro concerto que comecei a gostar mais, porque comecei a ver que fazíamos mais concertos, comecei a interagir com os meus colegas e então comecei a gostar mais" (A-02).</p> <p>"... Acho bastante importante aquela aula individual... o fato de estar num grupo, também eu acho que é muito importante, o habituar-se de estar com outras pessoas, fazer parte, o resultado do trabalho de todos ser o espetáculo, a música, o bonito, que é só feito com interajuda, isso ela não estava habituada. É importante na música e em qualquer altura da vida, e foi-se habituando a fazer parte de um todo, ser uma pequena parte de um todo e só juntos é que realmente conseguem fazer uma coisa bonita que é a música. Entreajuda entre eles, desiníbuis mais, estão mais sociáveis, noto perfeitamente, e na Francisca... muito mais sociável, mais aberta, noto isso. Mesmo em casa noto mais faladora, não sei bem se é pelas aulas da orquestra, não sei bem se é pelo conservatório, também se é da própria idade em que está, mas noto que evoluiu, será das aulas também de grupo de guitarra? Eu acho que é tudo, é a idade que avança, é o convívio com os colegas, será realmente de toda esta dinâmica de grupo que não estava habituada, foi de tudo isso, mas noto-a muito mais à vontade e mais sociável, mesmo em casa com a família, acho-a mais aberta" (EE-02).</p> <p>"Ao início fiquei mesmo muito feliz... poder estar num grupo que se pode estar mais descontraída, tocar, fazer uma coisa que gosto ainda estar com pessoas que</p>

			<p>me dou...porque me ajuda a descontrair e a criar relações com pessoas, que talvez noutra altura não lhes pedia um favor, e hoje em dia se precisar já falo com eles” (A-03).</p> <p>“... Vou criando laços, vou obtendo mais confiança com o meu professor e com os meus colegas” (A-03).</p> <p>“...É uma pessoa claramente de grupo, de dinâmica sociável e isso estimula-a não só intelectualmente, mas também em termos técnicos, e eu sinto que ela anda muito motivada desde que começou esta atividade da orquestra de guitarras...” (EE-03)</p> <p>“... Esta dinâmica de grupo... permite haver um relacionamento, criar laços com outras pessoas, criar um espírito de grupo muito grande e ajudam-se porque se há um que se engana o outro está ali para corrigir, e dão apoio...” (EE-03)</p> <p>“... Uma menina estava muito nervosa e a nossa filha disse: “fica tranquila porque se tu te enganares nós estamos cá para te apoiar”. É muito importante este espírito e ela própria já tem esse espírito de entreajuda, mas que ainda vem motivar mais. Para a nossa filha, traz-lhe uma realização pessoal muito grande...” (EE-03)</p> <p>“... Fazer amizades com outros colegas, não estar sempre só a tocar sozinho e sem ninguém acompanhar. Para mim, também a música em grupo é mais interessante do que sozinho” (A-04).</p> <p>“Aprendo com os meus colegas e com o professor...” (A-04).</p> <p>“Relacionar-me com os colegas...” (A-04).</p> <p>“Relaciono-me dentro e fora do conservatório... nos corredores falamos e brincamos” (A-04).</p>
--	--	--	--

			<p>“... Nós às vezes brincamos e falamos sobre coisas interessantes...” (A-04).</p> <p>“Ele tem vindo a melhorar muito, não sei se é só da guitarra, se está mais familiarizado com os colegas da escola... tenho ideia que a música, pelos estudos que eu leio ajuda muito no dia-a-dia das crianças” (EE-04).</p> <p>“... Têm uma boa relação entre eles, acolheram bem, para além de ele ter sido o último a integrar na orquestra. Quando o venho buscar ou o venho trazer, sinto que se sente bem: Por exemplo, outro dia estava a chegar com ele, e uma colega do grupo esperou por ele para virem os dois juntos para a orquestra. Acho que ajuda muito e desenvolve mais a nível social” (EE-04).</p> <p>“Eu quando iniciei a música de conjunto tinha poucas relações com os colegas, com o <i>ensemble</i> de guitarras foi melhorando as minhas relações...” (A-05).</p> <p>“Tenho relações de amizade mais dentro do conservatório porque lá fora não andamos na mesma escola” (A-05).</p> <p>“... É muito importante, mesmo para o futuro, porque a Paula é uma menina muito tímida, ela estando na orquestra acho que vai abrir novos os horizontes e perder um pouco essa timidez” (EE-06).</p> <p>“... está a lidar com outro tipo de meninos que ela não está habituada, que ela não lida na escola e isso vai enriquecê-la... a presença de vários meninos, de diferentes idades, acho que vai ajudá-la a ser um bocadinho menos inibida” (EE-06).</p> <p>“Aprendo a tocar em conjunto, a conviver e a ouvir os outros” (A-07).</p> <p>“... Sou amigo deles, falo com eles fora da aula também e tenho confiança” (A-07).</p> <p>“... A nível sócio-afetivo. Ele evolui sempre, sempre que pode trocar experiências com os colegas sente-se</p>
--	--	--	---

			<p>muito mais motivado... porque o repertório muda e entretanto o colega até já está mais à frente, até já consegue fazer o travessão (barra) com mais facilidade. Isto para ele constitui uma motivação, é sempre mais para ele superar e portanto isto é ótimo...” (EE-07)</p> <p>“... O Afonso está a entrar... na puberdade que é de alguma forma complicada, e estes contextos de interação com os amigos, com os pares, com miúdos da mesma idade, fazem-no crescer, fazem senti-lo muito mais confiante. Portanto, complementa-se a classe de conjunto com a classe individual. Acho que está a crescer, mas acho de uma forma saudável. Sinto-o mais extrovertido, com mais à vontade” (EE-07).</p>
	<p>Organização pessoal</p>	<p>A dinâmica na orquestra é apontada como possível responsável na melhoria organizativa dos alunos em diferentes disciplinas.</p>	<p>“Em relação a esse aspeto (escola) acho que melhorou: noto que começou a organizar-se mais no tempo, a distribuir um bocadinho de tempo para cada coisa e a ser mais organizada... sem ser necessário ter a nossa intervenção. Ela gere muito mais a atividade dela...” (EE-01).</p> <p>“... Na escola notei-a diferente, a própria Francisca foi ela mesmo que referiu isso, que achava que estudava mais atenta, mais concentrada, que não se dispersava tanto, ela própria referiu isso: “oh mãe eu já consigo estudar mais sossegada, não me levanto tantas vezes, não me distraio tantas vezes, e eu acho que é exatamente pela música, pelo que tenho feito na música, eu tenho de estudar e estar concentrada se não, não faço nada, não toco bem, tenho de estar concentrada, habituei-me a estar concentrada e no próprio estudo em casa estou muito mais atenta”, e até disse: “Tenho e estudar menos, não preciso de estudar tanto” (EE-02).</p> <p>“... O facto de ter entrado para a guitarra, em termos intelectuais, nota-se em termos de concentração que ela melhorou porque ela, muitas das vezes aplica a música ao estudo. As pausas que</p>

			<p>ela faz no estudo é com a música” (EE-03).</p> <p>“... Ainda não tem maturidade para isso, mas não tenho dúvidas que vais ser importante no futuro, porque, indiretamente, ela trabalha essa componente. Isso reflete-se na parte académica porque ela na escola é uma líder nata...” (EE-03).</p> <p>“Mesmo a nível de escola o Rui tem vindo a melhorar, mesmo por influência daqui, porque ele sempre foi envergonhado e muito reservado e agora está mais solto, mais liberto, e é bom nestas idades ou seja, onde eles estão a desenvolver a forma de estar, ainda é bastante moldável e bastante trabalhável...” (EE-05).</p> <p>“Ela vai para a universidade. Estando numa orquestra e em contacto com a música, pode entrar no mundo académico de uma forma muito diferente, integrar-se muito melhor. Acho que é muito benéfico...” (EE-06)</p> <p>“... O facto de o aluno se apresentar perante um público, no contexto das audições assistidas, penso que é sempre muito favorável... para o aluno é muito importante, não só porque se habitua a estar num contexto muito exigente em palco, e nem consegue estar preparado se não tiver formação no domínio das artes em geral, performativas e musicais... dá-lhe um à vontade que eu vou notando no Afonso, uma facilidade de interagir com os outros, com o público, até mesmo em termos de retórica quando está com os colegas no contexto de sala de aula, daí a transversalidade disto tudo... na apresentação de um trabalho numa disciplina do currículo tradicional, ele sente-se com muito mais à vontade, desinibe-se. Isto liberta, dá-lhe um... à vontade para falar, para estar em público, e para estar sem ansiedades e medos porque vão ganhando estas competências. Vão ganhando preparação e portanto vão crescendo...” (EE-07).</p>
--	--	--	---

		<p>A orquestra é vista como um fator de desenvolvimento do sentido de responsabilidade</p>	<p>“A posição dos dedos. O professor não começa enquanto eu não estiver com a posição correta” (A-03).</p> <p>“... Eu noto nas peças que têm tocado na orquestra, que a minha filha já tem um papel mais importante que tinha no início, e ela também se sente valorizada e mais importante, no sentido de se sentir mais capaz, mais dentro da orquestra e também por isso é muito positivo...” (EE-03).</p> <p>“Uns colegas tocam um naipe os outros tocam outro. Eu respeito os outros para que me respeitem também” (A-04).</p> <p>“É preciso ter relação, ser possível haver um diálogo entre o grupo, coordenação, saber quando é que temos de entrar e ficar atento às indicações do professor para depois não errar e perturbar os outros colegas...” (A-04).</p> <p>“... A minha voz tem importância perante a música porque pode dar alguns aspetos mais importantes e os outros também... tocar em grupo, tenho que estar atenta aos outros naipes porque senão depois não encaixa bem...” (A-06).</p>
--	--	--	---

Anexo 6 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas musicais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
Dinâmicas Musicais	Questões técnicas e manipulativas	O <i>ensemble</i> é valorizado por desenvolver a concentração, a escuta atenta e a coordenação coletiva.	<p>“... A pulsação é importante, porque se não houvesse cuidado com a pulsação tocaríamos todos cada um para seu lado” (A-02).</p> <p>“... A pulsação é importante, porque se cada um estiver a tocar ao ritmo que lhe apetece, sai uma coisa qualquer; tem de estar tudo ao mesmo ritmo, ao mesmo batimento, à mesma pulsação... a pulsação é muito importante porque uma música é feita de pulsações, ritmos e de sons” (A-03).</p> <p>“Aprendi melhor como entrar, porque quando estou sozinha entro quando eu quero. Quando estou com os outros, tenho de prestar atenção ou que os outros fazem para poder saber” (A-02).</p> <p>“Presto mais atenção ao que se passa à minha volta, tenho de ouvir os outros para saber quando é que é a minha vez... sozinha eu faço à velocidade que eu quiser, de acordo com a peça que estou a tocar, porque não tenho ninguém a tocar comigo” (A-02).</p> <p>“... se me perder sempre posso ver o que os outros estão a fazer e tento imitar” (A-03).</p> <p>“Acho que é preciso ter organização, tocar em naipes diferentes... ouvir os colegas... todos devem sentir a mesma pulsação para que possam estar organizados em relação aos colegas” (A-04).</p> <p>“... Acabamos por desenvolver uma capacidade de concentração para o momento... desenvolvemos várias capacidades de concentração e de parceria, pois temos de estar a ouvir os outros e não só a nossa voz...” (A-03)</p> <p>“Aprendo na relação com os colegas, saber ouvi-los quando estamos a tocar” (A-05).</p>

			<p>“... Precisamos de estar todos concentrados, que é para funcionar bem. Ouvirmo-nos uns aos outros” (A-06).</p> <p>“Tenho aprendido a tocar em conjunto, não ouvir-me só a mim, ter atenção aos outros, ouvir os outros. Tenho de me concentrar mais nos outros naipes para conseguirmos encaixar na música” (A-07).</p> <p>“Ter ritmo, ter atenção aos outros, ter coordenação e ouvir a música. A pulsação é importante para tocarmos todos juntos, sem erros e com o mesmo ritmo” (A-07).</p>
	<p>Questões expressivas</p>	<p>São valorizadas as dinâmicas expressivas produzidas em grupo.</p>	<p>“Com os meus colegas, oiço todas as vozes e depois tento encaixar a minha, sobretudo com os meus colegas de naipe, porque quando eu me perco é alguém que me sustenta” (A-03).</p> <p>“... Ao tocarmos os diferentes naipes, a música torna-se mais desenvolvida do que... um só naipe... as pessoas gostam. Tenho de ouvir os colegas para saber se é forte ou piano. É preciso estar atento ao grupo” (A-04).</p> <p>“Sinto-me especial ao tocar estas músicas. Há algumas que eu gosto mais, têm dinâmicas, são mais divertidas do que outras. Gosto mais do “Canon” porque fazemos várias dinâmicas, fazemos “tambora”, ritmo e a peça é divertida” (A-07).</p> <p>“Saber ouvir os outros, ter perceção daquilo que estamos a tocar. A pulsação é importante porque sem a pulsação não haveria harmonia... é importante para uma música de conjunto bem tocada” (A-05).</p> <p>“... Sentir todos a mesma pulsação, tocarmos todos em conjunto e sentirmos uma espécie de uma harmonia que possa fazer a música mais bonita...” (A-06).</p>

	<p>Questões estruturais</p>	<p>A música em conjunto é valorizada pelo desenvolvimento da percepção das diferentes vozes e do seu equilíbrio global.</p>	<p>“O facto de estar na orquestra, ajudou-me a perceber que quando tocamos em grupo não nos podemos concentrar tanto em nós próprios, e não nos ouvir só a nós próprios; é preciso também ouvir as outras vozes para nos ajudar” (A-01).</p> <p>“... quando é preciso fazer um crescendo ou diminuendo é necessário ouvir as outras vozes e perceber o contexto da obra” (A-01).</p> <p>“... Como não tinha bem a noção o que era tocar em conjunto, não sabia bem como é que havia de fazer, mas agora, com o tempo, acho que já está tudo a ficar melhor, estamos todos a perceber como é que funciona... por exemplo quando uma voz tem de tocar mais alta e a outra tem de tocar mais baixa um pouco para a outra sobressair mais” (A-02).</p> <p>“... Fica muito bonito. Eu ao início ouvia a minha guitarra, dificilmente ouvia as outras, e agora tenho de ouvir a minha e a dos outros para saber se eu estou a fazer bem a minha voz, porque posso estar a fazer uma dinâmica completamente errada. Ao ouvir os outros naipes e ver que não combinam uma com a outra, tento melhorar e aproximar...” (A-03).</p> <p>“Nas aulas de conjunto... cada naipe tem uma parte simples e todas juntas é que fazem a peça inteira ficar bonita e harmoniosa... a minha parte sozinha não mete piada, não fica tão bonito como se tocássemos todos juntos” (A-02).</p>
	<p>Questões de valor</p>	<p>O <i>ensemble</i> de guitarras favorece e torna visível a satisfação e adesão pessoal dos elementos.</p>	<p>“Às vezes não é preciso que nos digam; basta só olhar para eles e vê-se o ar de satisfação; estás encantada, correu bem, e para uma miúda como ela, porque ela é assim um pouco fechada, isto diz tudo” (EE-01).</p> <p>“... Não quer que nós saibamos quais vão ser as peças que ela vai tocar, que era para ser surpresa, portanto ela</p>

			<p>entusiasma-se e gosta, gosta muito..." (EE-03).</p> <p>"... Claro que gosta muito mais da orquestra porque é mais alegre, mais ritmado, e mesmo para nós, em termos visuais e auditivos, o resultado final da orquestra é mais espetacular... orquestra tem sempre mais impacto para quem está a assistir e mesmo para quem está atuar, portanto deve ser interessante..." (EE-03).</p> <p>"... Sinto que vai ser um momento de prazer porque muitas pessoas podem ouvir-me..." (A-04).</p> <p>"... Ele é um pouco fechado, mas quando perguntamos, ele dá sempre respostas positivas e que está muito bem integrado.</p> <p>Passou a falar mais do instrumento: "Sou a guitarra 3, tenho esta música, tenho aquela". Ele está sempre pronto a concertos novos e, podendo, não falha um" (EE-04).</p> <p>"... O Afonso vem com uma alegria... a classe de conjunto de guitarras está fora do horário letivo estabelecido inicialmente, e o Afonso vem com uma alegria e uma vontade fantástica de vir aprender... não têm faltas os meninos, os meninos veem porque gostam e de facto nós notamos que eles crescem..." (EE-07).</p> <p>"... Na classe de conjunto, acaba por ser um ambiente mais informal. Acho que eles se divertem muito, e nós público, nós pais, divertimo-nos muito mais porque libertamo-nos daquele contexto da avaliação..." (EE-07).</p>
		<p>O <i>ensemble</i> de guitarras promove a valorização de géneros musicais variados.</p>	<p>"Eu gosto de todo o tipo de música... também aprender músicas que já não são para a minha idade... diferentes épocas, também aprendo a ouvir tudo e não só aquilo que é a minha base. Nós tocamos essencialmente música... quando vim para o conservatório eu estava toda triste e disse: Oh mãe, mas</p>

			<p>eu tenho de tocar música clássica? Não pode ser outra coisa? Acabo por estar a desenvolver um gosto diferente do que as pessoas da minha idade não têm, porque normalmente na minha idade são mais virados para o Pop, outros para Heavy Metal, Rock... raramente para a música clássica... em casa não estão habituados a ouvir... na rádio nunca vi passar uma música clássica na minha vida. Nós tocamos “L’hereu Riera, Ell ball, Keppels’s Deligth”, e temos o “Canon” que é uma mistura das duas, o Rock e do clássico, são dois estilos completamente diferentes, mas juntos cada um à sua maneira é muito bonito... na música de conjunto consigo trabalhar vários géneros de música e não ser o que trabalho na minha aula individual” (A-03).</p> <p>“... Nas aulas individuais, a música é mais clássica e eu acho que ela gosta muito mais do ritmo da orquestra...” (EE-03).</p> <p>“... Eu gosto mais de tocar o “Canon” por exemplo, primeiro a parte clássica que é calma, mas depois vem a parte do rock que me motiva muito...” (A-04).</p> <p>“... Às vezes penso nas músicas que estou a dar que são diferentes daquelas que eu estou a dar individualmente...” (A-04)</p> <p>“... É bom tocarem outro tipo de coisas, músicas diferentes e torna-se sempre interessante” (EE-05).</p> <p>“... O rock dá um toque diferente à música. Acho que o programa é bom. É fácil, mas também requer muita atenção que é para depois sair bem” (A-06).</p> <p>“... Na classe de conjunto, trabalho outros tipos de música...” (A-07).</p>
--	--	--	---

Anexo 7 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas sociais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
Dinâmicas Sociais	Relação entre pares	A dinâmica de música de conjunto tem incentivado os laços de amizade entre pares	<p>“Para além da entreajuda, também se cria uma relação de amizade; por exemplo, antes do <i>Ensemble</i> ser criado, nós víamo-nos nas audições e éramos capazes de passar uns pelos outros na rua e nem sequer dizíamos nada, e agora quando nos encontramos paramos um pouco e falamos” (A-01).</p> <p>“... O pouco que falava acerca destas questões da música ela referia-se mais ao que vivia nas aulas individuais. Com a orquestra foi diferente, já fala em relação aos colegas. A nível social, envolveu-se mais, tem outra abertura...” (EE-01).</p> <p>“É importante, porque mantemos relações melhores uns com os outros... quando vamos para o coro nós somos muitos, mas não obtemos muitas relações, porque um dia estamos com uns outro dia estamos com outros, e na guitarra, como estamos todas as aulas separados uns dos outros, acabamos por não nos conhecer... Quando entrei no conjunto eu conhecia de vista ou sabia que eles andavam em guitarra pelas aulas de formação musical, mas não tinha interação com eles antes, agora sim, damo-nos todos muito bem, e mesmo nas aulas de coro se precisarmos de alguma coisa vamos perguntar uns aos outros” (A-02).</p> <p>“... a trabalhar juntos não se pode acusar o colega, estamos a produzir trabalho para a mesma coisa, acho incorreto acusar o colega porque às vezes pode ser ao contrário, acaba por ser desconfortável e criar um momento de tensão entre os dois, ou entre o grupo... normalmente os mais velhos não se dão muito bem com os mais novos... acabo também por me relacionar mais com eles, que é uma coisa que eu gosto, porque se calhar noutra altura qualquer, eu não me dava assim tão bem com eles e sei que se agora precisar eu peço ajuda e eles também me podem pedir a mim... agora se os vir paro, cumprimento, e tenho uma boa relação com os meus colegas” (A-03).</p> <p>“Acho que em vez de estarmos só juntos na orquestra... devíamos também estar fora... os concertos é uma ótima oportunidade para estarmos juntos,</p>

		<p>porque aos fins de semana acabamos por estar ali... a cooperar para a mesma coisa, acabamos por estar bem uns com os outros. Por exemplo, na “Caixa Geral de Depósitos” estivemos todos lá dentro no nosso grupo, e é muito bom porque criamos laços efetivos uns com os outros... na formação musical ou o coro, são aulas que não temos relações uns com os outros... acabamos por não nos inter-relacionar” (A-03).</p> <p>“... É uma pessoa que expõe bem as pessoas à volta dela, e ela também usufrui muito disso e tira muito gozo da relação com as outras pessoas. Ou seja, para ela, se pudesse ser só orquestra, era perfeito, no sentido que tirava daí mais gosto...” (EE-03).</p> <p>“Nas aulas individuais não há a ligação com os colegas... o tempo que antes dos concertos em que eles se juntam para a preparação, esse convívio entre eles acaba por ser muito importante... vê-se uma amizade entre eles, é um grupo pequenino em que gostam de estar uns com os outros...” (EE-05).</p> <p>“Senti que tinha mais união e mais colegas, e que podia partilhar alegria de tocar em conjunto e sentia-me mais confortável. Nas primeiras aulas sentia-me um bocadinho tímida porque só os conhecia de vista... mas depois fui-me habituando e senti-me muito melhor” (A-06).</p> <p>“Sinto-me mais confortável a tocar, sinto-me acompanhada com amigos, e que assim com estas amizades posso ter muitas portas para o futuro” (A-06).</p> <p>“... Somos todos amigos, às vezes rimos durante a aula, falamos sobre o nosso dia, há histórias divertidas que acontecem e nós partilhamos” (A-07).</p>	<p>por que aos fins de semana acabamos por estar ali... a cooperar para a mesma coisa, acabamos por estar bem uns com os outros. Por exemplo, na “Caixa Geral de Depósitos” estivemos todos lá dentro no nosso grupo, e é muito bom porque criamos laços efetivos uns com os outros... na formação musical ou o coro, são aulas que não temos relações uns com os outros... acabamos por não nos inter-relacionar” (A-03).</p> <p>“... É uma pessoa que expõe bem as pessoas à volta dela, e ela também usufrui muito disso e tira muito gozo da relação com as outras pessoas. Ou seja, para ela, se pudesse ser só orquestra, era perfeito, no sentido que tirava daí mais gosto...” (EE-03).</p> <p>“Nas aulas individuais não há a ligação com os colegas... o tempo que antes dos concertos em que eles se juntam para a preparação, esse convívio entre eles acaba por ser muito importante... vê-se uma amizade entre eles, é um grupo pequenino em que gostam de estar uns com os outros...” (EE-05).</p> <p>“Senti que tinha mais união e mais colegas, e que podia partilhar alegria de tocar em conjunto e sentia-me mais confortável. Nas primeiras aulas sentia-me um bocadinho tímida porque só os conhecia de vista... mas depois fui-me habituando e senti-me muito melhor” (A-06).</p> <p>“Sinto-me mais confortável a tocar, sinto-me acompanhada com amigos, e que assim com estas amizades posso ter muitas portas para o futuro” (A-06).</p> <p>“... Somos todos amigos, às vezes rimos durante a aula, falamos sobre o nosso dia, há histórias divertidas que acontecem e nós partilhamos” (A-07).</p>
		<p>A música de conjunto favorece a entreaajuda entre pares</p>	<p>“É preciso comunicação entre o naipe e saber ajudar, porque se tivermos uma colega de naipe que nos goza quando nós não sabemos fazer alguma coisa, está-nos a intimidar de certa forma, e nós vamos ter vergonha de tocar, porque sabemos que podemos ser gozados ou que não vamos ser tão aceites, então é preciso conseguir ajudar os outros no naipe e ter paciência uns para os outros e estar sempre prontos para ajudar.” (A-02)</p>

			<p>“A relação é boa porque nós adaptámo-nos muito bem uns aos outros, e aos estilos de vida uns dos outros... estamos sempre prontos para nos ajudar uns aos outros. Se não estivermos juntos, podemos falar no facebook ou por mensagem, não só no grupo mas como fora dele... quando não sabemos uma matéria pedimos a página e eles enviam por facebook e estamos sempre prontos para nos ajudar uns aos outros.” (A-02)</p> <p>“... Se um tem mais dificuldades numa parte da peça tem sempre alguém para ajudar e não só o professor, ajudar em insistir só naquela parte, e se um se enganar tem sempre o outro ajudar. Isso aconteceu com o Afonso... ele tocava numa parte que ele sabia, eu noutra, e havia um trabalho cooperado e sempre ajuda a desenvolver o lado bom da música, porque se não soubesse-mo... não tocávamos uma parte que era essencial à música.” (A-03)</p>
	<p>Aprendizagem entre pares</p>	<p>A música de conjunto promove o ensino-aprendizagem entre pares.</p>	<p>“... se nós estudamos e um colega tem uma parte que tem mais dificuldade, desta forma, podemos ajudar ou dar-lhe dicas como fazer e isso motiva-me” (A-01).</p> <p>“Aprendemos um bocado com todos, por exemplo, outra pessoa de outra guitarra está a tocar uma parte e às vezes até podemos perguntar quando é que os outros começam... a colega que é a que está mais avançada, se tivermos dúvidas em alguma parte, podemos perguntar a ela, que ela sabe nos explicar, mesmo</p>

			<p>quando não estamos com o professor, ou então, podemos explicar aos outros” (A-02).</p> <p>“É motivador, porque nós podemos partilhar as nossas experiências uns com os outros... o outro está mais avançado do que nós, então nós também queremos tocar aquilo que ele toca, porque gostamos, ou então também motivamos os outros para se despacharem a tocar as peças quando estão muito atrasados. Quando estão a tocar uma peça nova que nós já tínhamos tocado, ensinamos como se toca a parte que não sabem” (A-02).</p> <p>“Nós como pais, só lhes faz bem conviver com outras pessoas e outras realidades, e aprendem uns com os outros, como em qualquer área, se estão com pessoas diferentes e têm aprendizagens diferentes, claro que só podem aprender” (EE-02).</p> <p>“... Pormenores técnicos que de certeza que em conjunto será mais fácil de trabalhar do que individualmente...” (EE-03).</p> <p>“... Posso não saber fazer algumas notas, e ao ouvir os colegas a tocarem acabo por aprender” (A-04).</p> <p>“... É produtivo porque às vezes posso ter uma dúvida que não consiga resolver e quando estou na orquestra, podem-me ensinar mais sobre essa dúvida e depois já saber...” (A-04).</p> <p>“... Existe também interajuda, por exemplo, quando há uma parte que eu sei e ele não, eu posso explicar-lhe a dúvida...” (A-04).</p> <p>“É preciso uma boa relação, amizade, ajudar os colegas que têm mais dúvidas, se nós já soubermos aquele compasso...” (A-04).</p>
--	--	--	---

			<p>“Um bocadinho com todos os colegas e com o professor” (A-05).</p> <p>“... Terem uma boa relação em termos de naipe, ajudam-se uns aos outros. Como estamos a tocar o mesmo, se não houver uma boa relação não há interajuda. Todo este trabalho é para um bom desempenho do naipe e do grupo” (A-05).</p> <p>“... Quando estou a trabalhar individual não me sinto tão confortável, em grupo sinto que tenho a companhia dos meus outros colegas e eles ajudam-me nas dificuldades que tiver” (A-06).</p> <p>“A importância dos diferentes naipes é que nós temos que nos ajudar sempre uns aos outros, para depois esse naipe funcionar. Depois os naipes todos juntos fazem a música melhor...” (A-06).</p> <p>“... Se eu sentir alguma dificuldade em tocar ou resolver um compasso... os meus colegas de naipe ajudam-me...” (A-06).</p> <p>“... Dar mais vida à música... todos os naipes são importantes e a minha voz é importante para ajudar os outros naipes...” (A-07).</p> <p>“Seremos todos amigos, darmos-nos bem uns com os outros, ajudarmos-nos uns aos outros. Sinto-me bem quando as outras pessoas me ajudam quando eu tenho dúvidas” (A-07).</p> <p>“... É o crescimento a nível musical, e eles têm consciência e sabem, “o menino tal que já está no 5º grau, meu Deus mamã o que ele toca”. E depois acaba por ser visível para o público em geral. Mas é este crescimento, este contacto e às vezes a própria troca entre os participantes que têm metodologias diferentes e outros hábitos, outras formas de trabalhar, tudo isto é enriquecedor. É partilha, é trabalho de grupo, é trabalho de equipa... É muito</p>
--	--	--	---

			exigente também do ponto de vista organizacional... acaba por ser o espírito que está por trás dos workshops, das masterclasses... Sobretudo chamar alguém, porque é preciso que nós tenhamos conhecimento daquilo que faz o outro em Aveiro, do que faz o outro em Amesterdão e é assim que crescemos em todos os níveis..." (EE-07).
		A música de conjunto promove uma competição saudável entre pares.	<p>"Também acaba por existir uma certa competitividade entre colegas e que acaba por ser motivador" (A-01).</p> <p>"Quando o professor dá uma peça nova, eu com o meu colega de naipe estamos logo de início a ver como é a nossa parte, para quando chegar a nossa vez... já sabermos mais ou menos o que temos para fazer, para assim o nosso naipe se destacar em relação aos outros" (A-02).</p> <p>"... Na classe de conjunto olham para os colegas, aprendem com os colegas, para além de aprender também com o professor, e o puxar por ele também para fazer melhor... incentiva-o mais a fazer melhor" (EE-04).</p> <p>"... Tenho mais vontade de ler as pautas porque tenho mais vontade de apanhar o nível dos meus colegas, eles são mais velhos, por isso, tenho mais vontade, até mesmo para estudar em casa, sinto-me mais entusiasmada porque sei que quanto mais estudar, mais possibilidade tenho de estar ao nível dos meus outros colegas" (A-06).</p> <p>"... Isto tudo implica alguma competição que, se for saudável, é muito favorável e muito benéfica..." (EE-07).</p>
	Relações de grande grupo	O trabalho em grupo é valorizado na autoconfiança e no espírito coletivo	"Acho que ao tocar com o <i>Ensemble</i> sinto-me mais segura e mais confortável do que estar a tocar sozinha, porque no <i>Ensemble</i> suportamo-nos uns aos outros, e acho que é mais fácil de tocarmos a nossa parte quando temos alguém a suportar a parte que estamos a fazer" (A-01).

			<p>“Acho que talvez ajude mais para a sua segurança. Acho que o grupo ajuda que ela sobressaia um bocadinho mais, dá-lhe mais confiança e satisfação, e isso nota-se. Quando toca com a orquestra e as coisas correm bem, nota-se que ela fica satisfeita” (EE-01).</p> <p>“É importante para os elementos do grupo, cria-lhes o à vontade para interagir, uma confiança quer entre ele, e também perante o público. É cada vez mais importante saber estar em público e transmitir uma mensagem...por exemplo, no concerto do “Hospital”, comparativamente com o do “Café Concerto”, notou-se muito mais abertura, mais à vontade, tentando interagir mais com o público e mais confiantes...” (EE-05).</p>
		<p>O grupo é valorizado pela ocultação dos erros individuais</p>	<p>“... No <i>ensemble</i> os pequenos erros passam um pouco despercebidos e não são tão destacados” (A-01).</p> <p>“Sozinho...se nos enganamos ou se nos dá alguma branca por causa dos nervos nota-se logo. Na classe de conjunto sabemos se nos enganarmos... temos alguém que continua a nossa parte e nós depois também retomamos... sabendo que tenho alguém que me ajuda e que me apoia nesses momentos é muito bom” (A-03)</p> <p>“... Quando estou com grupo... estou muito mais descontraída porque sei se me enganar tenho ali um suporte, e que posso parar e continuar e a música não fica mal” (A-03).</p> <p>“Quando toco em grupo, às vezes posso me enganar, mas depois há colegas que podem remediar... sozinho, isso já é um problema mais grave” (A-04).</p> <p>“... Se me enganar, sei que tenho outros colegas da minha voz para me substituir (ajudar), passar à frente e depois tento acompanhar...” (A-06).</p>

			<p>“Ao tocar sozinho eu posso-me enganar, mas pode-se dar conta que eu fiz um erro, quando estou a tocar em grupo, tenho os outros colegas do meu naipe que se me enganar eles também estão a fazer a minha voz e por isso já não se nota tanto. Eles ajudam-me” (A-06).</p> <p>“Ao tocar sozinho, fico mais nervoso porque, se me enganar, as pessoas dão conta... mas se tocar em conjunto, se me enganar, consigo ouvir o meu naipe, consigo continuar a tocar e as pessoas não dão conta...” (A-07).</p> <p>“... Ao tocar em grupo, tenho os colegas do meu naipe ao lado e se eu me enganar consigo continuar a música. A nível individual, quando me engano, toda a gente dá conta, como só sou eu, tenho de continuar sem que as pessoas se apercebam e fico mais nervoso” (A-07).</p>
	Aprendizagens em grupo	A observação dos outros promove as aprendizagens de si próprio.	<p>“Aprendo com o grupo todo. Aplicamos nas nossas dúvidas e dificuldades estratégias que vemos os outros fazerem e que podem ser aplicadas em nós” (A-01).</p> <p>“A posição, porque estou sempre toda torta, comparo-me com os meus colegas... eu tenho de ter uma posição mais correta... vejo os meus colegas e acabo por me corrigir” (A-03).</p> <p>“... Ao ver <i>ensemble</i> de Guitarras e o desenvolvimento dos outros alunos, quero seguir o exemplo deles, tocar sempre em casa e ser um bom aluno” (A-04).</p>
	Espírito de grupo	É referido o espírito de equipa, entreajuda e o contributo de cada um para o sucesso do grupo.	<p>“... acho que não se trata só do meu trabalho ou só do trabalho daquela pessoa; é um trabalho de todos” (A-01).</p> <p>“Ela fala que alguns precisam de trabalhar um bocadinho mais. Ela diz que faz os trabalhos de casa, mas há colegas que precisam de trabalhar um bocadinho mais” (EE-01).</p>

			<p>“Quando eu toco em conjunto, o objetivo é fazer o melhor para o grupo todo tocar em conjunto, por exemplo para com o meu colega de naípe tocarmos os dois igual para soar melhor a nossa parte, e para depois, soar melhor em conjunto” (A-02).</p> <p>“É preciso ter paciência... ninguém toca pior do que ninguém, apesar de não sermos muitos e como estamos a interagir com pessoas diferente que têm feitios diferentes, personalidades diferentes, é preciso... aceitar os outros como eles são e aceitar os ritmos que cada um trabalha” (A-02).</p> <p>“É sempre uma experiência agradável, e temos... imensos acontecimentos diferentes, imensas histórias... que os outros partilharam connosco, e conselhos que nos puderam dar a nós e é sempre bom” (A-02).</p> <p>“...Na orquestra, não é cada um por si, somos um grupo... a música não se faz só com um, faz-se com 1, 2, 3, com 4, é ali a dinâmica de grupo... aprendemos a ouvir os outros... acaba também por nos ajudar no dia-a-dia... saber admitir quando alguma nota saiu mal ou alguma coisa correu mal” (A-03).</p> <p>“Acho que cada um tem de estudar a sua parte... importante ouvirmos as gravações... dos concertos anteriores... e depois comparamos ao que soa agora, e vemos se estamos a melhorar, a piorar, se está igual, o que podemos fazer para melhorar... É importante... saber a parte dos outros, porque se caso alguém falte... haver alguém que sustente essa voz” (A-03).</p> <p>“... Nós temos de nos entender todos bem para a música funcionar. Termos novos colegas, relacionarmo-nos melhor e até a música depois fica mais bonita. É importante para o grupo estar mais unido e tocarmos ainda melhor...” (A-</p>
--	--	--	--

			<p>06).</p> <p>“No “Canon” eu sinto que quando estou a fazer a “tambora”, a minha colega sente vontade de me ajudar, e ficamos mais unidas...” (A-06).</p> <p>“...Temos uma amizade muito unida e é importante entendermo-nos bem para depois o naipe funcionar...” (A-06).</p> <p>“É preciso sermos todos como se fossemos só um, que nos ajudemos e que sejamos todos amigos...” (A-07).</p> <p>“... É preciso uma boa relação com todos os elementos do grupo. Porque se nós não nos dessemos bem uns com os outros, provavelmente um tocaria de uma forma e haveria problemas uns com os outros” (A-02).</p> <p>“Gostarmos daquilo que estamos a fazer, trabalharmos para isso, e se gostarmos do que estamos a fazer acabamos por fazer melhor” (A-01).</p>
	<p>Identidade de grupo (imagem)</p>	<p>O <i>ensemble</i> de guitarras é valorizado pelo seu carácter único na região.</p>	<p>“No conservatório não há <i>ensembles</i> pequenos...” (A-03).</p> <p>“O facto de não haver outra orquestra de guitarras aqui no conservatório é muito bom porque acabamos por mostrar coisas às pessoas que não estão habituadas e é muito bom a apresentar o que temos para o público, porque há músicas ali que toda a gente gosta, que fica lindo...” (A-03).</p> <p>“... Posso estar relaxado ao saber que muitas pessoas gostam de ouvir o <i>ensemble</i> de guitarras” (A-04).</p> <p>“... No caso do <i>Ensemble</i> de Guitarras, que não existia, que é uma situação de alguma forma inovadora e que só pode trazer benefícios à comunidade de Vila Real e eu espero que traga à região” (EE-07).</p>

		<p>É valorizado o sentimento de pertença a um grupo.</p>	<p>“Eu gosto de fazer parte do <i>Ensemble</i> de guitarras. Eu quando andava no 1º e 2º grau... eu achava que devia ser interessante fazer parte de um grupo; agora estou a ter essa oportunidade e gosto bastante” (A-01).</p> <p>“... Às vezes temos um dia mau e ir para ali ajuda sempre, estamos ao pé de outras pessoas que estão felizes e que transmitem energia positiva...” (A-03).</p> <p>“É muito bom porque para além de estar com os meus amigos, que eu gosto deles, estamos a apresentar o nosso trabalho e o fruto de muito tempo a praticar e a estudar...” (A-03).</p> <p>“... Acabamos por ficar muito felizes ao apresentar os nossos temas...” (A-03).</p> <p>“... Sinto-me tranquila, sinto felicidade, sinto-me bem, porque é uma coisa que eu gosto muito de fazer, e quando sei que posso partilhar com alguém e tenho alguém a tocar comigo é muito bom, sinto-me muito confortável e é agradável porque estou a fazer uma coisa que gosto...” (A-03).</p> <p>“... Ela tem 8h letivas pós a escola, exige muito dela e ela nunca que falta. É sinal que gosta, porque se não gostasse, arranjava desculpas para não ir...” (EE-03).</p> <p>“Acho que é importante estar envolvido na classe de conjunto... acho que sou um importante membro e que posso fazer parte do <i>Ensemble</i> de guitarras...” (A-04).</p> <p>“Sinto que é uma coisa que eu gosto, sempre quis fazer parte... eu quero manter-me por muito tempo, porque é um prazer que tenho tocar no <i>ensemble</i> de guitarras. Saber que o professor me acha um elemento importante. Também gosto de me sentir importante” (A-04).</p> <p>“... Dá um certo gosto ouvir a música e tocar com os colegas” (A-05).</p>
--	--	--	--

			<p>“Sinto prazer. Temos momentos de conviver com o grupo” (A-05).</p> <p>“Sinto-me muito feliz porque posso fazer parte de um grupo, sinto-me bem acompanhada, com bons colegas e sinto-me muito feliz...” (A-06).</p> <p>“... Outro dia teve uma experiência pois estava a contar à amiga que ia ter uma entrevista e a amiga até lhe disse se ela agora era famosa! E ela toda vaidosa” (EE-06).</p> <p>“Senti alegria por tocar com outras pessoas, não estar sempre a tocar sozinho, senti curiosidade para ver as músicas que ia tocar e se ia tocar músicas diferentes” (A-07).</p> <p>“Identifico-me como uma peça (elemento) importante e os outros também. Ao saber que vou ter música de conjunto, sinto alegria, ansiedade e sinto-me bem” (A-07).</p> <p>“Sinto-me bem por fazer parte de um conjunto de guitarras do conservatório e onde somos todos importantes. Sinto-me feliz e importante por fazer parte desta classe” (A-07).</p>
	<p>Gestão emocional em concerto</p>	<p>O grupo é visto como um atenuador de ansiedade e pressão.</p>	<p>“Uma pessoa quando toca sozinha há sempre mais pressão... Tocar em grupo é um espírito diferente... se eu estou nervosa, sei que os outros também podem estar... acho que isso ajuda um bocadinho nessas situações” (A-01).</p> <p>“... Contribui para o nosso relaxamento, porque quando vamos para uma aula, é intencional aprendermos e fazermos aquilo porque vai contar para nota, sendo agora uma oferta complementar, ou seja, que não conta para nota, temos mais vontade de aprender. Podemos errar porque temos lá alguém para nos ajudar, e acabamos por estar num ambiente diferente da aula, para além de estarmos com o professor, estamos também com os colegas, estamos mais descontraídos e ajuda-nos a relaxar” (A-03).</p>

			<p>“Muito nervosismo... olho para tudo e para todos, para ver quem é que está lá a olhar para nós. Nas audições eu mal me mexo, quando estou com o grupo, acho que estou um bocadinho mais descontraída e acho que não chego a estar nervosa porque estou ali com mais pessoas” (A-03).</p> <p>“... No último concerto, eu perguntei-lhe se estava nervosa, e ela disse: “não mãe, não estou, já estou um bocado habituada”...” (EE-03).</p> <p>“... As peças a solo são mais delicadas... acho que as peças são mais difíceis, muito mais trabalhadas, muito mais elaboradas, mais completas, mais difíceis tecnicamente, e também por isso cria ali uma carga em cima da peça maior...” (EE-03).</p> <p>“... Tocar em grupo em concertos às vezes posso errar que o erro pode ser abafado pelos colegas e não prejudicar tanto como tocar a solo. Sinto mais nervosismo se tocar a solo e menos na orquestra de guitarras, porque a solo não tenho ninguém para me ajudar... No <i>ensemble</i> de guitarras, já me sinto mais descontraído porque há colegas que eu posso confiar e me ajudam” (A-04).</p> <p>“... Em grupo sinto menos nervosismo do que a tocar sozinho. Quando estou um bocado nervoso olho para os meus colegas e o meu nervosismo diminui. Tenho sempre mais ajuda quando estou a tocar em grupo” (A-05).</p> <p>“... Cria-lhes o à vontade, no caso do auditório... percebo que eles ficam ali numa situação de tensão e quando estão em conjunto chegam ao concerto muito mais relaxados e descontraídos” (EE-05).</p> <p>“... Ela é uma amiga que está sempre presente quando eu mais preciso. Quando... nervosa ela dá-me conselhos para eu não me sentir assim e que vai correr tudo bem...” (A-06).</p>
--	--	--	---

			<p>“... Tocar sozinha sinto-me mais sozinha e um pouco mais nervosa. Quando toco em grupo, sinto-me mais confortável porque estão sempre lá os meus colegas que me podem ajudar...” (A-06).</p> <p>“... Ela é muito inibida e fica muito stressada antes dos concertos... No último a colega foi ao pé dela e disse-lhe para ter calma, para não ficar assim, e ela acalmou mais um bocadinho... A convivência com outros meninos acho que a está a ajudar muito, não só aqui no conservatório, mas também na vida pessoal dela” (EE-06).</p> <p>“... Sinto-me mais confortável a tocar em conjunto porque tenho a ajuda dos meus colegas” (A-07).</p> <p>“Quando toco sozinho fico mais nervoso, porque só sou eu a tocar... mas nos concertos da classe de conjunto, não fico tão nervoso porque somos todos a tocar e se eu me enganar consigo voltar a tocar...” (A-07).</p>
	<p>Relações sociais</p>	<p>É valorizada a dinâmica de enfrentar o público na autoconfiança</p>	<p>“Ela era um bocado fechada e tímida, características que herdou, e com os concertos nota-se diferente... mais descontraída...” (EE-01).</p> <p>“Eu gosto de tocar em público, mas eu sinto-me mais à vontade tocando no grupo do que sozinha... Andar neste grupo me tem ajudado a tocar nas audições, porque como toco mais vezes e contacto mais vezes com o público, tem-me ajudado a tocar nas audições sozinha, sinto-me mais à vontade, mesmo que tocar com o grupo e tocar sozinha ser totalmente diferente. Quando toco com o grupo sinto-me mais à vontade, mais relaxada e mais divertida, porque a responsabilidade não é só minha, então se as coisas correrem mal eu posso ter culpa mas não se vai notar tanto” (A-02).</p> <p>“... Muito mais à vontade, deixou de ter aquele receio, das pessoas, do público, parece-me que está mais ou menos à vontade...” (EE-02).</p>

			<p>“... Tem o gosto de partilhar o que aprende, o que sabe. Por exemplo, ela no início das aulas de guitarra, mesmo antes do grupo, a Francisca pedia-me sempre para eu não ir às audições, porque tinha vergonha que eu estivesse lá a ouvir, e agora não, está mais à vontade, não há problema. Posso ir às audições de guitarra, aos concertos, que vou sempre, e ela já não tem encanhamento de tocar para mim, para avó, que vai muitas vezes, sempre que pode também, não tem vergonha alguma, está muito mais à vontade...” (EE-02).</p> <p>“É bom para sabermos estar em diversos locais... habitua-nos também a estar em concertos com mais barulho, outros com menos, as pessoas estão ali só para nos verem...” (A-03).</p> <p>“... Esta componente de enfrentar o público... ninguém se sente tranquilo nem à vontade quando enfrenta uma multidão... é importante para nós conseguirmos ultrapassar esses receios que vamos ter e vão acontecer várias vezes ao longo da nossa vida. Eu acho que é uma excelente preparação. Mesmo na vida académica, vai ter de apresentar trabalhos em público, vai ter que fazer dissertações, trabalhos orais e é muito mais fácil se já tiver esta experiência...” (EE-03).</p> <p>“... Acho muito bem, até para ele expressar os conhecimentos, e também expandir o conhecimento dele... o público estar a ouvir, e no fim os próprios aplausos das pessoas, acho que os faz crescer mais. Mesmo interiormente, acho que os faz sentir mais orgulhosos de si próprios” (EE-04).</p> <p>“Eu lembro-me do meu colega ter uma audição, e ele disse: Deu-me uma branca, e chegou lá já não sabia. Qualquer pessoa sente a pressão. A esse respeito já se nota uma diferença enorme no comportamento dele...” (EE-05).</p>
--	--	--	--

			<p>“... Posso mostrar um bocadinho do que tenho aprendido nas aulas com o Professor... às vezes estou um bocadinho nervosa porque tenho medo que alguma coisa corra mal, mas depois acaba por correr tudo sempre bem” (A-06).</p> <p>“... Há vontade, mesmo os próprios concertos obrigam a que ela tenha outra presença em palco, que tenha contacto com o público, tudo isso vai ajudar bastante para a vida dela... é para aproveitar esta oportunidade que lhe estão a dar porque acho que é uma experiência para a vida...” (EE-06).</p>
	<p>Relação professor/aluno</p>	<p>O professor é valorizado no seu papel de organizador do trabalho.</p>	<p>“O papel do professor é essencial, não só para ajudar nas diferentes vozes, como também, organizar as coisas, dar-nos luzes do que devemos fazer e que aspetos devemos trabalhar” (A-01).</p> <p>“O professor tem-se tornado muito ativo, tem sempre ajudado a trazer peças novas, coisas novas e a manter-nos motivados para continuar. O professor diz sempre coisas acessíveis a toda a gente, apesar nós todos andarmos em graus diferentes... Conseguimos todos tocar e isso é bom...” (A-02).</p> <p>“Eu tenho dois professores de guitarra, e provavelmente nunca contactaria com o professor... Dois professores que são totalmente diferentes, ensinam-me e transmitem-me coisas totalmente diferentes, assim posso aprender com um e com o outro” (A-02).</p> <p>“... Se não estávamos ali todos perdidos, porque para além do professor ser nosso professor, acaba por ser também nosso amigo, ouve-nos, conta-nos histórias e todas acabamos por desenvolver uma amizade com o professor e com os colegas. O professor arranja sempre músicas que todos gostem, que todos saibam tocar, ajuda tudo e todos e é muito bom, eu gosto do professor” (A-03).</p>

			<p>“O papel do professor é importante porque pode ajudar os colegas. Também pode fazer um naipe completamente diferente como aparece no “Canon”. O professor ajuda-nos, dá marcação, diz-nos quando as músicas começam, pulsação e quais são as músicas” (A-04).</p>
		<p>O professor é valorizado pela dupla função professor/músico.</p>	<p>“... O papel do professor tem muita importância... fornece ajuda quando temos dificuldades. Para além de professor também está inserido no grupo” (A-05).</p> <p>“... Sem o Professor não éramos nada, porque o Professor acompanha-nos desde que entrámos no Conservatório e o Professor dirige muito bem. Se tivermos um problema o Professor tenta arranjar estratégias para resolver... sinto-me mais confortável porque sei que o Professor é uma pessoa de experiência e que nós temos sempre alguém assim para nos apoiar. Por exemplo, para dar entradas, ele faz-nos olhares, expressões e acho que se ele não fizesse isso nós não nos conseguíamos organizar” (A-06).</p> <p>“O professor ajuda-nos a entrar na música, ajuda-nos nas notas, quando há uma falha num naipe, toca connosco e ajuda-nos.</p> <p>O professor ajuda-nos a aguentar com a música... quando há dinâmicas, por exemplo: piano, o professor toca mais baixo e nós começamos a tocar mais baixo...” (A-07).</p> <p>“Se tivermos um naipe que precisa de mais ajuda o professor pode tocar connosco e assim fortalece o som” (A-02).</p> <p>“... Quando há problemas, podemos pedir ao professor que nos acompanhe e que nos deixe treinar um pouco...” (A-04).</p>

Anexo 8 - Tabela de tratamento de dados (dinâmicas culturais)

Categorias	Subcategorias	Sentidos de resposta	Indicadores de resposta
Dinâmicas Culturais	Relação escola-meio (Diretor Pedagógico via email)	As dinâmicas da classe de conjunto e dos concertos são referidas como promotores da relação entre a escola e os pais.	<p>“... é de salientar um incremento na participação e envolvimento dos Pais, que acompanhavam a formação nas suas saídas, e colaboravam com a realização de ensaios extra. O dinamismo resultante da implementação desta formação permitiu não só a aproximação dos Pais ao Conservatório, tornando-os mais interventivos, colaborativos e em simultâneo reconhecidos pelo trabalho que o docente Igor Guerra desenvolveu junto da classe”(DP).</p>
	Parcerias com outras orquestras (Orquestra de	São realçados aspetos estéticos com a junção de	“Acho que é engraçado. Por exemplo, nós tocámos com a orquestra de flautas, e uma pessoa fala de flautas e de guitarra

	Flautas)	diferentes orquestras.	<p>e não se associa assim a muita coisa; são diferentes. Mas acho que não soa assim tão mal quanto isso..." (A-01).</p> <p>"... com a orquestra das flautas gostei muito, acho que se completam. Eu até pensei que nem fosse possível; parece assim um bocado disparatado, guitarras e flautas, mas lindo, gostei muito" (EE-01).</p> <p>"Acho que é bom e enriquecedor para nós... Andamos todos no coro, e o único contacto que temos é cantar com outras pessoas, e a guitarra é vista como um instrumento muito individual, e é interessante ver como ela fica que até a nós nos surpreendeu, é interessante ver como ficou... Com a orquestra de flautas dá um conjunto muito melhor, do que tocarmos sozinhos, sem dúvida" (A-02).</p> <p>"... Tiveram a oportunidade de participar com os colegas que tocam flauta por exemplo e gostaram muito..." (EE-02).</p> <p>"... Excelente primeiro para quem participa... ver a relação que há entre eles, depois o resultado que já sabem dentro do grupo deles como é, mas adaptarem-se a outros sons, a outras pessoas também, eu acho que é uma ideia fantástica, o resultado é fantástico e sempre que tocaram com outros, o resultado acho que foi ainda mais bonito no ponto de vista artístico, mais agradável" (EE-02).</p> <p>"Acho que fica muito engraçado... acho que todos os instrumentos têm um som único e misturado fica uma coisa muito bonita. Eu adorei quando fizemos pela primeira vez no "Café Concerto" com a orquestra de flautas, foi espetacular porque eram dois instrumentos muito diferentes" (A-03).</p> <p>"... Gostei muito do resultado final, já tínhamos visto no Café Concerto, gostei muito. E lá está, quando algum desafina porque não está tão bem preparado, há sempre ali um suporte, e no fundo há uma união entre todos para que tudo</p>
--	-----------------	------------------------	---

			<p>corra bem... o resultado final é muito bom. Há aqui uma questão de coordenação... muito mais complicado colar aquela gente toda, porque cada um tem a sua dinâmica, estão habituados a ritmos diferentes, os instrumentos são diferentes... mas por isso é que está lá alguém a dirigir uma orquestra, e notava-se que havia ali alturas que a coisa não colava... nem tem tanto a ver com a preparação ou não, acontece... acho que, essa capacidade de coordenar... é uma experiência nova para ela... porque não tem grande experiência a esse nível... gestão da ansiedade também é importante, e tudo isso são fatores importantes que a vão ajudar a desenvolver pela vida fora..." (EE-03).</p> <p>"Tive a experiência com a orquestra de flautas. Achei que era um som totalmente diferente da guitarra... acho que podemos desenvolver mais o nosso ouvido e tocar com outras orquestras também é importante e fazer mais relações também" (A-04).</p> <p>"... É interessante, são coisas diferentes do que estar a ouvir só as guitarras... são diferentes instrumentos, mas que realmente combinam, e para além de os alunos interagirem uns com os outros também" (EE-04).</p> <p>"Ao ouvido parece-me bem... acho que a interação é uma mais-valia a meu ver, eu gosto da atuação das guitarras a solo mas acho que fica um pouco repetitivo... gosto aquela questão que introduziu de bater na viola (tambora), são manobras em que existe uma interação entre os instrumentos..." (EE-05).</p> <p>"... É muito bom porque podemos fazer novas amizades... mais possibilidades temos para tocar melhor em grupo... a orquestra toca muito bem, mas com outra orquestra é sempre muito melhor. Acho que o som estava muito equilibrado entre as guitarras e as flautas e soou muito bem" (A-06).</p>
--	--	--	--

			<p>“... Adorei, gostei muito. Achei importante. E mesmo para ela também foi importante, ela gostou muito...” (EE-06).</p> <p>“... Quando tocamos com outras orquestras, temos de estar mais atentos, concentrados... e ao professor que está a dirigir” (A-07).</p> <p>“... É sempre uma mais-valia, para os intérpretes, para os próprios dirigentes, o maestro, os professores, todos os que participam, é sempre uma mais-valia. Primeiro, é troca de experiências que nos ajudam a lidar com situações diferentes. E depois, para os alunos, constituem mais um desafio, é mais uma aprendizagem. A experiência que eu tenho, as formações que eu tenho visto... há uma série de condições técnicas que é difícil assegurar e que nem sempre conseguimos colocar no nível ótimo. Mas para mim a situação é sempre muito boa, muito enriquecedora para todos os miúdos que participam nela. De facto é uma sorte, são os privilegiados por estarem a contactar e viverem neste universo, no universo artístico, no universo da música, por poderem partilhar este tipo de experiências, aquilo que sabem, saber aquilo que os outros já sabem também, e tentar a superação, e tentar ser melhor, crescer e acho que é isso os motiva...” (EE-07).</p>
	Parcerias com as várias instituições	A realização de concertos em parceria com instituições locais é referida como promotora do desenvolviment o musical e artístico dos alunos.	“...Com aumento de solicitações para atividades externas propostas pela Direção Pedagógica, permitiu que a formação desenvolvesse várias parcerias... contribuindo para a realização de diferentes atividades, desta forma, levaram à necessidade de aumento de repertório e conduziram, inevitavelmente, ao aumento da prática performativa” (DP).
	O prazer pela partilha	Os concertos são vistos como uma partilha do	“É apresentar às pessoas o nosso trabalho, que nos esforçamos e gostamos de fazer” (A-01).

		<p>esforço e empenho desenvolvidos.</p>	<p>“Sinto-me bem, porque eu gosto bastante de fazer parte de um grupo, mostrar às pessoas o nosso trabalho, aquilo que nós fazemos nas aulas” (A-01).</p> <p>“É sempre bom poder partilhar o nosso trabalho, e não o manter connosco. O que nós fazemos e o que nós trabalhamos... Mas é o que nós trabalhamos e é sempre bom poder chegar às outras pessoas, partilhar e receber de certa forma uma resposta positiva do público. Quando o público se levanta para nos aplaudir, é muito engraçado e até nos trás mais motivação, e como vemos que o público gosta nós, sentimo-nos mais confiantes” (A-02).</p> <p>“... Gosto de ver o público a aplaudir porque gostam, porque há aquele tipo de pessoas que aplaudem só porque é boa educação e outras porque gostam e então eu gosto muito quando noto que as pessoas gostaram do que nós fizemos, porque trabalhamos muito para isso e é bom saber que os outros também sabem apreciar o nosso trabalho” (A-03).</p> <p>“... Normalmente uma orquestra tem sempre mais impacto para quem está a assistir e mesmo para quem está atuar, portanto deve ser interessante...” (EE-03).</p> <p>“... Ter o feedback que as pessoas também gostam. E foram aplaudidos. Achei muito bem pedirem para repetir novamente a última música. Acho que isso estimula muito. No caso da nossa filha, é a recompensa pelo esforço que teve, porque o público que estava ali que não eram só pais nem familiares, portanto médicos, enfermeiros, auxiliares, pacientes, visitantes, era todo o tipo de gente e valorizou muito este espetáculo...” (EE-03).</p> <p>“... Acho que se fossem mais concertos não se perdia nada, tanto para nós que gostamos de ver, mas principalmente para eles que gostam muito de participar e sentem-se realizados. A minha filha</p>
--	--	---	--

			<p>adora” (EE-03).</p> <p>“ Para mim é um gosto enorme tocar em público... quando estamos a tocar, as pessoas estarem a gostar, nós também gostamos quando as pessoas ouvem e gostam porque é um prazer para a orquestra” (A-04).</p> <p>“É uma alegria muito grande. Eu gosto muito de música e sinto que posso partilha-la com os outros colegas... Em vários concertos... fizeram-me olhares felizes e eu senti-me bem porque percebi que eles estavam a gostar da música que nós estávamos a tocar. Isso faz-nos sentir muito felizes e que o nosso trabalho vale a pena. No fim dos concertos os meus pais davam-me sempre os parabéns e eu senti-me feliz porque eles gostaram muito da música que nós estávamos a tocar e pude dar uma alegria aos meus pais” (A-06).</p> <p>“Sinto-me nervoso, mas sinto-me bem para mostrarmos ao público o trabalho que nós fizemos ao longo do ano.</p> <p>Sinto-me feliz por estar a mostrar a todos o que nós fizemos” (A-07).</p> <p>“... É bom para promovermos o nosso trabalho, mostrar às pessoas o que nós fazemos... e levar a música a outros sítios...” (A-07).</p>
	<p>Sensibilização do público (Divulgação)</p>	<p>Os concertos são valorizados nas experiências que proporcionam aos pais e público em geral.</p>	<p>“Por exemplo, nós já fizemos vários concertos desde o início do ano em vários sítios, que não estão associados a certos tipos de música... Acho que é bom levar a música a diferentes sítios, dar conhecimento às pessoas do nosso trabalho, de coisas diferentes, porque nem toda a gente aprecia, nem toda a gente conhece bem...” (A-01).</p> <p>“Acho que é levar... o nosso estilo de música... mas talvez não seja assim um estilo de música conhecido pelas pessoas, e acho que foi bom levar essa música para as pessoas ouvirem” (A-01).</p>

			<p>“Eu reconheci lá (nos diferentes concertos) pessoas que sei que sabem de música e que gostam de música; ficaram encantadas. Eu gosto de ouvir, mas essas pessoas que têm outra formação, ficaram maravilhadas. É (também) importante tocar em sítios onde as pessoas não saibam nada de música, que gostem só de ouvir” (EE-01).</p> <p>“... A guitarra é um instrumento que tem um som lindíssimo, na minha opinião e acho que todos gostam de ouvir, fácil de transportar, e acabamos por ir a diferentes locais, fazer diferentes atividades, sempre no âmbito de tocar, mas para diferentes pessoas de diferentes aspetos... (A-03).</p> <p>“Poder saber que a nossa música é apreciada, que gostam de nos ouvir tocar e querem que toquemos muitas vezes, porque no fundo, por palavras simples, é divertido. É importante levar a música a todo lado” (A-04).</p> <p>“O público mostra felicidade por estarmos a prestar um bom concerto” (A-05).</p> <p>“... No concerto do Hospital havia lá doentes que não podiam sair de lá, nós fomos lá e acho que eles se sentiram melhor, porque nós fomos lá dar alguma alegria... às vezes, certamente, sentem-se sozinhos e nós fomos lá fazer-lhes companhia...” (A-06).</p> <p>“... Ela quer mostrar que sabe tocar guitarra, quer que toda a família participe nos concertos. Noto-a nesse aspeto muito diferente...” (EE-06)</p> <p>“... Estão a começar, o grupo também é um bocadinho restrito ainda, mas acho que foi uma iniciativa ótima, eu acho que para qualquer um deles... ela está muito contente com a orquestra.... eu acho que deviam fazer mais concertos, a outros níveis, noutras situações, e acho que têm</p>
--	--	--	---

			<p>tudo para dar certo” (EE-06).</p> <p>“Sinto-me bem porque nós vamos às aulas, aprendemos e depois queremos mostrar a alguém o que nós fizemos, e mostramos ao público.</p> <p>Sinto-me bem por saberem que estamos a fazer um bom trabalho, sinto-me feliz” (A-07).</p> <p>“... Num contexto de formação de classe de conjunto, é ótimo porque aí estamos perfeitamente à vontade e estamos a gozar mesmo só o momento e percebemos que eles gozam também...” (EE-07).</p> <p>“... Eu espero que o Afonso continue e que a classe de conjunto continue. Que o <i>Ensemble</i> de Guitarras tenha muitos espetáculos para nos mostrar não só aqui mas fora, pois foi de facto muito importante” (EE-07).</p>
	<p>Desenvolvimento cultural do meio</p>	<p>O <i>ensemble</i> de guitarras é visto como um contributo para o desenvolvimento cultural.</p>	<p>“Guitarras é uma coisa que se calhar aqui na nossa região não temos... Acho que aqui no nosso meio, e há uns anos atrás não tínhamos nada para além daquelas orquestras de festa. Agora é diferente... Com estes ensinamentos, acredito que no futuro saiam daqui grandes músicos... Isto não é só para a realização da minha filha, mas também é um contributo para sociedade, que foi uma coisa que nunca tinha acontecido cá. Foi uma ideia brilhante” (EE-01).</p> <p>“Eu acho que as pessoas veem a guitarra como um instrumento individual... Uma pessoa que toque sozinha, acaba por ser monótono, porque é assim que é visto o instrumento, eu acho... Agora quando é um grupo, acho que é uma novidade, apesar de haver mais grupos é sempre uma coisa nova... Como nós temos muitos concertos, estamos a transmitir a nossa música a outras pessoas... Enriquece-se sempre e fica-se a conhecer novas coisas e de certa forma deixa-se influenciar sempre pelo que ouve, e até podemos estar a transmitir novas coisas do instrumento, que muita</p>

			<p>gente desconhece porque nunca estudou música ou nunca teve interesse” (A-02).</p> <p>“Claro que pode, a cultura sabe bem e fica bem em qualquer sítio, quanto mais numa zona que há pouca cultura, pelo menos pouca divulgação da cultura, é sempre bom quanto mais com jovens que estão a iniciar e que ainda têm muito tempo pela frente para divulgar a cultura... tudo que possa este grupo ou outros fazer é ótimo, é excelente para qualquer zona. Eu gostei imenso, para os alunos e professores que participaram é ótimo, uma experiência que é sempre boa, para as pessoas e até agora dentro do contexto em que aconteceram esses concertos acho que foi ótimo. A todos a que eu fui estava muita gente, acho que gostaram... penso que criaram uma boa impressão porque as pessoas realmente gostaram, e movimentaram as pessoas que lá estiveram e que agradaram... dar a conhecer a cultura, e mesmo há públicos que não estão habituados assistir a nada cultural e é uma oportunidade para assistirem, para conhecerem e para começarem a gostar, e é importantíssimo em qualquer idade, como em pessoas de mais idade, como por exemplo até alguns intercâmbios entre os jovens e trocaram algumas experiências com jovens que toquem também, outros que não toquem e nunca tiveram contacto com a música pelas mais variadas razões, que nem estão habituadas e que se calhar à primeira vista não iriam apreciar, mas só não apreciam se não conhecerem, portanto não conhecendo não podem oferecer, portanto temos de lhes oferecer, e começando a ter conhecimento começaram a gostar “(EE-02).</p> <p>“... Na “Caixa Geral de Depósitos”, para o aniversário, depois naquela prova de vinhos, no Café Concerto, no Natal, foi sempre tudo completamente diferente. Desta forma, acaba por fazer com que as pessoas de habituem a nós, e não só nós ao público, porque a cultura musical nem todos têm, e é muito importante</p>
--	--	--	---

			<p>termos um bocado de música connosco...” (A-03).</p> <p>“... Por exemplo, quando fomos à prova de vinhos, nós não fomos lá para fazer um espetáculo e que toda a gente nos batesse palmas, fomos lá porque foi um acontecimento importante e fomos lá fazer uma demonstração para benefício e por causa de um momento musical naquele evento” (A-03).</p> <p>“... Acho muito positivo. Acho que o conservatório e de quem quer que sejam estas ideias do Café Concerto, do Hospital, incutem várias coisas: o espírito de solidariedade, no caso do Hospital, para pessoas que estavam doentes, para pessoas que estavam à espera de pacientes com determinados problemas que não sabemos... foi muito importante a componente de solidariedade... estar ali de forma gratuita e de coração... são valores que nós incutimos à nossa filha já na educação e penso que isto é muito bom e muito positivo para ela...” (EE-03).</p> <p>“... As pessoas às vezes não sabem muito bem o que é a música, e nós ao tocarmos com o <i>ensemble</i> podemos motivar essas pessoas a ouvirem mais música...” (A-04).</p> <p>“Conhecem novas pessoas, novos lugares. Levar o conhecimento musical às pessoas, que por vezes até gostam, mas que não têm possibilidade... No concerto solidário, ou em outros contextos, como por exemplo: nos “140 anos da Caixa Geral de Depósitos”, para dar conhecimento que em Vila Real existem músicos capazes e com outra educação...” (EE-04).</p> <p>“Sim é um meio de levar o que é feito dentro do conservatório para o exterior... o que é feito cá dentro não teria conhecimento para além dos pais que vêm cá, por exemplo: concertos feitos no final do período, eram só feitos para os familiares dos meninos que tocam e cantam, assim, já abrange outro</p>
--	--	--	---

			<p>público... antes de termos cá os nossos filhos, eu nunca tinha entrado no conservatório... se o conservatório não for para o exterior as pessoas não têm conhecimento do que aqui se faz, outro aspeto positivo é levar os miúdos para outros contextos e faze-los atuar nos mais diversos palcos, mais formais, menos formais isso é sempre importante” (EE-05).</p> <p>“Nós culturalmente não somos evoluídos... tenho a perceção que competências ao nível da música são importantes, quer seja para mais tarde ou não tirar proveito profissional... eu não conhecia nenhum instrumento... e agora obviamente já sei... distingui-los praticamente a todos, fui influenciado e motivado. Eu levei os meus filhos à música, há outros que são influenciados pela música que vai até eles e daí a vossa missão é relevante” (EE-05).</p> <p>“... As pessoas se devem sentir-se mais felizes e nós também, porque podemos mostrar um bocadinho do nosso trabalho” (A-06).</p> <p>“... E muito importante porque nós aqui na nossa cidade temos poucos momentos culturais, até agora foram muito pouco divulgados, e eu acho que é sempre muito bom acontecer estes momentos, seja lá em que lugar for...” (EE-06).</p> <p>... Tocámos na “Caixa Geral de Depósitos”, no “Hospital” e no “Café Concerto”, e promovemos a cultura. Tocamos novas coisas e mostramos o nosso trabalho a várias pessoas sem ser do conservatório. (A-07)</p> <p>“... Equipamentos culturais como o conservatório, o teatro, e uma série de museus, enfim de equipamentos culturais, tem permitindo formar novos artistas em qualquer uma das disciplinas artísticas. E tem também permitido dar a conhecer à população aquilo que é um património cultural que todo o cidadão tem o direito de ter acesso e conhecer...”</p>
--	--	--	--

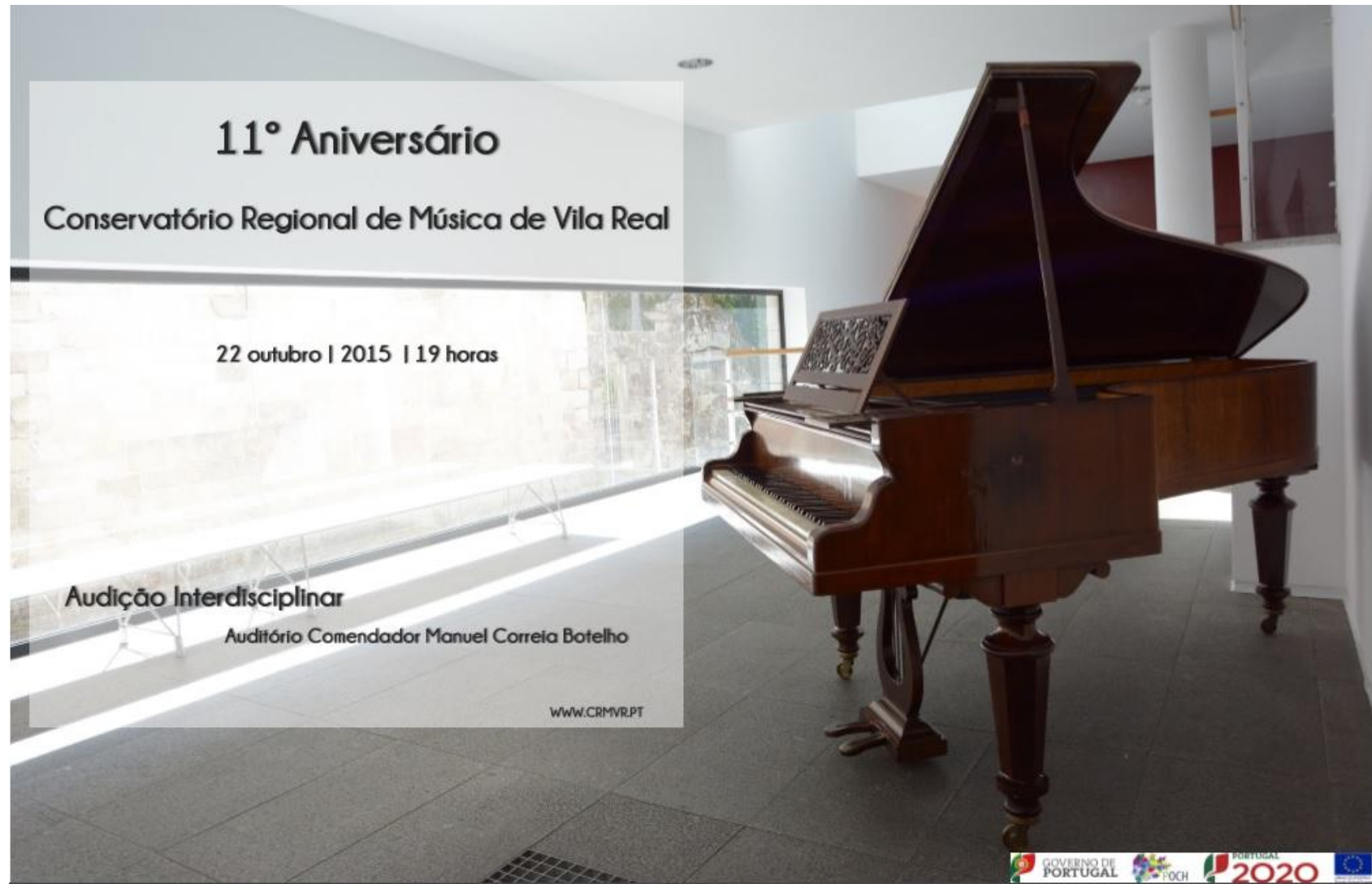
			<p>quando o conservatório sai da zona de conforto e vai para fora com o <i>Ensemble</i> de Guitarras ao “Hospital”, por exemplo, a espaços não convencionais, a um Café, a uma rua, aqui em Vila Real numa zona urbana ou numa zona rural, cada vez que vai com o intuito de levar música ao cidadão, está a prestar um serviço público, um serviço que tem de ser reconhecido...” (EE-07).</p>
	<p>Locais e contextos dos concertos</p>	<p>Os diferentes locais dos concertos são valorizados pela aproximação da cultura a diferentes públicos.</p>	<p>“Acho que foi uma terapia para aqueles doentes. Eu observei as pessoas que entravam e que não contavam com aquilo, e acho que ficaram com uma agradável surpresa. Estar a levar estas atividades (orquestras) aos sítios onde se vive a música, se calhar não me arrasta a mim e não arrasta muita gente, enquanto que assim, é no café, é ali no jardim, é aqui nos espaços do concelho, etc, as pessoas vão e a música vai às pessoas e é uma forma de ficarem a conhecer” (EE-01).</p> <p>“Eu acho isso bom, porque podemos chegar a nossa música que nós estamos a trabalhar a outras pessoas diferentes, porque se nós só tocássemos no conservatório, só chegaria às pessoas que queriam vir cá ver, aos nossos pais por exemplo, enquanto nós quando tocamos na “Caixa Geral de Depósitos”, chegamos a outras pessoas que têm outras coisas totalmente diferentes e que nunca se interessaram por isto... Na Câmara estava lá uma conferência dos vinhos, nós fomos fazer chegar o nosso trabalho a pessoas que não têm nada a ver com isto, nada haver no sentido que a profissão deles não tem a ver com a música, e que até podem gostar e aprender mais” (A-02).</p> <p>“...Logo que saíram a primeira vez, gostaram imenso dessas experiências. O facto de serem locais diferentes e com públicos totalmente diferentes foi-lhes sempre agradando imenso, e querem fazer mais; estão sempre a pedir para se repetirem essas experiências, porque realmente é diferente do que estar numa</p>

			<p>aula só, uma hora no mesmo espaço. Assim, convivem com outras pessoas, não só com um professor mas também com outros colegas da aula de guitarra..." (EE-02)</p> <p>"... Acho que isto é uma forma muito descontraída de levar um tipo de música às pessoas que não estão habituadas... eu acho que em termos puramente culturais, é uma forma de as pessoas chegarem a uma determinado tipo de cultura que não chegariam de outra forma... eventualmente nem tinham disponibilidade mental, nem estavam preparadas para isso... peças que normalmente o público-alvo de Vila Real não iriam a um concerto de música clássica de guitarra. É educar o ouvido, a nossa mente e a forma de pensar. Acho que isto é uma forma de chegar a muito mais pessoas que de outra forma penso que não chegaríamos" (EE-03).</p> <p>"Sinto alegria, prazer em tocar para as outras pessoas... gosto que as pessoas apreciem a minha música e a dos outros também. "Sinto que sou importante, que os meus pais gostam de me ouvir tocar e que posso tocar sempre que quiser, porque os meus pais vão sempre apreciar a minha música" (A-04).</p> <p>"Gosto de partilhar ao público o trabalho feito, sinto prazer em tocar em público principalmente ao tocar com a orquestra" (A-05).</p> <p>"... O concerto no hospital, acho que foi muito bonito e gratificante. Acho que a mensagem foi passada, é isso que eu sinto..." (EE-06).</p> <p>"... Enquanto professores e promotores destas iniciativas, quando pensam em criar um agrupamento destes, estão a sair fora da zona de conforto, estão a levar os meninos para fora da zona de conforto, mas estão a ganhar junto da comunidade e a comunidade está a ganhar convosco um valor que é enorme... ganham os miúdos porque se habituam a um público diferente e ganha</p>
--	--	--	--

			a comunidade de forma incalculável, porque estas coisas da cultura são muito difíceis de medir..." (EE-07).
	Repertórios dos concertos	É valorizada a adequação dos repertórios aos contextos.	<p>"Eu acho que sim... nós se vamos tocar a um sítio onde é preciso alegrar as pessoas, acho que é importante termos músicas mais alegres ou mais mexidas para também transmitir isso às pessoas" (A-01).</p> <p>"No <i>Ensemble</i> de guitarras temos peças mais fáceis do que as peças que tocamos a solo" (A-02).</p> <p>"... Em geral sim gostamos, porque como é fácil, motiva-nos mais. Se fossem peças muito difíceis nós desistíamos logo, porque não conseguíamos tocar aquilo à primeira... nós gostamos do resultado, dá-nos mais prazer a tocar" (A-02).</p> <p>Gosto mais do "Canon", porque as outras são do género que tocamos nas aulas individuais e então as mais diferentes são as que eu gosto mais" (A-02).</p> <p>"No hospital, por exemplo, tem de ser uma música mais alegre e mais animada, porque são pessoas doentes e mantêm a mente de certa forma muito negativa, estão um bocado tristes porque têm uma doença, nós ao tocarmos, acho que vai trazer um pouco de alegria a essas pessoas, enquanto se formos tocar a um sítio mais formal... Não é tão bom levar uma música tão alegre, é uma música mais formal, é assim, uma música menos na desportiva" (A-02).</p> <p>"... A maior parte das pessoas quando está triste (música), quando estão felizes (música), quando não estão a fazer nada (música) ..." (A-03).</p> <p>"É muito importante... é bom escolher o que vamos tocar e também inclui o que estamos a desenvolver melhor, o que sai mais bonito no som" (A-03).</p> <p>"... Temos uma música específica para esse lugar... acho importante a escolha</p>

			<p>do repertório porque as pessoas... gostam de saber que nós tocamos as músicas que gostam de ouvir” (A-04).</p> <p>“... Quando fomos ao hospital... escolhemos temas alegres para dar uma certa alegria às pessoas para elas se sentirem melhor...” (A-06).</p> <p>“É importante. No “Hospital” por exemplo, não devemos tocar música que não seja alegre, porque normalmente as pessoas não estão felizes, por isso gostam de ouvir músicas alegres para se alegrarem. Mas, por exemplo, no “Café Concerto”, as pessoas estavam a tomar um café e gostam de ouvir música alegre” (A-07).</p>
--	--	--	---

Anexo 9 - Cartaz do 11º aniversário do CRMVR (audição da aluna de guitarra)



Anexo 10 - Artigo e cartaz do concerto do ensemble de guitarras na comemoração da Confraria dos vinhos do Douro

Confraria dos Vinhos do Douro assinala 25 anos com entronização de novos confrades

Catarina Matias

● No ano comemorativo dos 25 anos da sua fundação, vários membros da Confraria dos Vinhos do Douro foram recebidos no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Real, no dia 14, para proceder à cerimónia de entronização dos novos confrades. A sessão solene, precedida por uma prestação da Orquestra de Guitarras dos alunos do Conservatório de Música de Vila Real, visou a atribuição do título de Confrades Honorários à Câmara Municipal de Alijó, representada pelo presidente Carlos Jorge Magalhães, à Diocese de Vila Real, na figura do bispo D. Amândio Tomás (Confrades Arrais), e ainda, à Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego (Confrades Carreiro), representada pelo diretor Paulo Morais Vaz.

As boas vindas foram dadas pelo anfitrião da casa, Rui Santos, que classificou as confrarias como “uma expressão da sociedade na tentativa de preservar as suas tradições e de enaltecer as

O vinho esteve em destaque no Salão Nobre da Câmara Municipal, local escolhido para a **CERIMÓNIA DE ENTRONIZAÇÃO DA CONFRARIA DOS VINHOS DO DOURO, QUE FESTEJA ESTE ANO 25 ANOS** desde a sua fundação



● VÁRIAS PESSOAS brindaram com vinho do Douro

identidades próprias, assim como o município promove atualmente”. “Neste caso concreto, acompanhamos a defesa da valorização e promoção de todos os vinhos

e seus derivados da região do Douro com um entusiasmo sem limites. E estamos certos que o acolhimento da Diocese de Vila Real irá fazer lembrar o ano de 2015

como uma colheita generosa na história desta confraria”, referiu o presidente da autarquia, no decorrer do seu discurso, mencionando ainda o projeto Régia-Dou-

ro Park, “que pretende ser um centro de excelência na área da vinha e do vinho”, e a chegada da Capital da Cultura do Eixo Atlântico 2016, que decorrerá em Vila Real sob esse mesmo tema.

Para além da entronização dos confrades honorários e dos confrades efetivos, foram também exaltados os confrades parceiros, uma nova figura surgida este ano. “Achamos que havia muita gente no Douro que merecia ser confrade e que, só por não ser produtor, não o era. Assim, abrimos uma exceção e, depois de 25 anos, mudamos os estatutos para poder juntar a esta família aqueles que merecem tanto ou mais estar aqui”, revelou a confraria.

António Mesquita Montes, mestre patrão da congregação, explicou que esta não faz mais do que dar a conhecer a região aos próprios confrades, que muitas vezes desconhecem certos locais, e transpor ao público as virtudes do vinho que, “em tantas circunstâncias faz mal, mas que em muitas outras pode ser um amigo bem importante”.

“Temos uma região muito privilegiada e com produções de vinho muito diversas. Com as dificuldades que o país e as pessoas atravessam atualmente é complicado, mas há sempre aqueles resistentes que provam que vale a pena fazer o elogio do vinho”, disse o responsável.

A sessão solene contou ainda com um momento especial dedicado à memória “daqueles confrades que já não estão entre nós”. Segundo Eugénia Almeida, vereadora da Cultura, esta iniciativa simboliza mais uma oportunidade de valorizar o que de melhor se faz na região e de honrar tradições. “Neste momento, o município está também a apoiar e a desenvolver a Confraria do Covilhete, que irá valorizar os muitos aspetos económicos e poderá ser parceiro nestes aspetos da vinha e do vinho”.

A comemoração encerrou com um brinde em que todos os presentes participaram e, em uníssono, proclamaram a saudação da confraria: “Honra e glória aos vinhos da Região do Douro, Paz e Saúde aos seus produtores”.

Orquestra de Guitarras do CrMVR

14 de Novembro de 2015

12 horas

Camara Municipal de Vila Real

GOVERNO DE PORTUGAL POCH PORTUGAL 2020

Anexo 11 - Cartaz do concerto de Natal pelo ensemble de guitarras na UTAD

A cartaz for a Christmas concert. At the top left is the logo for CRMVR (Conservatório Regional de Música de Vila Real), featuring a bird icon and the text 'CRMVR' and 'CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA DE VILA REAL'. To the right of the logo is the title 'Concertos de Natal' in a blue cursive font. The background of the poster is a soft-focus image of a blue Christmas ornament with silver scrollwork, resting on a white fabric. The text is arranged in three horizontal bands: the top band says 'Concerto com as Orquestras de Guitarras - Flautas - Clarinetes - Cordas - Orff', the middle band says 'Participação dos Coros Juvenil - Vozes Brancas - Misto do Conservatório', and the bottom band contains the venue and date information.

CRMVR
CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA DE VILA REAL

Concertos de Natal

Concerto com as Orquestras de
Guitarras - Flautas - Clarinetes - Cordas - Orff

Participação dos Coros
Juvenil - Vozes Brancas - Misto do Conservatório

Aula Magna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Conservatório Regional de Música de Vila Real

18 de dezembro de 2015, às 21:00


Anexo 12 - Programa do festival de Ano Novo, FAN, com a participação do ensemble de guitarras





<p>Sexta, 22 de Janeiro 21h00, Foyer principal Peças para piano</p>	<p>MARIANA ALVES ALEXANDRA VARELA E MELANY ALVES MIGUEL Prof. responsável: Rui Oliveira</p>	<p>M. Clementi: Sonatina op. 36 n.º 1, Andante (2.º andamento), Vivace (3.º andamento) J. S. Bach: Invenção a duas vozes (Dó Maior) Beethoven: Sonatina em Fá Maior, Allegro Assai (1.º and.) M. Moszkowsky: Estudo op.72 n.º 9 F. Liszt: Sposalizio (Anos de Peregrinação)</p>
<p>Sábado, 23 de Janeiro 18h30, Café-Concerto</p>	<p>ORQUESTRA DE FLAUTAS CLARINETE ENSEMBLE DE GUITARRAS Profs. responsáveis: Ana M.ª Miranda, Ana Rita Petiz e Igor Guerra</p>	<p>J. S. Bach: Cantata BWV 142 (Sinfonia e Corale) J. S. Bach: Suite N.º 3 em Ré Maior, BWV 1068 / Canon Pachelbel B. Kovacs: Homenagem a Manuel de Falla</p>
<p>Sábado, 23 de Janeiro 21h00, Foyer principal Peças para piano</p>	<p>MARIANA COSTA JOÃO CRUZ ALEXANDRE RIBEIRO MANUEL MATOS SARA RIBEIRO Profs. responsáveis: Ruslana e Vânia Santos</p>	<p>J. Haydn: Sonata Hob. XVI:27 em Sol Maior, 1.º andamento D. Scarlatti: Sonata em Ré Menor, K. 213 J. Brahms: Balada op. 10 n.º 1 J. S. Bach: Prelúdio e Fuga em Ré Menor (WTK I) J. S. Bach: Partita n.º 1, Sarabanda D. Scarlatti: Sonata em Ré Menor, K. 1</p>
<p>Sábado, 30 de Janeiro 16h00, Café-Concerto</p>	<p>PERCUSSÃO CLARINETE SAXOFONE Profs. responsáveis: Isabel Silva e Nuno Silva</p>	<p>John Heins: Sonata para percussão e clarinete Andrew Ford: Getting Blue Pierre Max Dubois: Circus-Parade G. Fauré: Pavane Astor Piazzolla: Close your eyes and listen Will Gregory: Hoe Down</p>
<p>Sábado, 30 de Janeiro 18h30, Café-Concerto</p>	<p>GRUPO DE PERCUSSÃO Prof. responsável: Isabel Silva</p>	<p>Ed Argenziano: Funky Buckets Josh Gottry: Tubz John R. Hearnnes: Clap Trap Lalo Davila: Rockin'Rickie Jr. Chris Brooks: 30 Gallon Groove Chris Brooks: 1.21 Jiggawatts Chris Crockarell: Pipe Down</p>

Anexo 13 - Programa da audição V Mostra Musical do Eixo Atlântico (participação da aluna de guitarra)



AUDIÇÃO INTERNA
Conservatório Regional de Música de Vila Real

http://www.crmvr.pt

V Mostra Musical do Eixo Atlântico

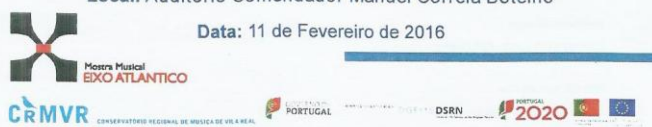
2016

Audição Interna para Seleção dos Alunos que vão representar o CRMVR e o Município de Vila Real

Horário: 19:30

Local: Auditório Comendador Manuel Correia Botelho

Data: 11 de Fevereiro de 2016



Programa

Solistas: Categoria A (até aos 13 anos)

Laurenço Afonso
Cinq Pièces Faciles - J. Absil

Raúl Eira
Yellow After the Rain - M. Peters
Viridiana - A. Schüter

Fernando Lopes
Chat Slave - Barat

Nuno Martinho
Celine Mandarine - A. Crepin
Rattle Snake Rag - C. Cowles

Solistas: Categoria B (14—18 anos)

Ana Fontinha
Suite em Ré m - R. Visée

José Magalhães
Morceau Symphonique - A. Guilmant

António Lopes
Solo Concours - Messeger

Ana Santos
Sonata (1º e 2º And.) - Poulenc

Lia Melo
Concerto em Dó m (3º And.) - J. Chr. Bach

Carlos Coelho
Cavatine - Saint-Saëns

Leonardo Afonso
Concerto (1º and.) - P.M. Dubois

Ana Margarida Filis
Soir dans les Montagnes - Bozza

Solistas: Categoria C (19—25 anos)

Eva Teixeira
2ª Partita (Saranda) - J. S. Bach

Guilherme Silva
Claribel - E. Bozza

Tiago Rocha
Mazurka - H. Wieniawsky

Professores Pianistas de Acompanhamento
Teresa Doutor
Bruno Rua

Agrupamentos de Câmara e Orquestra

Quarteto de Saxofones
Hoe Down - W. Gregory
Close your eyes and listen - A. Piazzolla

Quarteto de Cordas do CRMVR
Quarteto n.º 1 (1º e 2º And.) - F. Schubert

Grupo de Percussão
Funky Buckets - Ed Argenziano
Clap Trap - J. R. Hearnes
1.21 Jiggawatts - C. Brooks

Orquestra de Sopros
Give Us This Day - D. Maslanka
Hispania - O. Navarro

Anexo 14 - Programa da masterclass do Professor Miguel Carvalhinho

<p style="text-align: center;">INSCRIÇÃO:</p> <p>NOME: _____ _____</p> <p>MORADA: _____ _____</p> <p>ESCOLA QUE FREQUENTA: _____ _____</p> <p>GRAU: _____</p> <p>TELEFONE Nº: _____</p> <p>EMAIL: _____</p> <p>Inscrição: Executante <input type="checkbox"/> Iniciação <input type="checkbox"/></p> <p style="padding-left: 40px;">Externo <input type="checkbox"/> Ouvinte <input type="checkbox"/></p> <p style="text-align: center;">Assinatura. Enc. Educação</p> <p>_____</p>	<p style="text-align: center;">ORGANIZAÇÃO:</p> <div style="text-align: center;"><p>CRMVR CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA DE VILA REAL</p></div> <p style="text-align: center;">Conservatório Regional de Música de Vila Real</p> <p style="text-align: center;">Associação Cultural Comendador Manuel Correia Botelho</p> <p style="text-align: center;">AVENIDA CARVALHO ARAÚJO, 71 5000-657 VILA REAL</p> <p style="text-align: center;">Tel: 259 309 210</p> <p style="text-align: center;">conservatorio.vilareal@gmail.com</p> <p style="text-align: center;">www.crmvr.pt</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"><div data-bbox="945 1139 1128 1206"><p>REPÚBLICA PORTUGUESA Ministério da Educação</p></div><div data-bbox="1137 1139 1339 1177"><p>DGeste DSRN Direção de Serviços da Região Norte</p></div></div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"><div data-bbox="945 1222 1115 1276"><p>PORTUGAL 2020</p></div><div data-bbox="1164 1222 1272 1305"><p>UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu</p></div></div>	<div style="text-align: center;"><p>CRMVR CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA DE VILA REAL</p></div> <h2 style="text-align: center;">Masterclass de Guitarra</h2> <p style="text-align: center;">PROFESSOR MIGUEL CARVALHINHO</p> <div style="text-align: center;"></div> <p style="text-align: center;">Inscrições na secretaria do CRMVR até 19 de Março</p> <p style="text-align: center;">Dia 2 e 3 de Abril de 2016</p>
---	--	---

Anexo 15 - Cartaz do aniversário da Caixa Geral de Depósitos (concerto do ensemble de guitarras)



140
anos

OPEN DAY
10 DE ABRIL

No âmbito do 140.º Aniversário da Caixa Geral de Depósitos, temos a honra convidar V.ª Ex.ª para a comemoração que irá decorrer na Agência de Vila Real, com um momento cultural promovido pelo

CRMVR
CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA DE VILA REAL

Momento Musical com Obras de

E. Bloch
E. Grieg
L. Beethoven
R. Schumann
J. Pachelbel
e outros grandes compositores

Professora Sara Silva
Professor Bruno Rua
Professor Igor Guerra
Professora Dominika Anna

e

Músicos do Conservatório Regional de Vila Real
| Solistas | Ensemble de Guitarras |

Agência de Vila Real
Avenida Carvalho Araújo
15:00 às 18:00 horas





















Anexo 16 - Cartaz do concerto solidário no Festival MusicAlvão (concerto do ensemble de guitarras com a orquestra de flautas)



Anexo 17 - Cartaz do Festival MusicAlvão

SINOPSE DOS ARTISTAS / GRUPOS em www.crmvr.pt 8º FESTIVAL MUSICÁLVÃO 2016

<p>Orquestra de Flautas e de Guitarras</p> 	<p>Orquestra Ligeira do CRMVR</p> 	<p>Octeto de Sopros da EPABI</p> 	<p>Transmutações do Som</p> 
<p>Symbio Reed Quintet</p> 	<p>Percussão vs Percuñti</p> 	<p>Ensemble Hoortbarre</p> 	<p>Orquestra de Guitarras da ESART</p> 
<p>Grupo de Cantares Aléu</p> 	<p>Orquestra de Guitarras da ESART</p> 	<p>Henk van Twillert e os Ventos do Norte</p> 	
<p>Coro de Cantares Aléu</p> 	<p>Coral da Cidade de Vila Real</p> 	<p>Coro de Câmara da UTAD</p> 	
<p>Coro Infantil I e II do CRMVR</p> 	<p>Coro de Vozes Brancas do CRMVR</p> 	<p>ARS LUXURIANS</p> 	
<p>Paulo Vaz de Carvalho e Orquestra de Cordas do CRMVR</p> 	<p>José Valente</p> 	<p>ARS LUXURIANS</p> 	
<p>André Roque</p> 	<p>Orquestra de Sopros do CRMVR</p> 	<p>Montes de VILA REAL CAPITAL DA CULTURA Música</p> 